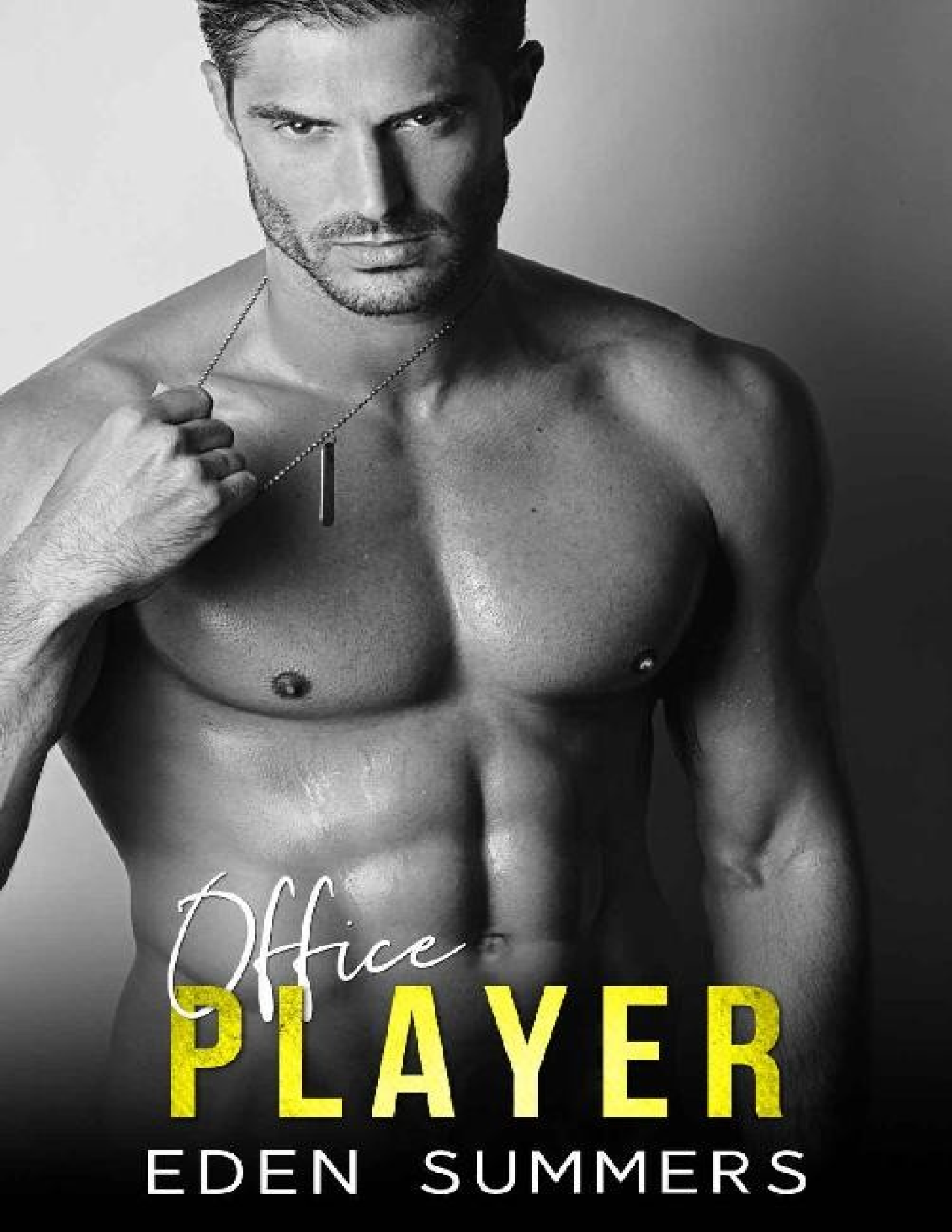

Office
PLAYER
EDEN SUMMERS



2020



Sinopse

Ele é arrogante, sedutor e sexy como o inferno.

Ele também é seu chefe e um erro que ela não pode repetir.

Então, por que ela está sucumbindo ao charme dele e aceitando uma carona para casa?

Ela é linda, inteligente e além de tentadora.

Ela também está totalmente fora dos limites de acordo com a política da empresa.

Mas as regras devem ser quebradas.

Especialmente quando a luxúria está envolvida.

Lutar contra sua atração sempre foi uma tortura.

Mas agora ele está cansado de lutar.

É hora de reivindicar o que é dele.

Capítulo 1

— Beth, você é um trunfo para a equipe Sutherland & Son, mas gostaria de torná-la muito mais do que isso. Muito muito mais.

As sobrancelhas de Beth saltaram com as palavras de seu chefe. Ele era velho o suficiente para ser seu pai, mas seu tom tinha uma insinuação que definitivamente não gritava intenção paternal quando ele se recostou no assento de pelúcia, com os dedos estendidos sobre o peito.

Isso tinha que ser uma piada. Certamente, a qualquer minuto, ele iria bater com a mão na mesa, cair na gargalhada e dizer: — Estou brincando. Não estou propondo seriamente a você para ser minha amante.

Ela colou um sorriso suave e tentou transmitir uma calma que continuou a iludi-la enquanto ela estudava as rugas suaves de sua expressão indiferente. Ele a examinou, a cabeça inclinada, as sobrancelhas levantadas, esperando uma resposta. O medo borbulhou fundo em sua barriga, multiplicando-se e girando até que seu estômago ameaçou se revoltar.

— Umm ... — Ela continuou a estudá-lo freneticamente, observando o conjunto firme de sua boca, o leve levantar de seu queixo.

Oh Deus. Ele estava falando sério.



Ela não precisava de tempo para considerar se queria ser sua pequena concubina suja. A resposta foi um acéfalo - um inferno retumbante não - mas ela precisava lidar com a situação com cuidado.

Seu coração martelou quando as paredes se fecharam, seu pânico encolhendo a sala a uma pequena caixa. A distância entre eles agora parecia desconfortável e íntima, embora ele ainda estivesse sentado no lado oposto de sua luxuosa mesa de madeira.

O sangue correu em seus ouvidos e seu peito ficou apertado. Tão apertado. Ela precisava dar um passo para trás, limpar a cabeça e vadear pela loucura. Ela não conseguia pensar sob a pressão de perder seu emprego, ou sua dignidade, ou inferno, até mesmo sua sanidade. — Podemos dormir sobre isso?

Os lábios de Max abriram uma fenda. Seu choque flagrante a fez parar e retroceder rapidamente o que havia dito.

Porcaria.

— Eu. Eu quis dizer eu ... sozinha. Eu quero dormir sobre isso - não nós dois dormindo juntos. — Ela apontou para o peito, tentando reiterar o que sua agitação não parecia transmitir. — Não que eu me oponha a dormir com você ... eu ... só ...

Ah não. Ah não. Ah não.

Ela precisava respirar, mas sua garganta começou a se contrair. Suas bochechas queimaram e ela baixou a cabeça em humilhação.

Onde estava sua personalidade de negócios calma sob pressão? Ela tentou recuperá-lo, colar outro sorriso e firmar seus goles de ar, mas, infelizmente, parecia ter fugido do prédio junto com a sanidade de seu chefe.

Doze anos de vida na cidade e ela ainda não se identificava com as virtudes soltas e os baixos padrões sexuais de seus colegas da cidade.

— Sei que isso foi inesperado, Beth, e não espero que você responda imediatamente, mas por favor, leve minha oferta em consideração. Acho que o arranjo seria mutuamente benéfico.

Sério?

Benefício mútuo? Oh infernos não.

Ela queria sacudir o pulso e acenar para longe seu comentário. De jeito nenhum, eu recebo ofertas semelhantes de homens com o dobro da minha idade diariamente.

Em vez de expressar o sarcasmo, ela balançou a cabeça como um bobblehead na velocidade. — O-ok, Sr. Sutherland. Definitivamente vou pensar sobre isso.

Ela se levantou, levando um segundo extra para firmar as pernas formigantes que ameaçavam ceder sob ela, antes de se retirar de seu escritório.

Steve, seu segundo no comando, passou por ela no corredor, seu olhar estreitou com curiosidade. — Tudo certo?

Suas bochechas queimaram. Os detalhes sórdidos da reunião pareciam tatuados em sua testa para que todos vissem. — Yeah, ótimo. Perfeito.

Super mega incrível.

Ela correu para o escritório, fechou a porta atrás de si e soltou um forte suspiro de alívio. Assim que a respiração deixou seus pulmões, ela esperou que a clareza calma retornasse.

E esperou.

E continuou esperando.

Estando um pouco otimista, ela tentou novamente. Uma grande inspiração expandiu seus pulmões, e então ela contou até dez, expirando.

Não.

Nem mesmo respirar como um mestre zen a acalmaria. Ela precisava ir para casa. Embarcar no trem maluco não era algo que ela queria fazer na frente de seus colegas. A equipe com a qual ela trabalhava eram amigos, mas os bastardos guardavam memórias humilhantes como se fossem tesouros perdidos de Atlântida. Em todas as oportunidades disponíveis, eles trariam seu tesouro de memórias para compartilhar.

Ela pegou sua bolsa da última gaveta de sua mesa, contemplou o tempo adicional necessário para desligar o computador e decidiu não o fazer. Os segundos estavam passando e ela não queria arriscar outro encontro com Max hoje.

Com sua mente definida em modo de espiã secreta, ela enfiou a cabeça no corredor, dando uma olhada à esquerda e à direita.

A costa estava limpa.

Ela colocou a bolsa no ombro e saiu de seu escritório em pés silenciosos, fechando a porta atrás dela com um clique suave.

Enquanto ela girava na ponta dos pés para dar o primeiro pequeno passo em direção à liberdade, ela deu um olhar rotineiro para o escritório de Dean Sutherland. E congelou.

Merda.

Seu olhar carrancudo a manteve imóvel enquanto ele se sentava atrás de sua mesa, mordendo a ponta de uma daquelas canetas caras que ele tanto amava.

Por que, oh, por que, por que esta teve que ser a única sexta-feira na história em que o filho do chefe não saiu do trabalho mais cedo?

Ela se endireitou, deu a ele um aceno de dedo de louco com um sorriso exageradamente extravagante do tipo não-estou-fazendo-nada-estranho e correu para a recepção. Seus passos silenciosos saíram do corredor acarpetado para bater, bater, bater contra o chão de ladrilhos da área de espera.

As costas da recepcionista enrijeceram com a abordagem de Beth, os dedos da mulher clicando loucamente para fechar as páginas em seu computador.

— Olhando para pornografia de novo, Ange? — Beth diminuiu a velocidade o suficiente para atrapalhar sua melhor amiga observadora.

Angela se virou com um olhar irônico e empurrou o microfone do headset para longe da boca. — Para começar, não é pornografia. Estou olhando para imagens estáticas da forma masculina nua em toda sua glória resplandecente. Eu considero isso uma arte. E em segundo lugar, você sabe que odeio como você se esgueira pelo corredor. Você é o único aqui que não anda como um elefante bebê.

Beth queria rir, mas tinha certeza de que o som sairia como um soluço. Ela sorriu ao invés. — Estou indo para casa mais cedo. Ligarei para você no fim de semana, ok?

Uma ruga marcou a testa de sua amiga. — Tudo está certo?

Não, de forma alguma. Os pensamentos de seu chefe passaram por sua mente. Imagens indesejadas do corpo nu de Max quando ele deu a ela um olhar sedutor.

Ela olhou para ele como uma figura paterna. Aparentemente, ele a admirou também, mas sua comparação provavelmente estava mais próxima de como um cara olhou para uma dançarina trabalhando em um poste de stripper.

Ela estremeceu, tentando desalojar o horror. Será que um homem de sua idade conseguiria se levantar sem intervenção química?

Claro que ele pode.

A questão mais importante era - por que diabos ela estava pensando na funcionalidade de seu pau?

Cristo.

Ela precisaria esfregar seu cérebro com uma escova de dentes e alvejante se ela quisesse sua libido de volta.

— Beth? — A voz de Angela tinha um toque de preocupação. — Eu perguntei se está tudo bem?

Beth chegou ao elevador e apertou o botão. Ela precisava de mais distância do olhar perceptivo de sua amiga antes de se virar para responder.

— Estou bem. — Ela se encolheu com seu tom anormalmente animado e mentalmente avançou com um sorriso radiante. Ótimo, agora sua amiga saberia, sem dúvida, que algo estava errado. — Ligarei para você amanhã.

O misericordioso elevador chegou antes que ela pudesse exibir mais de suas deploráveis habilidades de atuação. Ela se apressou para dentro, murmurou uma prece silenciosa de agradecimento aos deuses do tempo impecável e apertou o botão do saguão, levando sua bunda o mais longe possível do homem muito mais velho que queria entrar em sua calcinha.

O plano era voltar para casa e se afogar em uma garrafa de vinho. Uma garrafa cara. Um capaz de causar perda de memória porque esquecer esta tarde estava no topo de sua agenda. Mas vinte minutos depois, ela ainda

estava no prédio, sentada em um banquinho no bar de esportes localizado no térreo.

O mundo parecia um lugar muito melhor agora. No espaço de algumas fotos rápidas, seu dia horrivelmente horrível voou para longe como pó de fada em uma tempestade de neve.

Todos os seus problemas desapareceram, movendo-se de sua mente a cada bebida até ficarem presos aos pensamentos de seu chefe.

Ela girou seu banquinho e examinou a sala para se manter ocupada. Pequenos grupos de pessoas se misturavam, rindo, bebendo, enquanto tiravam comida de cortesia das bandejas localizadas ao longo do bar polido.

Em poucas horas, a maioria dos funcionários da Sutherland & Son estaria aqui, aproveitando a tradição dos drinks das tardes de sexta-feira. Ela precisava sair antes que eles chegassem, mas no momento ninguém lhe deu atenção. A única pessoa a reconhecê-la desde que ela entrou foi o barman.

Ela se virou para pairar sobre o copo vazio e olhou para o líquido claro, perguntando-se por que sua vida tinha dado uma virada tão ruim. Sua carreira sempre foi exigente. Cada dia trazia novos assuntos para tratar ou outra tarefa que exigia atenção urgente.

Essa foi a emoção. Ela amava o ambiente acelerado.

Foi um trabalho árduo, puro e simples. Ser gerente de produto de um dos maiores fabricantes de aparelhos elétricos do país não era para ser fácil.

O assédio sexual, no entanto, foi um novo obstáculo que ela não esperava. Um bônus indesejado em seu contrato de trabalho. Mas ela não permitiria que o drama arruinasse seu caminho rápido para o sucesso processando a empresa.

Processando.

Ela suspirou e engoliu a dose de vodca de um só gole. O início da semana foi sobre chutar o traseiro e anotar nomes. Agora, era ela quem estava levando um chute na bunda enquanto o processo legal pairava no fundo de sua mente.

Ela ergueu o copo vazio para chamar a atenção do barman e sorriu para ele para pedir outro.

Momentos depois, ele deslizou um copo cheio em sua direção, com um sorriso sedutor em seus lábios. Ela deveria ir totalmente para lá - para o lugar quente e suado ao qual seus olhos azuis cintilantes aludiam - exceto que ela não tinha casos de uma noite.

Cada uma de suas experiências sexuais continha um compromisso emocional, alguma forma de vínculo entre ela e seu amante, e não importa o quanto o barman fosse um galã, um sorriso arrogante não resolveria.

Em vez disso, ela ignorou o interesse dele e murmurou: — Uma vodca com Coca também, por favor.

Ela precisava de um caçador. Sua mente ainda ansiava por álcool o suficiente para torná-la incoerente, embora seu corpo zumbisse com um aviso para diminuir a velocidade.

A maneira como ela balançava no banquinho era uma ótima indicação de que ela deveria ouvir. Quatro doses - três drinques a mais do que sua média semanal - e ela já estava perto de afundar, mas a imagem das mãos de Max Sutherland em seu corpo nu não parava. Ela não conseguia parar de reviver a reunião, analisando-a, encolhendo-se sobre ela.

Com toda a honestidade, as doses provavelmente estavam exagerando sua tensão. Seu chefe não era um homem horrível. Ele dirigia seu negócio de maneira justa e honesta. Sua aparência também não era tão ruim, uma versão mais velha da perfeição estética de seu filho. Ela provavelmente o consideraria atraente se ela fosse para homens mais velhos ... muito, muito, homens mais velhos. Mas ele era seu empregador, e vinte e cinco anos mais velho, pelo amor de Deus.

Max nem mesmo sugeriu a oferta em tom de paquera ou entusiasmo. Ele o lançou como uma proposta de negócio. Como se descrevendo os benefícios da chaleira mais recente em sua linha de montagem. Talvez se a proposta tivesse sido declarada de maneira atraente, ela se sentiria lisonjeada em vez de nojenta.

O barman deslizou a vodca e a Coca em sua direção, o sorriso sugestivo e o brilho em seus olhos ainda com força total. Antes que ela pudesse agradecê-lo pela bebida, seu foco se desviou para o decote de sua blusa e ficou preso em seu decote.

Algo na ventilação do prédio estava deixando todos apaixonados por ela hoje?

Ela contemplou ficar boquiaberta com o zíper e a leve protuberância em suas calças continuamente pela próxima meia hora. Então ele perceberia o erro de seus caminhos. Risca isso. Com o brilho atual nos olhos do Sr. Garoto Bonito, ele provavelmente consideraria isso uma virada, e ela não teve o foco para dar a ele o tapa verbal que ele merecia.

Limpando a garganta, ela inclinou a cabeça para o lado e ergueu as sobrancelhas até que o azul bebê dele subiu para encontrar o dela. Seus olhares se encontraram, e ele teve a coragem de dar a ela um sorriso arrogante antes de ir atender outro cliente.

Idiota.

Era exatamente por isso que ela não gostava de beber com os yuppies no distrito comercial central.

— Não use isso contra ele. É difícil não olhar para uma mulher com sua beleza.

O tom familiar e rouco fez suas costas ficarem retas. Seu coração disparou para sua garganta e seus nervos formigaram em hiper consciência. Através de sua visão periférica, ela observou Dean Sutherland sentar-se no banco ao lado dela. Tudo sofisticado e confiante.

Ótimo, exatamente o que ela precisava. Ela não se preocupou em olhar para ele, sabendo em seu estado atual que tropeçaria na linha do profissionalismo, despencando de cabeça no penhasco da luxúria se ela se concentrasse na íris de chocolate escuro.

Ela soltou um suspiro profundo e inclinou a cabeça para o teto para orar por orientação. O ar continuou a deixar seus pulmões enquanto ela pegava sua bebida e a bebia em goles rápidos e sufocantes.

De todas as pessoas, em todos os bares, em toda a cidade, Dean tinha que se aproximar dela. É verdade que o bar de esportes ficava na parte inferior do prédio comercial, então era inevitável que um colega a visse - mas teria que ser ele?

O sexy espertinho tinha prazer involuntariamente em provocá-la e provocá-la diariamente. Cada momento em sua presença a lembrava da sensação de seus lábios sensuais contra os dela. Seu único abraço cheio de álcool do ano passado tocou em um loop mental contínuo - perfeito e perfeitamente estúpido na mesma medida.

Agora ele se sentava ao lado dela, falando sobre sua beleza como se realmente acreditasse no elogio. Que pena que ela não foi convencida por uma única palavra disso. Ela se recusou a vacilar.

Tudo o que eles tinham eram brincadeiras divertidas. Nada mais. E o chamado relacionamento profissional deles definitivamente não permitia o luxo de deixá-lo vê-la neste estado - balançando em seu banquinho em uma confusão mental completa.

A cereja no topo de sua tarde perfeita incluía a incapacidade de reclamar com ele sobre o encontro escandaloso. Max Sutherland pode ser o diretor-gerente da empresa, mas Dean era coproprietário e também diretor. Não parecia uma grande mudança de carreira falar mal do chefe para seu próprio filho.

— O que você quer? — Suas palavras agitadas saíram como uma pequena calúnia bêbada.

Ele ergueu o dedo para o barman, a autoconfiança esvaindo-se do tecido de seu terno carvão caro. — Scotch com gelo, obrigado.

O barman acenou com a cabeça e começou a preparar a bebida. Dean virou seu corpo em direção ao dela, a dureza de seu joelho batendo em sua coxa deixando um rastro ardente ao longo de sua pele. — Eu estava passando e vi você no bar. Você fugiu do escritório com pressa. Eu queria ter certeza de que tudo deu certo na reunião com meu pai.

Seu coração acelerou, embora soubesse que sua preocupação não era nada mais do que uma conversa ociosa.

Em certa época, ela teria acalentado a ideia de ele se importar com ela, mas depois de meses observando-o com uma política de porta giratória para as mulheres, ela sabia que ele era incapaz de praticar a monogamia.

Dean era um jogador. Um homem seguro de si, orgulhoso de seu jeito mulherengo. Ele poderia fazer as mulheres dançarem de pole dance na palma da mão com um simples olhar. Inferno, ele poderia fazer seu pole dance na palma da mão em um momento como este.

Ela girou em direção a ele, precisando do visual para confirmar se sua preocupação era genuína ou uma provocação.

Seu rosto não tinha humor. Sua aparência casual usual era agora perturbada por uma mandíbula rígida e sobrancelha enrugada. A diversão

provocante que ela ouviu em sua voz antes havia desaparecido de sua expressão.

— Está tudo bem. — Ela esperou um momento para apreciar sua aparência antes de voltar para o bar.

De seus sapatos de couro italiano, até seu caro terno feito sob medida, ao corte de cabelo desgrenhado casual, ele era um espécime poderoso. Ela não podia ter vergonha da atração aquecida correndo em suas veias. Ninguém poderia negar que ele era inegavelmente lindo. E ela certamente não podia fingir que ele não beijava fenomenal também. Ele simplesmente não merecia mais atenção feminina.

O ego do homem pode transbordar de um estádio de futebol e as mulheres com quem ele dormiu podem preencher todos os assentos.

Ela praticamente babou na primeira vez que se encontraram, com a forma desordenada como o cabelo dele caía para destacar aqueles olhos escuros. O bronzeado saudável e o físico atlético apenas adicionavam combustível ao seu fogo ardente.

Agora, ele se sentou ao lado dela, sua perna roçando a dela, e ela se perguntou que outros grandes bens ele tinha a oferecer sob todas aquelas roupas caras.

Para se ocupar, ela contou mentalmente as garrafas de bebida alinhadas na parede atrás do bar. Sua contagem chegou a dois antes de sua concentração disparar para o inferno e seu olhar pegar seu reflexo na parede de espelhos atrás das prateleiras de exibição.

Sua visão seguiu suas maçãs do rosto fortes, desceu pelos músculos tensos de seu pescoço, sobre a abertura de sua camisa de negócios, enquanto sua cabeça se inclinava para trás enquanto bebia.

Seu olhar se encontrou brevemente no espelho, o dele aquecido, o dela surpreso, antes de a conexão se quebrar quando ele bateu o copo com um baque.

— Vamos. Estamos saindo. — Ele jogou dinheiro no bar e pulou do banco.

— Com licença? — Ela girou em direção a ele, seu cérebro precisando de segundos extras para alcançá-lo enquanto lutava para nadar através da bebida.

— Eu disse, nós estamos saindo. Levante-se. Eu estou te levando para casa. — Suas palavras eram calmas, firmes e em completo contraste com a expressão tempestuosa de seus olhos.

— Não. — Ela se voltou para o bar, com a intenção de gesticular para outra dose. Não que ela precisasse de mais bebida. Sua cabeça já zumbia. Mas ela sabia que isso irritaria Dean e, por algum motivo, essa tarefa foi para o topo de sua agenda.

Quando ela ergueu o braço, uma mão firme envolveu seu pulso. Ela engasgou, e a raiva endureceu sua expressão ... até que o calor de seu toque trouxe uma faísca de consciência que ela não gostou.

Levou meses de determinação para esquecer o beijo que compartilharam quase um ano atrás. Um beijo que explodiu sua mente e a deixou dolorosamente vulnerável, mas viciada em seu charme sem esforço.

Ela não suportava ser outro rosto em sua linha interminável de mulheres. Para dormir com ele, mas não significa nada para ele emocionalmente.

A autopreservação exigia que ela recuasse, para manter o profissionalismo. Também para manter seu emprego e sua sanidade.

Então, isso é o que ela fez por meses intermináveis. Os olhos sexys de Dean e a voz rouca testaram sua determinação diariamente. Agora, seus dedos a tocavam, e o álcool a fez questionar se isso significava mais do que sugeria o bom senso.

Ela olhou para a mão segurando seu pulso. — Me solta, Dean.

Ele avançou. Perto. Muito perto.

Sua respiração aqueceu seu pescoço e enviou um arrepio em seu peito. — Você está fazendo uma cena. Se você ainda não percebeu, há uma mesa cheia de sócios comerciais do meu pai atrás de nós. Agora, a menos que você queira que meu querido papai bronzeie sua bunda por agir não profissionalmente, embora tecnicamente ainda dentro do horário comercial, sugiro que partamos.

O visual de Max espancando-a fez o sangue correr de sua cabeça. Arrepios cobriram sua pele quando ela saiu da visão horrível. Ela olhou por cima do ombro e confirmou suas palavras. No canto da sala estava

uma mesa cheia de associados de Max, felizmente absortos em beber e conversar.

— Vamos. Eu vou te levar para casa.

Ela avançou para longe, as pontas dos dedos queimando uma trilha ao longo de sua pele - sobre seu pulso e para baixo na área sensível nas costas de sua mão. Parecia uma carícia. Uma provocação deliberada. E ela teve que fechar os olhos para lutar por compostura.

Uma carona para casa pode ser o melhor. O trem era assustador o suficiente quando sóbria, quanto mais animada com os toques persistentes deste homem.

Ignorando o choque de despedaçar a alma que seu contato físico evocou, ela se endireitou e tentou se concentrar na maneira como o chão oscilava. Caminhar seria uma dificuldade que ela não havia previsto.

Ela amaldiçoou as tábuas polidas do assoalho e seu amor por saltos agulha quando deu o primeiro passo.

O solo se moveu como um balão d'água sob seus pés, seu salto perdendo tração enquanto ela lutava para manter o equilíbrio. Ela agarrou qualquer coisa ao seu alcance para não cair de bunda e veio com o braço de Dean.

Seu braço forte como aço.

Ela se agarrou a ele com a força das garras de uma águia, não querendo se soltar e cair no chão sem graça.

O sorriso superior que ele deu a ela falou muito, fazendo-a desejar que o agarrasse por outras razões além de sua estupidez bêbada.

Um rubor queimou suas bochechas quando ela deu um sorriso tenso e se endireitou. — Estou bem. — Ela deu tapinha na mão tentando mantê-la firme. — Apenas praticando meus passos de dança. Aquela se chamava girafa bebê.

Ele riu, a melodia profunda lavando através dela como um fluxo suave. — Sim, claramente você tem movimentos como Jagger.

Capítulo 2

Dean liderou o caminho para a calçada movimentada do Melbourne CBD, resistindo ao desejo de se inclinar para o longo cabelo loiro em cascata sobre o ombro de Beth. Algo doce, totalmente feminino e exclusivamente dela encheu seus pulmões. Se ele inclinasse um pouco o pescoço, seu rosto seria cercado pela massa de fios dourados balançando na brisa do final da primavera.

Ele tentou se livrar da paixão, ao invés disso se concentrou em guiá-la ao redor da multidão de pessoas enquanto se dirigiam para seu carro estacionado a um quarteirão de distância. Ele a segurou com firmeza, apoiando a mão em sua cintura enquanto a conduzia pelo trânsito.

Quando seus passos vacilaram, ele praguejou em voz alta. Sua ânsia de mantê-la de pé fez com que sua mão deslizasse sob o tecido de seu paletó para pousar em sua blusa de seda.

O material delicado mal formava uma barreira contra a carne macia e flexível por baixo, e a última coisa que ele precisava era de mais tentação.

Ele se sentia como um maldito adolescente, seu pau já em espera, equilibrado, ansioso e prontamente disponível para iniciar a sequência de lançamento em um segundo.



Ele franziu a testa, se perguntando como diabos ele iria levá-la para casa sem tornar isso mais estranho. Obviamente, oferecer a ela a bengala crescendo na virilha de suas calças não era uma boa ideia.

E mesmo que eles tivessem esse tipo de relacionamento brincalhão, seu humor agressivo era um ótimo indicador de que ela não estava com humor para brincar. Tudo o que ele podia fazer era rezar para que ela permanecesse com os pés razoavelmente seguros naqueles minúsculos saltos pretos para o próximo quarteirão. Então ele ganharia algum espaço.

Mas isso não ajudou com a necessidade persistente de saber por que ela estava emocional em primeiro lugar.

Mesmo quando frustrada no trabalho, Beth ainda tinha um sorriso suave para todos. Ela não exigia muita manutenção, não ansiava por atenção e raramente mostrava fraqueza de qualquer forma.

Ela também não costumava beber muito, nem mesmo em funções de trabalho - bem, não desde um beijo memorável na vida inteira - e ele nunca a tinha visto beber durante o horário de trabalho. Nunca.

Ele odiava vê-la assim. Seu temperamento aumentou com as possibilidades que poderiam ter surgido de um encontro privado com seu pai. Se o assunto fosse pessoal, sua melhor amiga, Angela, teria avisado a ele, mas a recepcionista não tinha ideia.

Ele nem sabia quanto ela tinha bebido, mas sua expressão vidrada indicava que ela tinha sido generosa em seu consumo.

Ela se arrastou para frente, inclinando-se mais contra ele. — Você cheira tão bem, — ela gemeu em seu pescoço.

Sim, ela estava definitivamente destruída.

— Beth. — Seu tom era uma advertência quando seu pênis se contraiu. Ele precisaria de uma maldita coleira em seu pau se ela não se acalmasse.

Sonhar acordado já atrapalhava seu julgamento. Imagens de coisas sujas em becos escuros o deixavam mais duro a cada segundo. Se ela gemesse em seu ouvido novamente, ele duvidava que fosse capaz de resistir ao desejo de encostá-la no prédio mais próximo e tomar sua boca. Difícil e rápido.

— Não mesmo. — Ela descansou a cabeça em seu ombro, seu cabelo espalhado sobre seu peito enquanto seus pés se endireitavam. — Você sempre cheira tão bem. É irritante.

Ele suprimiu um gemido e a conduziu até a última esquina da rua, dando um suspiro de alívio quando avistou o estacionamento.

Ele pagou uma quantia extra para ter seu carro armazenado no térreo, perto o suficiente do estande do atendente para ficar sob supervisão constante.

Faltavam apenas mais alguns metros até a liberdade. Mais alguns passos até o espaço de estacionamento. Mais alguns batimentos cardíacos antes que ele pudesse mover seu corpo flexível para longe dele e recuperar sua capacidade de pensar com clareza.

— Por que você tem que cheirar tão bem? — ela resmungou. — Como se ser inteligente e sexy não bastasse, você tem que cheirar totalmente masculino e sonhador. É uma distribuição injusta de ativos.

O elogio não o surpreendeu.

A mulher dizendo isso fez.

Não era segredo que ele achava fácil marcar pontos com as mulheres. As mulheres pareciam ansiar por seu poder, junto com seu saldo bancário. Ele apenas presumiu que Beth era imune.

As mulheres vaidosas da sociedade, as herdeiras mimadas, as modelos estúpidas, sim, todos queriam estar com ele, mas Beth não olhava muito para ele.

A intoxicação estava realmente falando.

— Sexy, eu sou? Aposto que você vai se arrepender de dizer isso na segunda de manhã. — Ele tentou minimizar as palavras dela, esperando uma mudança de assunto.

O autocontrole não estava no topo de sua lista de qualidades favoráveis e, no momento, mal era registrado em seu vocabulário. Se ela continuasse testando sua determinação, ele cometeria o erro de seduzi-la ou teria que terminar a noite com um saco de gelo nas bolas.

Nenhuma das opções era atraente.

— O que? — Ela virou a cabeça para ele.

Aqueles grandes olhos verdes perfuraram sua alma, fazendo-o doer da ponta dos dedos às arcadas dos pés.

— Como se você não soubesse. Essa é a única coisa que me irrita em você, Dean Sutherland; você é muito arrogante. Se não fosse por esse seu ego ...

O que?

Seu peito apertou com a necessidade de perguntar. Em vez disso, ele rangeu os dentes e tentou se convencer de que suas palavras não significavam nada em seu estado de embriaguez.

Ele entrou na garagem e acenou para o atendente na cabine compacta. Seu BMW Z4 preto brilhava como o céu noturno, mesmo na luz sombria. Sua carona era a única mulher estável em sua vida - bonita, confiável e fiel.

Perfeição.

Ele soltou a cintura de Beth e se moveu para abrir a porta do passageiro. Ela cambaleou, oscilando sobre os calcanhares, e ele amaldiçoou sua estupidez por não a avisar primeiro.

— Merda. — Ele deslizou em direção a ela, tentando estabilizá-la pressionando seu corpo contra o dela. Ele agarrou seus quadris, seus corpos moldados tão perto que sua ereção crescente esfregou contra seu abdômen.

Ela olhou para ele, aqueles lindos olhos cheios de interesse. O mundo ficou em silêncio ao redor deles, suas respirações ásperas eram o único barulho ... exceto por seu pau duro clamando por atenção entre eles.

— Desculpe, — ela sussurrou. Seus dedos em garras agarraram-se à camisa dele. — Eu realmente não estou tão bêbada, só mais do que um pouco desajeitada hoje.

Ele engoliu em seco e se distraiu tentando recontar quanto dinheiro havia perdido na última Copa Melbourne. Ele precisava se afastar, dar um passo para trás com a fricção que aquecia seu corpo e a atração flagrante em seu olhar.

Ela teve que parar de olhar para ele assim. Com olhos selvagens cheios de desejo palpável, capaz de destruí-lo um lento centímetro de cada vez.

Sua mão se levantou, seus dedos delicados percorrendo o cabelo ao redor de seu rosto.

Cristo.

Cada nervo de seu corpo zumbia em alerta total. Seu couro cabeludo formigou. Arrepios cascatearam por sua espinha. E então havia a pulsação em sua virilha que não parava, porra.

A mulher continuou a desfazê-lo com seus olhos, seu toque, sua necessidade, e ele não podia fazer absolutamente nada sobre isso.

Se ela estivesse sóbria, ele não hesitaria em se inclinar para beijá-la. Ele inclinaria sua boca sobre a dela até que estivessem sem fôlego. Estúpido. Mas ela não estava.

Beth estava bêbada e lidando com problemas que ainda não teve a chance de descobrir.

Ele estreitou o olhar, planejando dizer algo arrogante, algo arrogante e egoísta para irritá-la e fazê-la recuar. Mas então ela teve que ir e sorrir para ele. Uma lenta curva sedutora de lábios que trouxe à tona duas pequenas covinhas e fez sua respiração parar.

Ela não deu a ele a chance de falar antes que sua pequena língua quente serpenteasse para molhar seu lábio inferior rechonchudo, fazendo-o brilhar na luz fraca.

Quem diabos era essa mulher?

A Beth que ele conhecia era atrevida e afiada como uma fogueira quando eles lutavam verbalmente. Em contraste, ela sempre foi profissional e geralmente um pouco reservada quando se tratava de coisas de natureza sexual.

Ela flertava e provocava de vez em quando, batendo nos longos cílios com feminilidade exagerada quando precisava de sua ajuda. Mas ele não tinha visto o brilho de interesse em seus olhos desde o beijo. E ele se recusou a deixar a história se repetir com outro momento lamentável de embriaguez.

Da última vez, a noite tinha começado simples, com as bebidas usuais de fim de semana da empresa no bar do andar de baixo.

Ele se lembrou de ter ficado surpreso ao vê-la com uma taça de vinho na mão. Ela até o provocou com olhares sugestivos que o fizeram perder todo o autocontrole. A mulher bem-educada se transformou em mais uma gata do inferno brincalhona com cada gole do líquido cintilante.

Quando as pessoas começaram a se despedir, ele se ofereceu para levar Angela, Steve e Beth para o Onyx, o mais novo clube da cidade. Ele disse a si mesmo que só queria mais tempo com ela. Um encontro pessoal fora do ambiente de trabalho, para ver se a conexão entre eles era mais do que um mero flerte no escritório.

A sedução não estava em seu plano.

Ele não estava disposto a arriscar o relacionamento que eles já tinham. Mas Angela viu através de sua negação e puxou-o para um dos recessos escuros do hall de entrada do clube para dizer-lhe em termos inequívocos que o castraria com uma faca cega se ele machucasse Beth de alguma forma.

O cuidado não foi necessário. Beth significava algo para ele. Ele não tinha certeza do que era. Mas não foi uma mera coceira. Até que ele engoliu mais alguns drinques e ela se transformou em uma tentação que ele não pôde resistir.

Os quatro haviam marcado um estande em um canto obscuro ao lado do bar principal. Embora houvesse espaço suficiente para todos eles, Beth permaneceu de pé, seus olhos focados na pista de dança, seu corpo balançando ao ritmo da música alta.

Ele ficou fascinado com a forma como as luzes brilhavam em seus olhos; a forma como cada música iluminava seu sorriso. De vez em quando, ela olhava em sua direção, os dentes mordendo o lábio, então, tão rápido quanto se virava para ele, ela desviava o olhar, um rubor aquecendo seu rosto.

Ele se lembrou de ter pensado que seria um erro se envolver; arriscar sua amizade para satisfazer sua necessidade de prová-la. Mas o zumbido do álcool havia desgastado seu pensamento racional, permitindo que o ditador entre as pernas segurasse as rédeas.

Seus pés se moveram por vontade própria, parando na frente dela. E antes que ele pudesse se conter, ele estava se inclinando para o calor do corpo dela, pedindo-lhe para dançar.

A batida alta da música não se compara ao baque, baque, baque de seu peito quando ela balançou a cabeça, rejeitando sua oferta.

Ele não esperava o ombro frio. As mulheres geralmente imploravam por sua atenção e ser rejeitado por Beth tornava ainda mais difícil de lidar.

Ele camuflou sua decepção com um sorriso amigável e um encolher de ombros, então deu a desculpa de comprar a próxima rodada de bebidas para que pudesse lamber suas feridas em particular.

Quando ele se virou para ir embora, ela o deteve, agarrando as lapelas do paletó. Seus olhos procuraram os dele em hesitação, o barulho do clube desaparecendo enquanto ela lentamente o puxava para frente.

Não tive tempo para pensar. A insegura inocência dela o fez reagir. Ele passou os braços em volta dela, um envolvendo sua cintura, o outro segurando seu pescoço. Inclinando a cabeça dela para trás, ele alinhou suas bocas e olhou em seus olhos com intencionalidade.

Ele lutou para se controlar, precisando dar a ela um momento de hesitação para se afastar.

Ela não disse.

Ela não fez isso.

Beth agarrou sua lapela com mais força em uma mão, a outra serpenteando em volta de seu pescoço, parando para provocar sua nuca cravando as unhas leves em sua carne. A sugestão de perfume atormentou seus sentidos e o instinto o levou a inclinar a cabeça em seu pescoço. Ele se aninhou na pele sedosa, sua essência consumindo seus pulmões.

Ele beliscou uma vez, abrindo caminho com os dentes até o local sensível abaixo da orelha dela. Um gemido necessitado escapou de seus lábios, seu hálito adoçado com álcool roçou seu rosto. Sua cabeça se aninhou na dele, procurando, procurando, e ele não duvidou, puxando um pouco para trás antes de começar a provar.

A primeira carícia foi leve como uma pena, mais suave que seda, enquanto sua boca se movia contra a dele. Ele passou a língua ao longo da costura de seus lábios, precisando de mais, e gostou da maneira como ela lhe concedeu acesso. Os dedos dela correram pelo cabelo dele, puxando-o levemente, levando-o a novas alturas desenfreadas, deixando-o selvagem. Selvagem.

Ele entrou nela, esfregando sua ereção contra sua pélvis, querendo que ela sentisse seu desejo, precisando que ela soubesse como o afetava. Ela gemeu, beijando-o de volta com um calor fervente. Sua língua se enredou com a dele, as suaves carícias tentativas tornando o desejo de esfregar contra ela insuportável.

Nenhum beijo jamais foi mais doce, nenhuma mulher mais hipnotizante, e bêbada ou não, ninguém jamais afetou seu coração do jeito que ela fez.

Quando ela recuou abruptamente, virando-se, ele não sabia o que pensar. Não até que a luxúria em suas veias diminuísse e o sangue rugindo em seus ouvidos se tornasse uma pressa preguiçosa.

Angela e Steve estavam assistindo. assobiando. Gritando.

O arrependimento nos olhos de Beth quase o matou. Ele estava furioso com a necessidade de afastar o calor de suas bochechas. Inclinar-se e dizer a ela que estava tudo bem. Mas ela se transformou em um instante, endireitando os ombros e ficando sóbria com a velocidade da luz.

Cinco minutos depois ela se foi saindo com nada mais que um aceno e um olhar pesaroso.

O instinto exigiu que ele a perseguisse, mas Angela o deteve.

Dê espaço a ela. Eu sei que ela se preocupa com você, mas ela não fica com um cara há um tempo. E você é o chefe dela. Ela precisa de tempo para pensar sobre isso.

Ele tomou a decisão estúpida de deixá-la ir dando a ela um fim de semana para pensar sobre isso. Durante esse tempo, suas esperanças cresceram.

Ele os imaginou avançando, talvez namorando. Sim, namoro. Ele tinha que conhecê-la fora de seu ambiente de trabalho. Mas a manhã de segunda-feira foi um golpe mortal da realidade.

Beth tinha feito um cento e oitenta completo. O flerte havia parado, junto com as brincadeiras lúdicas, a ponto de ela só se comunicar com ele em um nível estritamente profissional.

Levou meses para cansá-la, para fazer seu relacionamento voltar ao que era antes do beijo.

Então, bem aqui, agora, ele não tinha nenhum plano para foder com outro momento de embriaguez.

— Beth, você está extremamente embriagada...

Ela riu, o som feminino fazendo cócegas em sua pele e atirando sua contenção em território perigoso. — Extremamente embriagada? Sério, Dean, quem fala assim?

Ele reprimiu um grunhido, odiando a necessidade de ser o responsável. — Sim, quando estou tentando muito não tirar vantagem de uma amiga enquanto ela está bêbada.

Seus olhos se arregalaram. Sua boca se abriu.

Ele desviou o olhar antes que ela respondesse e se ocupou em se certificar de que ela estava firme em seus pés. Depois de se convencer de que ela não cairia, ele se afastou para abrir a porta do carro, movendo-se com uma velocidade que Superman invejaria.

— Entra. — Seu tom era áspero, o diabo em seu ombro cutucando-o com tanta força que ele quis dar um soco na janela do carro.

Apenas beije ela.

Segure essas mechas sedosas.

Domine essa boca atrevida.

Ele apertou a mandíbula enquanto a ajudava a entrar no carro e prendia o cinto de segurança no lugar. Assim que ela se acomodou, ele fechou a porta, deu as costas ao carro e tentou se recompor.

Respire, apenas respire, porra.

Ela estava bêbada, pelo amor de Deus, e ele não era mais um adolescente com tesão. Ele poderia lidar com seu pau.

Este foi o momento perfeito para ele finalmente entender uma bússola moral e fazer a coisa certa no que diz respeito a uma mulher.

Normalmente, ele fez conquistas fáceis, e as conquistas fáceis com as quais passou não sabiam o significado da moral. Ele tinha que agradecer a seu pai por isso. O velho arruinou sua opinião sobre o sexo oposto, sem mencionar sua visão sobre o amor e toda aquela merda afetuosa e emocional.

Até Beth.

Ele nunca quis uma mulher tanto quanto ansiava por ela. Desde que seu pai o despertou para a mordida da traição feminina, não houve uma atração mais forte do que a atração sexual por ninguém.

O que ele sentia por esta mulher era muito mais. Ela o fez questionar sua opinião sobre o compromisso e o fez querer algo que ele não tinha certeza que existia.

Incapaz de adiar o inevitável, ele contornou o carro e parou na porta do motorista. Ele deu um último suspiro para se acalmar e implorou para que seu pênis se acalmasse, então abriu a porta e deslizou para dentro. Sem uma palavra, ele apertou o cinto e ficou instantaneamente escravizado pelo cheiro do perfume dela.

Porra. Inferno.

Ele teve que respirar pela boca para impedir que seu cheiro inebriante o arrastasse para baixo. Não havia como escapar dela. Não há como escapar disso.

Não.

Ele estava no controle. Ele poderia levá-la para casa sem contaminá-la. Sem problemas. Ele a levaria direto para lá, faria uma coisa cavalheiresca e a ajudaria a entrar. Em seguida, ele iria embora, correria para sua casa e passaria o resto da noite tentando matar a dor na virilha.

— Para onde estou indo? — Ele observou os movimentos dela com o canto do olho.

Ela se virou para encará-lo, a cabeça apoiada preguiçosamente no assento de couro. A voz dela estava abafada quando ela retransmitiu o endereço, tão flerte que ele não conseguiu evitar martelar o dedo contra o GPS enquanto programava os detalhes dela.

Ele queria soluçar como uma vadia com a injustiça da situação - Beth bêbada e disposta em seu carro enquanto ele sadicamente seguia o caminho moral.

Isso não poderia estar acontecendo.

Isso não deveria estar acontecendo.

Bastaria um lapso de julgamento e os dois poderiam estar delirantemente saciados. Pelo menos até amanhã.

Ele apertou as mãos no volante e observou os nós dos dedos perderem a cor.

Ele ficaria bem. Ele só precisava se manter ocupado. Assim que chegasse em casa, ele poderia relaxar com algumas cervejas, desfrutar de algum entretenimento adulto para entorpecer o pensamento dela e ter uma sessão individual com a Sra. Palmer.

Porra.

Ele não precisava se masturbar tão mal há anos.

Capitulo 3

Beth o encarou descaradamente durante toda a viagem para casa. Ela memorizou a forma como os músculos tensos marcavam sua mandíbula, como suas mãos fortes e bronzeadas agarraram o volante. A forma como suas respirações profundas expandiram seu peito largo, e a maior ação da tenda em suas calças.

Essa tenda era muito impressionante. A elevação sozinha poderia abrigar uma família de cinco pessoas.

Ela continuou a olhar fixamente, imaginando o tamanho, o sabor, a textura ... Quando claramente ela precisava recuperar sua mente da sarjeta antes de começar a babar.

Sexo oral nunca foi seu forte. Agora, porém, o desejo de levá-lo em sua boca, de lamber, chupar e saborear até que ele gozasse na parte de trás de sua garganta, fez seu núcleo se apertar.

— Qual é o número?

Ela ergueu os olhos de sua virilha e entrou em contato visual imediato com um Dean carrancudo e cerrado. Sua boca se secou quando seu olhar se estreitou, perfurando-a com desaprovação.

Ela desviou o olhar, ocupando-se em uma busca frenética pelas chaves no fundo da bolsa. A ação hipócrita não foi perdida por ela também. Pelo



menos ela sentiu remorso, ao contrário do barman ... Bem, tudo bem, ela não estava totalmente arrependida, mas ela nunca alegou ser uma santa.

— Já estamos aqui? — Sua voz estava muito animada enquanto ela revistava sua bolsa, fingindo que não tinha sido pega o violando visualmente.

— Sim. — Sua resposta continha um tom agressivo.

Ela não tinha certeza se a hostilidade vinha de ter que levá-la para casa ou por causa de sua transgressão visual.

— É o número dezenove. Aquele com a caixa de correio branca.

Ela apertou as chaves, mas continuou a manter a visão desviada. Se ela olhasse entre as pernas dele mais uma vez, ela riria como uma criança.

Ela teve que concentrar sua atenção na rua tranquila e arborizada, as meninas jogando amarelinha na trilha, os meninos se enfrentando em um jogo de futebol, em vez da torre da tentação em sua periferia.

Ou talvez falar para preencher o vazio fosse melhor. Ela deveria convidá-lo a entrar e esquecer o elogio humilhante que fez sobre sua loção pós-barba digna de babar.

O único problema era o — quer entrar para tomar um café? — estaria pedindo problemas. Especialmente quando ela não entendia a insinuação por trás do convite.

Por que não foi um café, apenas um café? Por que havia cordas envolvidas quando o referido café era oferecido em situações de flerte? O café merecia mais respeito do que isso. Certo?

Seus pensamentos se aguçaram, dando-lhe a clareza para perceber que qualquer insinuação seria uma má ideia. Mas ela não queria que Dean a largasse e acelerasse na noite que se aproximava. Deixar sua interação neste pináculo estranho tornaria a manhã de segunda-feira um desastre à espera

Além disso, ela queria encará-lo um pouco mais. Para dar rédea solta a ela bêbada e ligeiramente desinibida para cobiçar, em vez de ignorar seus sentimentos como seu lado afetado e correto insistia.

— Boas escavações.

Seu coração acelerou com o elogio. Algumas pessoas gastam seu tempo e dinheiro com crianças, animais de estimação ou hobbies. Ela deu tudo o que tinha para sua casa.

Originalmente, o espaço interno parecia grande demais para alguém que morava sozinho, mas seus pais e amigos de fora da cidade usavam o espaço extra quando viajavam longas distâncias para visitar. Também ajudou o fato de ela não ter interesse em ir a boates e beber todo fim de semana, preferindo gastar seu dinheiro em reformas.

Sua casa era seu santuário, o lugar onde ela se sentia segura e protegida desde que se mudou para Melbourne. Cada quarto foi decorado de acordo com sua personalidade, desde as paredes até os móveis. Horas e horas de

trabalho árduo foram usadas para tornar o jardim da frente uma obra-prima bem cuidada. Então, significava muito ouvir alguém elogiar seu pequeno pedaço do mundo.

— Você quer entrar? — A pergunta saiu muito rápido. Muito rápido. Mas hey, pelo menos ela não tinha mencionado café.

Ele continuou a olhar para frente. Em sua casa. — Vou me certificar de que você se acomode lá dentro. Então eu preciso voltar para o escritório e terminar algumas coisas.

O lembrete a atingiu com outra enxurrada de imagens escandalosas de Max em uma roupa íntima cara de velho, as imagens firmemente pregadas nas paredes de sua mente.

Pegando sua bolsa, ela saiu do carro com uma graça intoxicada e deu alguns passos até a porta da frente com mais sutileza do que ao andar pelas ruas da cidade. Dean seguiu logo atrás dela, silenciosamente parado enquanto ela destrancava a porta e entrava.

Sua proximidade a fez estremecer - sua pele, sua língua, seus mamilos. Ela caiu em uma toca de coelho de possibilidades sexuais e perdeu toda esperança de foco. Pelo menos até ela estar na metade do corredor. Foi quando o bom senso entrou em ação e ela parou abruptamente, se virou e bateu diretamente no peito de Dean.

O ar deixou seus pulmões, sua visão encurtando por um breve momento quando ela começou a cair para trás. Antes que sua bunda

batesse no chão, seus braços a envolveram, puxando-a de pé e em seus braços.

— Você está bem? — Ele franziu o cenho, procurando em seus olhos uma resposta que ela estava sem fôlego para dar.

Ela não poderia fugir dele esta noite. A intervenção divina parecia desempenhar um papel na tentativa de aproximá-los.

Não que ela se importasse. No entanto, ela estava um pouco desapontada com as memórias de seu corpo não lhe fizeram justiça. Todas aquelas noites fantasiando com pele lisa, mãos fortes e cheiros inebriantes não incluíam uma fração do apelo que ela atualmente esfregava.

Ele estava todo duro, quente e irradiando testosterona, forçando seu coração batendo rapidamente a derreter.

— Eu deixei as chaves na porta da frente, — ela admitiu, seu rosto aquecendo.

Seu olhar cortou dentro dela, escuro e cheio de satisfação arrogante enquanto ele balançava as chaves de sua mão enrolada nas costas dela.

Ela queria tirar aquele olhar de seu rosto. Para transformar sua superioridade presunçosa em algo menos intimidante. Não, ela precisava.

Antes que ela pudesse se convencer do contrário, ela se ergueu na ponta dos pés e colocou a boca contra a dele.

A conexão acendeu memórias e fantasias como gravetos encharcados de gasolina. A luxúria a atingiu com uma pressa e ela afundou na força dos braços que a apertavam.

Ela espalmou as mãos nos montes rígidos de seus peitorais e lutou contra o desejo de cravar as unhas em sua carne. Restrição era a chave ... Ou teria sido.

Inferno, ela não sabia mais qual era o plano de jogo.

Tudo o que ela podia fazer era saborear cada movimento abrasador e palpitante de seu beijo e se deixar ser consumida pelo prazer da satisfação. Foi perfeito. A carícia delicada, a unidade de peito contra peito, a maneira nervosa como a barriga dela virou e tombou ... por cerca de trinta segundos antes de seus braços caírem e ele dar um passo para trás.

Total. Zumbido. Mate.

Uma ruga marcou sua testa enquanto ele passava a mão pelo cabelo. — Beth. — Seu tom tinha autoridade, até mesmo a mais leve sugestão de castigo. — Eu sinto muito, mas...

— Não faça isso. — Ela ergueu a mão e se afastou, frustrada com sua estupidez. Ela não precisava que ele fosse a voz da razão ou apontasse sua idiotice.

Ela não podia acreditar que tinha sido estúpida o suficiente para se atirar no homem com quem ela jurou nunca se envolver.

E ele a rejeitou.

Burra.

— Sou eu que sinto muito, —acrescentou ela. — Isso foi estúpido da minha parte. — Ela continuou pelo corredor, a vergonha obscurecendo cada centímetro do caminho. — Você pode sair.

Demorou mais alguns passos em um modo de birra bêbado antes que sua mente entendesse. — Oh espere. — Ela se virou para encará-lo. — Eu preciso das minhas chaves.

O bastardo sorriu para ela. O mesmo sorriso diabólico que ele usava quando zombava dela de brincadeira no trabalho.

Não demorou mais do que duas células cerebrais para perceber que ele estava mentalmente rindo demais.

— Sabe, eu nunca vi você tão bêbada antes. — Sua boca se contraiu. — Até que eu gosto.

— Você meio que gostou? — Aborrecimento revestiu suas palavras enquanto ela plantava as mãos nos quadris. — Sim, você gosta o suficiente para ter uma ereção durante toda a volta para casa, mas não o suficiente para me beijar de volta.

Uau, mocinha.

De onde diabos estava vindo esse combustível de humilhação?

Ela acabou de usar a palavra ereção na frente de Dean Sutherland.

O Dean Sutherland.

O chefe dela.

Segunda-feira ia ser uma mãe da puta.

Sua garganta queimou em uma mistura de vergonha e raiva. Ela estava exagerando. Ambos sabiam disso. Pena que ela não conseguiu se conter. A maneira como ele se levantou, com o queixo arrogantemente alto e o sorriso presunçoso e zombeteiro, a consumiu, empurrando-a para mais perto da beira do penhasco.

— Está tudo bem, — ela falou lentamente. — É egoísmo esperar que mais de um homem impressionante de Sutherland me deseje, e seu pai já manifestou o interesse dele antes.

O silêncio desceu como uma bomba quando o rosto de Dean endureceu, aquele sorriso arrogante se transformando em uma linha reta de lábios.

Ela foi longe demais. Ela não apenas pisou na linha imaginária, ela pulou sobre ela, para nunca mais voltar.

O sangue foi drenado de sua cabeça a cada segundo que suas feições endureciam.

Seu olhar se estreitou em fendas maldosas. Suas narinas dilataram-se. Sua mandíbula tremeu.

Ela não conseguia entender por que estava sendo emocional e imatura. Isso não era nada típico dela. Era patético e abaixo dela.

Ela engoliu o nó na garganta e fugiu pelo corredor. Com muito medo de enfrentar o calor. — Por favor, deixe as chaves no chão ao sair.

Lágrimas arderam em seus olhos. Lágrimas patéticas que tinham muito a ver com falta de sono, estresse e a quantidade cada vez mais irritante de álcool.

Não teve nada a ver com sua rejeição.

Absolutamente nada.

Ela caminhou até a sala de estar, colocou a bolsa na cadeira reclinável mais próxima e encostou-se nela enquanto tirava os sapatos. Ela desamarrou as alças e ouviu o som da porta, rezando para que ele fosse embora antes que seu colapso emocional assumisse o controle.

— Beth. — Sua voz ameaçadora reverberou pelo corredor, seguida por passos altos se aproximando.

Em segundos ele estava atrás dela, sua presença se aproximando. — O que diabos isso significa?

A raiva que emanava dele a fez querer correr. Ocultar. Em vez disso, ela se manteve firme e ergueu o queixo em desafio enquanto se virava para encará-lo.

— Você está dormindo com meu pai? — ele rosnou.

Ela recuou com um suspiro, não apenas por sua veemência desenfreada, mas também pela sugestão não tão sutil de ciúme.

Dois minutos atrás, ele não estava nem um pouco interessado nela.

— Isso não é da sua conta. — Ela fez menção de se mover ao redor dele, apenas para vê-lo pisar em seu caminho, pairando perto.

— Como diabos não é. — A dor encheu as profundezas escuras de seus olhos quando ele se aproximou, quase nariz com nariz. — Eu esperei pacientemente por mais de um ano para ter você de volta. Um maldito ano, Beth, e agora, quando você está muito bêbada e muito emocional para pensar direito, você finalmente decide que quer algo de mim? O que está acontecendo? E o que tudo isso tem a ver com meu pai?

Uma lufada de ar deixou seus pulmões.

Ele a queria?

Ele estava esperando?

Ela piscou para ele, sem acreditar. E esperança. E confusão.

— Você está dormindo com ele? — A derrota gravou suas palavras e se estabeleceu em seus olhos.

— Não. — Ela balançou a cabeça para reiterar. Parecia absurdo ouvir uma pergunta tão risível, mas ele estava falando sério. Seus olhos procuraram os dela, perscrutando sua alma em busca de confirmação. — Eu não vou dormir com ele. Eu nunca faria.

— Mas ele fez uma proposta para você.

As palavras não foram uma pergunta. Ele sabia.

Ela respondeu de qualquer maneira, precisando acalmar sua frustração flagrante. — Sim. Foi sobre isso que a reunião foi esta tarde.

Seus pensamentos eram quase visíveis, desde a escuridão que curvava seus lábios até o medo franzindo sua testa.

— Você é minha, — afirmou ele com confiança, então desafiou a declaração dando um passo para trás e colocando mais espaço entre eles.

Ele começou a andar pela sala, para frente e para trás, repetidamente, sua frustração não diminuindo.

Ela não sabia o que fazer. O que dizer.

De repente, a manhã de segunda-feira parecia muito melhor quando havia apenas um beijo para enfrentar e a questão separada com seu pai. Agora os dois problemas estavam firmemente interligados e a aproximação da nova semana de trabalho ganhava força como um apocalipse crescente.

— Eu preciso ir. — Ele parou diante dela, uma mão esfregando a nuca, a outra empurrando as chaves em sua direção.

— Certo, — ela sussurrou, totalmente confusa.

Com o tempo, ela determinou que a relação entre Dean e seu pai não era sólida como uma rocha. Eles lidavam um com o outro de maneira profissional e estéril e, embora raramente discutissem, ela nunca os tinha visto se unindo como pai e filho deveriam. Mas a última coisa que ela queria era se envolver em uma briga familiar.

Também estava na ponta da língua perguntar por que ele dizia as coisas que dizia, as palavras que faziam seu coração palpitar e sua barriga palpitar, mas as possíveis repercussões não valiam o provável impulso para seu ego.

Ela não podia se dar ao luxo de ter um relacionamento complicado com ele. Ignorar a tarde inteira e esquecer o que aconteceu seria o melhor.

— Obrigada pela carona para casa. — Ela foi para a cozinha e pegou uma garrafa de água e aspirina para evitar a ressaca inevitável.

Pode não estar completamente escuro ainda, mas o burburinho do álcool e a reação emocional a esgotaram. Ela precisava dormir ... ou desmaiar, o que viesse primeiro; o que quer que matasse o embaraço mais rápido. — Eu estou indo para a cama. Por favor, tranque a porta ao sair.

— Não terminamos. — Ele a seguiu até a cozinha. — Agora que você deu o primeiro passo, não vou deixar você recuar. Quando você estiver sóbria e pensando direito, estarei aqui. Não vou deixar você ir embora de novo.

Ela fez uma pausa, uma risada indiferente deixando seus lábios antes de se dirigir para as escadas que levavam ao segundo andar e seu quarto. — O que você disser, Dean.

— Zombe o quanto quiser, mas guarde minhas palavras, eu não vou recuar.

Um arrepio de esperança percorreu sua nuca. Seu coração já estava convencido, gritando para que ela se virasse, corresse para ele e encontrasse o que ansiava em seus braços. Mas ela não conseguiu.

Mês após mês, semana após semana, ela ouvia as fofocas do escritório das mulheres sem nome e sem rosto que compartilhavam sua cama, cada mulher durando algumas noites de paixão antes de partir.

Ele era um jogador - um homem incapaz de se comprometer - e embora ela quisesse acreditar que havia mais nele, para se convencer de que essa

paixão não era uma mera atração física, ela sabia melhor. Os homens eram criaturas de hábitos. Eles não poderiam ir de comer uma miscelânea de iguarias de alta qualidade, dia após dia, para uma dieta definida para o resto de suas vidas.

Ele obviamente amava seu ... menu.

Sua vida, por outro lado, era estável. Previsível. Ela precisava manter esse equilíbrio. Ele estava apenas tentando aliviar uma situação desconfortável, usando seu charme para fazê-la se sentir melhor consigo mesma.

Ele realmente não gostava dela, não do jeito que ela queria, do jeito que ela precisava. Ele era um mulherengo impenitente e ela procurava um futuro.

— Eu vou acreditar quando eu ver, — ela sussurrou.

Capitulo 4

Beth acordou com um caso alarmante de constrangimento induzido pelo álcool. Adicione uma leve dor de cabeça, um gosto forte de cascalho na boca, e ela torce para que o dia só possa melhorar.

Por favor, Deus, deixe isso melhorar.

Ela afundou ainda mais sob as cobertas e gemeu com as memórias avassaladoras de Dean. Em menos de uma hora, ela bagunçou completamente sua amizade e relacionamento profissional. Mas pelo menos ela conseguiu isso em sua maneira eficiente típica, certo?

Ela se encolheu ao pensar em como a opinião dele sobre ela teria mudado. Ele provavelmente a rotulou de desesperada por tentar beijá-lo. Ou infantil pela maneira como ela reagiu à rejeição dele.

Sem dúvida ele também achava que ela era louca demais, por mencionar a proposta de seu pai.

Ela chafurdou, segurando o lençol sobre a cabeça por longos e sufocantes minutos. Não havia motivo para se preocupar com algo que ela não poderia mudar. Mas alcançar essa façanha era mais fácil falar do que fazer.



Ela precisava lidar com o enfraquecimento do cérebro de uma maneira calma e profissional - exatamente o oposto de como ela lidou ontem. Só o pensamento de o ver novamente fez seu estômago embrulhar.

— Me dê força. — Ela afastou as cobertas e piscou para tirar o sono dos olhos.

Seu quarto ainda estava escuro e os números vermelhos difusos no relógio de cabeceira a fizeram gemer. Não eram nem seis horas ainda. Acordar antes do nascer do sol em um fim de semana era um sacrilégio, mesmo quando era a maneira sutil do carma de dar um chute na bunda dela.

Ela rolou da cama, caminhando às cegas para o banheiro, esperando que um longo banho de vapor lavasse a dor de cabeça incômoda e a autopiedade.

Quinze minutos depois, ela foi lavada e cheirava a morango maduro demais. Ela até encontrou uma visão positiva da situação sob o spray relaxante do chuveiro.

Dean não guardaria rancor.

Ele adorava provocar e envergonhar, e se os comentários provocadores fossem a pior de suas preocupações, não seria o fim do mundo. Eles poderiam seguir em frente, permanecer amigos, e ela continuaria a cobiçá-lo à distância, rezando para que sua resistência não diminuísse pela terceira vez.

A primeira coisa na manhã de segunda-feira, ela planejava se desculpar.

Ela afastaria o beijo, alegaria que não era nada mais do que estupidez bêbada e seguiria em frente com sua vida. Inferno, ela iria até morder a língua e deixar Dean desfrutar da tortura provocante que ela sabia que ele infligiria, uma e outra vez.

Ela poderia lidar com isso.

O que ela não conseguia lidar agora eram pensamentos sobre seu pai e o pesadelo de uma proposta. Como ela iria deixar seu chefe suavemente sem arriscar seu emprego?

A busca pela resposta ilusória aumentou seus sintomas de ressaca.

Usando uma toalha felpuda, ela secou o excesso de umidade do cabelo, enrolou o material pesado em volta do corpo e prendeu-o acima dos seios. Quando ela ergueu o olhar para o espelho, ela mordeu o lábio e sorriu ao lembrar da boca de Dean na dela. Pode ter sido um erro - um erro monumental - mas foi o erro mais perversamente delicioso.

Pelo menos quando o constrangimento no trabalho se tornasse excessivo, ela poderia obter consolo com as imagens que nunca permitiria que se dissipassem de sua mente.

Lábios suaves e dominantes.

Braços fortes e inflexíveis.

Peitorais musculosos e firmes e um cheiro pecaminoso o suficiente para intoxicar os deuses.

Só o tempo diria se essas deliciosas lembranças valeriam a pena a reação. As imagens também deixaram uma forte dor em seu peito. Apesar de sua mente racional saber que Dean não era o único, seu coração e corpo acreditavam o contrário.

Ela teve que se lembrar que ele não era o tipo de pessoa que se contenta com uma cerca branca e 2,5 filhos. Ele gostava de mulheres rápidas. Os que entraram e saíram de seu quarto. Os tipos que não queriam um futuro romântico ou compromisso.

Ela colou um sorriso brilhante, esperando que uma expressão alegre fosse o suficiente para iniciar uma emoção semelhante. Não funcionou. Seu peito latejava, seus olhos estavam vidrados e ela teve que desviar o olhar, incapaz de suportar seu próprio desejo patético.

Dean não era para ela. Ela sabia disso. Quanto mais cedo seu coração bater mais rápido, melhor.

Com um suspiro, ela apagou a luz do banheiro e entrou em seu quarto em busca de roupas. Ela não conseguia ver absolutamente nada na escuridão, apenas uma sensação de mal-estar surgindo a acompanhou através da sala.

Sua pele formigou. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram.

Algo não estava certo.

Ela congelou e fez uma varredura visual lenta de seu entorno para determinar a causa de seus nervos instáveis enquanto seus olhos gradualmente se adaptavam.

Tudo parecia como deveria ser. As cortinas ainda estavam fechadas com os primeiros raios de sol rompendo as bordas. A cama estava uma bagunça de lençóis emaranhados, do jeito que ela havia deixado. Nenhum móvel estava fora do lugar. As roupas que ela jogou ontem à noite ainda estavam caídas no chão. Mas sua pele ainda arrepiava com consciência sinistra.

Dean se esqueceu de trancar a porta da frente quando saiu ontem?

Ela deu mais um passo quando um guincho de barulho soou no corredor. Seu coração explodiu em batidas erráticas, o pulso batendo forte até sua garganta.

Alguém estava em sua casa.

Ela examinou a entrada, olhando fixamente enquanto a escuridão se transformava em tons de cinza. Sua visão começou a enfocar e uma figura escura apareceu.

Alguém estava lá.

Em sua porta.

Ela não parou para pensar em um plano de fuga. Ela abriu a boca e soltou um grito agudo. O barulho picou seus ouvidos, mas não abafou a maldição murmurada vinda da porta.

Ela correu para o abajur de cabeceira e o acendeu. A explosão brilhante de amarelo temporariamente a cegou, cortando seu grito quando ela fechou os olhos. Ela ergueu os braços em uma tentativa fraca de se proteger e recuou, piscando loucamente.

— Calma, — o homem exigiu.

A cada piscar, sua visão se ajustava e o familiar quadro masculino aparecia. — Dean?

Ele se encostou no batente da porta com as mesmas roupas do dia anterior, sem sapatos e sem meias. Seu cabelo se arrepiou como se estivesse despenteado pelo sono enquanto aqueles olhos perversos a percorriam da cabeça aos pés. Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto ele a inspecionava. Um sorriso maldito brilhante o suficiente para iluminar um estádio.

Ela mediu a respiração, tentando diminuir a frequência cardíaca, e baixou o braço para o lado. Seu pulso roçou a maciez da toalha e sua boca se abriu quando percebeu que estava diante dele seminua, o cabelo pingando.

Ah. Merda.

Ela colocou as mãos no peito, freneticamente alcançando o topo da toalha para garantir que seus pedaços importantes estivessem cobertos.

Seu sorriso só aumentou, seus olhos brilhando em um humor mal contido.

— O que diabos você ainda está fazendo aqui? — A pergunta saiu em uma voz grosa rouca, toda feminina e mansa.

Seu foco se intensificou, deslizando sobre sua pele como uma carícia, o toque visual fez seus mamilos se contraírem e formigarem. Ele se afastou da moldura da porta e deu o primeiro passo em sua direção. — Como eu disse ontem à noite, parei de esperar.

Ele olhou para a visão diante dele, seu coração derretendo. Ele havia antecipado este momento, tinha imaginado isso em sua mente. A. Noite. Toda.

Ela deixou claro que não acreditava em sua declaração - *Assim que você estiver sóbrio e pensando direito, estarei aqui.*

Com toda a honestidade, ele não quis dizer as palavras literalmente. Sua intenção era discutir a situação deles em alguns dias, algumas semanas no máximo, quando as coisas se acomodassem.

Ele queria mudar sua abordagem. Ele estava agindo de leve desde o último beijo desastroso, tentando fazer o relacionamento voltar ao que era antes. Seu flerte tinha sido sutil, sua intenção menos óbvia, enquanto esperava que a amizade deles perdesse a ponta do desconforto.

Mas foi só quando ela zombou na noite passada, mostrando uma total falta de fé, que a determinação de provar que estava errado entrou em ação.

Desta vez as coisas seriam diferentes. Em vez de dar tempo a ela, ele planejava adotar uma abordagem direta. Ele decidiu lidar com ela da

maneira que se sentia mais confortável e confiante. Pela tentação e charme excessivo.

Ele não apenas iria literalmente seduzir as calças dela, ele não tinha nenhum plano de dar a ela algumas semanas para resolver sua merda. Ele se comprometeu a não dar a ela um único dia para contemplar.

Então, em vez de ir para o escritório depois que ela foi para a cama, ele esperou no andar de baixo como um perseguidor psicótico. Ele permaneceu quieto até ter certeza de que ela estava dormindo, então começou a subir as escadas para o quarto dela.

Não foi difícil encontrar. Uma claraboia no meio do corredor iluminava o caminho e todas as portas estavam fechadas, exceto uma. Ele se aproximou, aproveitando para apreciar as fotos de família penduradas nas paredes. Cada peça atuou como uma pequena distração enquanto ele abria caminho até a porta aberta no final do corredor.

Quando ele alcançou o quarto dela, sua respiração prendeu. A luz do sol poente espiava por cima das cortinas, banhando-a com um brilho suave. Ela tinha estado inteiramente em paz. Nenhum estresse do trabalho apertou seus traços. Nenhum sorriso sedutor. Beleza apenas calma e frágil.

Seu coração batia forte enquanto ele permanecia em silêncio observando-a dormir. Seu cabelo espalhado sobre o travesseiro, o pijama feminino rosa deixando pouco para a imaginação enquanto suas pernas nuas montavam os lençóis de seda creme.

Seus gemidos quase inaudíveis fizeram seu pau pulsar. Ele fantasiou sobre aqueles sons femininos escapando de seus lábios por razões completamente diferentes.

Razões sujas.

Razões imunda.

Sua visão se turvou com as imagens de membros nus e emaranhados até que a necessidade de deslizar os dedos sobre suas curvas se tornou uma dor consumidora.

Com um aceno de cabeça, ele recuou escada abaixo. Ele escolheu passar a noite em seu sofá, menos que impressionado com seu pênis que sentia a necessidade de apontar para o telhado por horas a fio.

Ele não conseguia parar de pensar nela, passando a língua ao longo da pele delicada na parte inferior de suas costas, como ele iria devorar sua boca com beijos acalorados, a forma como ele saboreava seus gemidos e gritos enquanto a fazia gozar com os dedos, sua língua, seu pau.

Ele faria amor com ela, quente e pesado, suave e doce, longo e lânguido, como ela quisesse - o dia todo, até que ela parasse de questionar seus motivos.

Cada minuto daquela longa noite foi uma tortura. Uma luta implacável com a tentação. A única coisa que o impediu de subir as escadas para separar suas coxas sedosas foi sua necessidade de traçar um plano de ataque.

No momento em que chegou o início da manhã, ele estava delirando de falta de sono e convencido de que tinha visualizado fazer sexo com ela de todas as fodidas maneiras imagináveis.

O Kama Sutra de Beth havia se enraizado em cada centímetro quadrado de sua mente.

Cada. Centímetro. Quadrado.

O som da água corrente do banheiro do andar de cima foi um alívio bem-vindo do delírio sexual. Ela estava acordada e, embora ele não se lembrasse de ter dormido, ele se sentia alerta, pronto para correr uma maratona como o maldito Coelhinho Energizado.

Agora ela estava diante dele em nada além de uma toalha. Sua pele brilhava com a umidade, seu cabelo era escuro e pesado sobre os ombros expostos. Ela se agarrou ao material roxo como uma tábua de salvação e ele se perguntou se cometeu um erro ao ficar aqui.

Ele tinha boas intenções. Pelo menos eles pareciam assim de sua perspectiva. O que mais o preocupava era a expressão dela, um olhar que ele tentava se convencer de apenas choque, não de terror absoluto.

— O que quer dizer que parou de esperar? — Sua voz tremeu um pouco.

Por um segundo, ele nem mesmo conseguiu lembrar o que queria dizer. Sua mente se fixou em sua pele cremosa e na forma como a toalha curta fazia suas pernas parecerem com dezesseis quilômetros de comprimento.

— Eu disse ontem que quando você estivesse sóbrio e pensando direito, eu estaria aqui.

Sua boca se abriu, então se fechou, parando por um momento antes de abrir novamente. — V-você não precisa fazer isso.

Ela recuou e ele teve que admitir que gostava de seu desconforto. Ela sempre teve um ar de serenidade pacífica no trabalho, apenas demonstrando emoção se ele segurasse seu olhar um pouco mais ou flertasse um pouco demais. Era muito bom tê-la perturbada pela primeira vez.

— Para me fazer sentir melhor, quero dizer, — ela continuou. — Eu sei que me jogar em você foi constrangedor, mas foi um momento estúpido de embriaguez que nós dois precisamos esquecer.

Ok, então ela não estava rastejando aos pés dele ainda. Não é nada demais.

Ele não esperava que ela deixasse cair a toalha, sacudisse sua bunda sexy e ficasse de joelhos ... embora tivesse sido entre uma porrada de fantasias que ele gostava durante as primeiras horas.

Ela tinha mais aula. Ela não era uma sedutora e, embora tenha iniciado o beijo ontem, isso nunca teria acontecido sem a confiança do alcoólatra.

Seu desconforto não arruinou seu plano. Ele poderia se contentar com ela estar nervosa e apreensiva.

Ele deu um passo à frente, aproximando-se com o coração martelando atrás de suas costelas tensas. Seus olhos se arregalaram e sua mão agarrou com mais força a toalha.

Ele estava perto o suficiente para estender a mão e tocá-la, para mover as mãos sobre as linhas delicadas de sua clavícula e limpar os fios soltos de cabelo úmido de seu rosto. Mas ele não fez isso. Em vez disso, ele se concentrou na maneira como os dentes dela mordiam o lábio inferior, a carne carnuda e gorda chamando-o como um farol.

— Não me arrependo do que aconteceu por um segundo. — Ele deveria tê-la cortejado, fazendo um discurso grosso sobre seus sentimentos e todas aquelas coisas suaves e doces.

Ela merecia um homem que pudesse lhe dar as palavras para apoiar a emoção. Mas não era ele. Ele só podia compreender dizer a ela o quanto ele a desejava como uma droga. Como sua beleza superava a compreensão. Ou que o sorriso dela era a primeira coisa em que pensava sempre que acordava. — Eu queria você por tanto tempo.

Ela tinha que saber que sua boca sexy o levava à loucura. Assistir seus dentes cravarem naquele sensual lábio inferior o deixou selvagem.

Ela recuou mais um passo, batendo na mesa de cabeceira. Seus olhos nunca deixaram os dele enquanto ela se endireitava, como se ele fosse um animal predador prestes a atacar.

Talvez ele estivesse.

— Não podemos fazer isso. Você é meu chefe e seu pai ... — Ela se encolheu, desviando o olhar momentaneamente antes de arrastar o olhar para trás com determinação focada. — Nós simplesmente não podemos fazer isso, ok?

Suas palavras continham convicção, mas seus olhos careciam de sentimento. Ela queria isso. Queria ele. Ela estava apenas preocupada com as possíveis ramificações.

Caso em questão - seu olhar mergulhou em sua boca, sua língua saindo para umedecer os lábios.

Sua resistência foi direta para o inferno. Ele fechou a distância entre eles com um passo e encostou o rosto no dela. Ele inalou seu suspiro de surpresa e tomou sua boca com a sua, forte e determinado.

O calor de sua pele se afundou nele, correndo por suas veias como fogo líquido e disparando direto para seu pênis.

Ele teve o prazer de experimentar o beijo dela duas vezes, ambas explodindo em sua mente. No entanto, eles não se comparam a este prazer ou intensidade.

Antes, havia dúvidas e questionamentos. Agora, não haveria recuo.

Ele agarrou seus braços, segurando-a com firmeza. Ele continuou a beijar, lamber e chupar seus lábios, esperando resistência. Ela não deu nenhum, abrindo a boca para ele, sucumbindo.

Sua língua persuadiu a dela em golpes suaves de apreciação enquanto ele movia uma mão por seu braço, por cima de seu ombro, ao redor de sua

nuca. Ele enfiou os dedos em seu cabelo úmido, seu outro braço arrastando ao redor para envolver sua cintura. Ele a puxou para perto, coxa com coxa, pélvis com pélvis. A mais leve fricção de seu corpo contra o dele tirou um gemido de sua garganta, sua fome ainda mais palpável enquanto a devorava.

Ela ainda segurava a toalha, sua mão confirmando sua relutância em se render completamente. Mas seu corpo amoleceu e o deslizar hesitante de sua língua aumentou.

Gradualmente, ela se moldou nele, uma mão timidamente subindo em seu estômago, o toque simples o suficiente para fazer seu pau estremecer.

Ele baixou o braço de sua cintura, enviando a mão em um caminho para agarrar firmemente sua bunda. Ele se apertou contra ela, suas línguas se enredando, seus quadris balançando.

Ele lutou para permanecer no controle enquanto o gemido necessitado dela sacudia seus sentidos, o som feminino saindo de seus lábios para sua boca. Ele não conseguia o suficiente dela - a forma como as unhas dela cravaram em sua pele, o cheiro doce e frutado dela, ou como sua língua lutou com a dele em uma dança erótica.

Ela era perfeita.

Responsiva.

Ávida.

Celestial.

Ele precisava tê-la. Para levá-la para a cama e se concentrar em nada exceto em sua luxúria até que estivessem saciados e doloridos.

Mas não importa o quanto o toque dela o consumisse, ou sua fome crescente exigisse sua atenção, um pensamento ainda o incomodava no fundo de sua mente, irritando-o para caralho.

Seu pai a queria.

Deus. Droga. Isto.

Que momento perfeito para pensar em seu querido velho pai. De jeito nenhum ele permitiria as mãos de seu pai em qualquer lugar perto dela. Ela pertencia exatamente onde estava e ele faria o que fosse necessário para fazer seu pai perceber isso.

Não que esta fosse a primeira vez que uma proposta era feita a alguém de quem Dean se importava. A última vez havia acontecido sete anos atrás, quando Max roubou imperdoavelmente a mulher com quem Dean estava dormindo.

Não, ele estava se apaixonando por ela.

As palavras de seu pai ainda ecoavam em seus ouvidos - uma mulher disposta a aceitar dinheiro para dormir com outro homem não é alguém com quem você deseja perder seu tempo, filho.

O calor aumentou em suas veias, transformando seu desejo em um desafio de vencer.

O velho bastardo não podia ver que Beth era diferente?

Ela era muito inocente, muito doce, muito de uma mulher de bom coração sob todo aquele exterior atrevido.

Não havia nenhuma maneira no inferno que ele deixaria seu pai tocá-la, muito menos fodê-la.

De jeito nenhum. Dentro. Inferno.

Ele se afastou, interrompendo o beijo para descansar sua testa contra a dela. Eles ficaram em silêncio, seus peitos arfando, sua respiração misturada.

Ela olhou para ele com os olhos arregalados, os dedos agarrados à camisa dele como se ela fosse desabar no chão sem o aperto firme.

Nada tiraria isso dele. Ele se recusou a deixar qualquer coisa se interpor entre eles novamente. Não funciona. Não seu orgulho. E definitivamente não era sua família.

Ela tinha sido sua desde o primeiro beijo. Ela sabia disso. Ele sabia disso. Seu pai provavelmente sabia disso também, o que explicaria a proposição conivente.

Não havia como voltar dessa vez.

Ele agarrou seu queixo e falou contra seus lábios. — Eu não vou deixá-lo ter você.

Capitulo 5

As palavras de Dean foram uma dose fria de realidade.

Quando ele entrou pela primeira vez em seu quarto, ele a fez cambalear, fazendo uma luta para não se afogar em excitação.

Agora ela não sabia o que pensar. Parecia que ele estava tentando provar um ponto. Para vencer um desafio contra seu pai no qual ele não precisava competir. Certamente, ele não poderia ser tão cruel.

Antes que ela pudesse abrir a boca para questionar seus motivos, ele moveu as mãos, deslizando-as sobre seus ombros e para baixo para agarrar sua bunda.

Sua concentração desapareceu e o formigamento inspirado por seu toque superou seu desconforto.

Sua boca baixou para a dela novamente, os lábios saqueando, a língua mais exigente, e os músculos internos de suas coxas se contraíram em resposta. Ele se apertou contra ela, o comprimento duro dele ainda era claramente sentido através de suas roupas e sua toalha.

Ele a ergueu, as mãos em sua bunda deslizando para baixo para guiar suas coxas ao redor de sua cintura enquanto se beijavam. Ela travou os tornozelos ao redor de sua bunda e se agarrou a ele.



A toalha começou a esticar, subindo por suas pernas até que sua carne mais íntima ficou exposta. Suas bochechas aqueceram, o calor descendo de seu pescoço para formar uma piscina em seu peito.

Ela precisava puxar o material para baixo, para se cobrir, e na mesma medida ela não queria chamar atenção e mostrar sua timidez sexual.

Ela não era virgem de forma alguma, mas seus amantes eram poucos e distantes entre si. E se ela se comparasse a Dean, sua contagem seria mais próxima da Virgem Maria.

A lembrança de sua inexperiência tornava difícil se concentrar. Seus dentes colidiram repetidamente. Suas línguas pararam de se mover em um ritmo coreografado. Seu beijo se tornou uma massa de movimentos desajeitados.

— Você está bem? — Ele se inclinou para trás, seus olhos lendo-a com preocupação enquanto ela desejava que ele mantivesse contato visual.

Por favor, não olhe para baixo.

— Sim. — Ela deu a ele um aceno brusco.

Ele fez uma pausa, examinando-a antes de inclinar o rosto novamente, movendo-se para outro beijo. Ela soltou um suspiro quase inaudível quando ele se aproximou, seus lábios quase se roçando. Mas ele não diminuiu a distância. Em vez disso, sua cabeça continuou a inclinar-se para a dela, seu olhar vagando para baixo, para baixo em seu corpo para tomar em seu sexo aberto.

O estrondo de luxúria que emanou de seu peito enviou o fogo queimando entre suas pernas em excesso, partes iguais de luxúria e mortificação. Ela ergueu seu queixo com um dedo delicado, guiando sua visão de volta para a dela. Seu olhar era animalesco, primitivo quando ela se inclinou para distraí-lo, dando um beijo lento em seus lábios.

— Beth. — Seu nome era um apelo. Um sussurro de desejo que a encheu com a menor dose de força.

Ela gostava de seu tormento. Amava absolutamente seu desejo. Sua luxúria deu a ela a confiança para percorrer descaradamente a língua ao longo de seu lábio, mordiscando-o com os dentes até que seu gemido ecoasse por ela.

Ele se virou, conduzindo-os em direção à cama para colocá-la nas cobertas emaranhadas. Sua toalha segurou firme em torno de seus seios, mas a parte inferior se abriu, deixando sua boceta exposta.

Com os cotovelos trêmulos, ela se inclinou e observou os olhos de Dean devorá-la descaradamente. Suas narinas dilataram-se, sua mandíbula se contraiu. Ele estava extasiado. Por ela.

Sua intensidade a fortaleceu, dando-lhe a confiança para deixá-lo festejar um pouco mais.

— Cristo, você é hipnotizante. — A rouquidão de sua voz enviou um arrepio sobre sua pele e seu coração bateu em sua garganta. — Eu poderia ficar olhando para você assim por horas.

Ela sorriu com o elogio, mas a autoconsciência tornou impossível manter as pernas abertas. Ela fechou as coxas, obstruindo sua visão e permitindo que a insegurança retornasse.

Ele balançou a cabeça, estalando a língua em desaprovação. — Mantenha-os abertos.

Ela choramingou ao comando, completamente impotente para a maneira como ele a fazia se sentir linda com apenas algumas palavras, alguns toques quentes e um brilho perverso em seus olhos.

Ela caiu de costas na cama e teve que colocar um braço sobre os olhos enquanto ele admirava descaradamente seu sexo molhado e latejante.

Ele se ajoelhou entre suas pernas e seu núcleo se apertou em resposta. Lentamente, ele a espalhou mais e mais, mais e mais, até que seu pulso bateu em seus ouvidos e sua pele gotejou de suor.

Ela podia sentir seu olhar, quase podia sentir em sua pele aquecida.

O roçar de seus lábios chamuscou seu joelho, seus lábios queimando uma trilha ao longo de suas coxas. Beijos suaves se transformaram em mordidas provocantes enquanto as mãos deslizavam por suas panturrilhas para agarrar seus tornozelos. Ele guiou as pernas dela por cima do ombro, aumentando sua apreensão e excitação.

Sua ascensão foi uma tortura. A lambida. encostar o nariz todo caminho até seu núcleo.

Então ele parou.

Ele não se mexeu. Não falou.

Ela tirou o braço dos olhos, esperando, imaginando o que ele faria a seguir.

Seu olhar encontrou o dela enquanto ele pairava sua boca a alguns centímetros de sua abertura. Sua respiração pesada correu sobre ela, cada exalação a tocando como um dedo em suas dobras.

Ela se contorceu, precisando de penetração.

Precisando de algo.

Qualquer coisa.

Ele manteve contato visual enquanto sua língua saía, dando um longo e implacável golpe em seu calor.

O prazer a percorreu. Os formigamentos e os nervos, a pele e os órgãos queimando como um incêndio.

Ele se aproximou, mergulhou mais fundo. Primeiro um golpe, depois dois. Cada chicotada de sua língua se tornou mais difícil, mais rápida, mais exigente, tornando a necessidade de apertar as coxas dela insuportável.

— *Dean*. — Sua voz se encheu de fome crua. Ela estava desmoronando e voando alto, precisando de mais, mas não querendo que acabasse.

Ele passou a mão pela cintura dela, até a ponta da toalha e deu um puxão firme.

Ela engasgou, seu movimento puxando-a para frente, enviando sua língua perfurando seu canal liso enquanto a toalha se soltou e caiu para os lados.

Ela se apoiou nos cotovelos trêmulos e observou a delicada exploração de seus dedos. Sua mão deslizou sobre sua barriga, acariciando suas costelas, provocando a parte inferior de seu seio antes de segurá-la com firmeza.

Ele era implacável, sua mão amassando, apertando e beliscando levemente. Sua boca encontrou seu clitóris - sugando, soprando - até que o prazer fez suas costas arquearem para fora da cama.

Seu corpo estava em êxtase agonizante, preso entre a necessidade do clímax e a ganância por essa euforia continuar.

Ela queria mais, queria tudo e só queria deste homem.

— Solte para mim. — Sua outra mão encontrou seu calor, arrastando leves golpes para cima e para baixo, para cima e para baixo antes de culminar em sua fenda.

A mão em seu seio, a boca em seu clitóris, os dedos em sua boceta ... Tudo se tornou muito.

Ela caiu, despencando sobre a borda, perdendo-se no êxtase. O prazer destruiu seu corpo, consumindo todos os poros. Ela agarrou a mão em seu peito e apertou as coxas. Ganancioso, tão ávido por mais.

E ainda assim sua boca continuou a devorar, seus dedos penetrando, sua mão apertando. Ela fechou os olhos, esfregando-se descaradamente

nele, mais e mais, até que os espasmos desapareceram e a realidade se infiltrou.

As mãos, a boca e o calor de Dean a abandonaram ao mesmo tempo, e ela não teve coragem de abrir os olhos. A dúvida e o medo invadiram sua mente.

O que aconteceria na segunda-feira?

Como ele agiria depois disso?

Ela fechou as pernas e as virou de lado em uma vã tentativa de se esconder. Então ela aumentou sua covardia colocando as mãos sobre o rosto para afastar a vergonha e a estupidez.

Ela tinha sido forte por tanto tempo, resistindo a seus encantos. Então, em um momento de fraqueza, todo o seu trabalho árduo se transformou em cinzas. Ela não conseguia suportar a ideia de abrir os olhos e ver seu sorriso malicioso de satisfação.

E a chicotada ... Foi notável. Em um minuto, sua vida amorosa era inexistente; no próximo ela era material de amante, e em um piscar de olhos ela estava descaradamente esfregando o rosto de Dean.

Seu rosto bonito e talentoso.

Jesus Cristo.

Não admira que as mulheres se juntassem a ele.

Sua arrogância era claramente justificada.

A grade de um zíper a sobressaltou de seu discurso interno. Ela tirou as mãos do rosto e agarrou-se para encontrar a toalha para se sentar na beira do colchão.

Ele ficou aos pés dela, com o peito nu e em exibição para seu olhar ganancioso devorar, os dedos ainda segurando o zíper abaixado.

Ela queria gemer com a perfeição, com a pele escurecida pelo sol, a estrutura forte e o leve rastro de cabelo descendo de seu umbigo.

Ele abaixou as calças, exibindo a ereção projetando-se do topo de sua cueca boxer cinza. Ela manteve a visão centrada na junção de suas coxas, prolongando a fantasia o máximo que pôde, incapaz de enfrentar a arrogância que esperava ver em seu rosto.

Seu coração trovejou quando ele empurrou as calças abaixo de sua bunda, por um par de pernas musculosas e bronzeadas antes que caíssem no chão.

Seus olhos se deleitaram, observando as depressões e curvas, a dureza, a beleza.

Um brilho prateado em sua mão chamou sua atenção e segurou. Ele agarrou um pacote de papel alumínio e o resultado final de seu strip-tease finalmente ficou cimentado em sua mente.

Sua garganta secou quando ela ergueu o olhar. Ela esperava ver uma satisfação presunçosa, pelo menos um toque de arrogância.

O que ela encontrou foi totalmente diferente. Não havia nenhum sorriso arrogante, nenhum brilho em seus olhos, nenhum sorriso aquecido. Ele

ficou lá, emocionalmente nu, seu rosto uma mistura de luxúria inegável e insegurança.

— Dean, eu ...

Não pode?

Não deveria?

Sua mente ofereceu respostas que não passavam de sua garganta. Ela estava uma bagunça, não apenas hipnotizada por seu corpo, mas por sua expressão vulnerável.

O playboy ainda estava lá, ameaçadoramente perto em sua postura confiante, mas seus olhos exibiam um lampejo da mesma fragilidade enchendo seu peito. Ele permaneceu em silêncio, seu olhar inabalável enquanto ele erguia uma sobrancelha em questão.

Quando nenhuma palavra veio, ele avançou, sua determinação mascarando a incerteza. Ele afastou os pés dela com o joelho, sua boxer esticada implorando para ser tocada.

— Você o que? — ele murmurou. — Você quer minha boca de volta em sua doce boceta? Você me quer dentro de você? Você quer que eu te faça gritar de novo?

Grito?

Novamente?

Seu pulso disparou com as opiniões contrastantes de como esse interlúdio terminaria. Ela precisava dizer a ele para ir embora, mesmo

depois do que eles haviam compartilhado. Ela precisava fazê-lo entender que sua relação de trabalho não teria chance se o sexo se envolvesse.

Era melhor, para os dois, se simplesmente fingissem que isso nunca aconteceu.

Seus dedos se estenderam, arrastando ao longo de sua mandíbula, sob o queixo, para levantar até que ela olhasse em seus olhos.

Ele balançou sua cabeça. — Há muito tempo queria estar aqui. Em sua casa. Em sua cama. — Seu polegar acariciou seu lábio inferior. — Eu posso dizer o que você está pensando, e você está errado. Isso não é um erro.

Ele se inclinou, beijando-a, suave, lento e doce. Ela podia sentir o gosto de sua excitação em seus lábios e cheirar o cheiro almiscarado em sua pele. Foi tudo muito bom. O prazer excedente. O excesso de luxúria.

— Estamos bem juntos. Você sabe que somos. — Suas palavras se tornaram um sussurro enquanto ele continuava a beijá-la com delicado esplendor, dizimando sua dúvida e fazendo-a desejar mais. — Você pode sentir tanto quanto eu.

Ele estava certo. Ela podia sentir isso. Mas isso não significa que o que eles estavam fazendo era apropriado.

O arrependimento os perseguiria no rescaldo. Muito arrependimento.

E ainda assim ela não pôde recuar quando a boca dele pressionou com mais força, sua língua se movendo em um deslize inflexível contra a dela. Ela soltou a toalha com um pequeno gemido de capitulação.

Continuar era um erro, mas a necessidade que fluía em suas veias não permitia que ela parasse.

Ele tirou a cueca boxer sem abrir os lábios, seus movimentos apressados aumentando a urgência. Ela se ajoelhou, deslizando os dedos pelo cabelo dele, segurando-o perto enquanto ela se acomodava na cama.

Ele a seguiu, fazendo o colchão cair com seu peso. Com mãos fortes, ele agarrou seus quadris, girando-a para colocá-la de volta contra os travesseiros.

Seus dentes bateram na descida, seu peito duro pressionando contra ela.

Enquanto seus dentes e línguas se chocavam, ele a encorajou a abrir as coxas e se ajoelhar entre eles.

Ele quebrou o beijo e plantou beijos suaves em seus lábios antes de se afastar para descansar em suas coxas. Ele olhou profundamente em seus olhos e rasgou a embalagem do preservativo com os dentes.

Seu foco seguiu suas mãos, a maneira como ele firmemente agarrou seu pênis e começou a cobrir seu comprimento.

Sua garganta ficou seca ao vê-lo, grosso e comprido. Sua ereção era maior do que ela esperava, erguendo-se orgulhosamente do ninho de cachos escuros na base de seu eixo. Ela não podia negar sua apreensão sobre o tamanho dele, mas sua pele também formigou de excitação, sabendo que ele logo estaria dentro dela.

Ela engoliu em seco, tentando se conter, esperando que sua adrenalina morresse para que seu coração diminuísse as batidas incessantes. Então ele

sorriu para ela, seus olhos brilhando com entusiasmo, e seu coração não teve chance de se recuperar.

— Diga-me que você quer isso. — A força de seu tom vacilou, traindo a confiança que ele tentou exalar.

Ela engoliu o nó na garganta e assentiu. Ela queria isso. Ela simplesmente não queria pensar nas consequências.

Quando ele se moveu em cima dela, posicionando seu comprimento duro contra ela, todo o corpo dela estremeceu. Com uma respiração profunda, ela soltou sua consciência. Haveria tempo para chafurdar mais tarde.

Seus dedos do pé se curvaram e seus mamilos formigaram de desejo impaciente enquanto ela tentava não implorar para ser tomada. Sua boca encontrou seu pescoço, seus dentes raspando a zona erógena na junção de seu ombro.

Ela se aninhou nele, beliscando o lóbulo da orelha, levando-o à boca enquanto arqueava as costas. Ele continuou a atormentá-la, sua mão encontrando seu seio enquanto ele brincava com sua entrada com seu eixo. Empurrando e recuando levemente, empurrando e recuando até que ela não aguentou mais.

Passando as mãos pelas costas até os ombros, ela cravou as unhas, deliciando-se com o silvo da respiração contra sua pele e o impulso mais profundo de sua dureza.

Ele respondeu mordiscando seu pescoço, a mistura de prazer e dor fazendo-a choramingar. — Diga-me que você quer isso.

Ela gemeu em resposta, querendo gritar em êxtase quando a cabeça grossa dele a penetrou, parando apenas dentro de sua abertura. Envolvendo as pernas ao redor de seus quadris, ela levantou a bunda, tentando encontrar a penetração que seu corpo ansiava, precisando dele mais profundamente.

Ele não permitiria.

— Diga-me. — Sua voz a provocou. Ele se afastou para apoiar-se em um cotovelo, seus estômagos não se tocando mais.

Incapaz de negar a ele, de negar a si mesma, ela choramingou: — Sim.

Ela arqueou as costas, seu corpo vibrando, tentando recuperar a fricção celestial. Ele continuou a acariciar seu seio, apertando seu mamilo.

Ela não pôde deixar de implorar: — Sim, eu quero isso. Eu quero tanto isso.

Todo o peso de seu corpo se moveu sobre ela, sua boca avidamente reivindicando a dela enquanto ele cutucava sua entrada. Então, com um golpe profundo, ele mergulhou dentro.

O ar deixou seus pulmões, e ele respondeu com um gemido selvagem. Ele começou a empurrar, um ataque lento e delicioso que fez as unhas dela afundarem mais profundamente em sua pele.

Ela flutuou em um estado de sonho de realidade. O homem que ela desejava, aquele que ela queria mais do que ninguém estava em sua cama e fazendo amor com ela.

— Você está me deixando louco, — ele gemeu. — Estou preocupado que isso não vá durar muito.

Um sorriso apareceu em seus lábios, e ela esperava que sua gratidão pela habilidade dele em torná-la confiante nesta situação fosse evidente em seu rosto. Nenhum outro homem a fez se sentir tão feminina e devassa. A sensação de poder a deixou tonta, exigindo que ela ultrapassasse os limites de seu controle.

Deliberadamente apertando seus músculos sobre ele, apertando sua dureza com mais força, ela saboreou seu gemido. Adorava a forma como todo o corpo dele ficava tenso enquanto as coxas dela agarravam sua cintura.

— Ahh, Beth. — Ele pausou suas estocadas. — Você está me matando.

Morrendo de vontade de dar a ambos libertação, ela girou seus quadris, a sensação enviando-a perto do precipício. Ela agarrou sua bunda em suas mãos e o puxou para mais perto, querendo-o mais fundo.

Precisando dele.

Ele obedeceu, respondendo a seu comando silencioso ao entrar nela, enchendo-a completamente antes de recuar e fazê-lo novamente.

Suas estocadas aumentaram em ritmo, em força, em urgência. Seus corpos brilhavam de suor. Ele beliscou um de seus mamilos, a pontada de

dor rasgando um grito de seus pulmões. O orgasmo tomou conta de seu corpo, fazendo seu núcleo pulsar em fúria incessante. Sua visão se estilhaçou enquanto ele continuava a fazer amor com ela, cada impulso adicionando seu prazer até que momentos depois ele gritou sua própria liberação.

Ele sufocou beijos de borboleta ao longo de sua mandíbula, pescoço, ombro enquanto seus movimentos diminuíam, então pararam. Com os olhos ainda fechados, ela soltou um suspiro de satisfação e mediu sua respiração, inalando o novo cheiro de Dean e suor e sexo.

Ela jazia sem ossos e saciada, praticamente ronronando de contentamento. Ela sempre gostou do sexo, da intimidade e do prazer que um amante pode proporcionar, mas o que eles acabaram de compartilhar foi uma experiência totalmente diferente.

Uau. Apenas Uau.

Quando ele rolou para fora dela e depois da cama, ela abriu os olhos e teve um vislumbre de sua bunda musculosa enquanto caminhava para o banheiro.

O que aconteceu agora?

Ela não estava familiarizada com o protocolo de sexo casual. Ele se vestiria e depois iria embora? Ela deveria fazer café para ele? Ela deveria se vestir?

Ela puxou os lençóis sobre o peito, apreensão enrolando em sua barriga enquanto ele usava a bacia. Quando ele voltou para a sala, ela rastreou seus movimentos até a porta.

Para a maldita porta.

O pânico correu selvagem em suas veias.

Ele já a estava abandonando.

Mas em vez de sair, ele apagou a luz e caminhou em direção à cama.

No brilho suave dos primeiros raios do sol, ela se concentrou nos músculos rígidos de seu estômago. Ela se perguntou novamente se a expressão dele seria arrogante, e não ousou olhar. Ela estava saciada, apreciando as emoções profundas que pesavam em seu peito. Ela não se permitiria arruinar a fantasia.

Sem reconhecer suas roupas, ele subiu na cama, levantou o lençol e se aninhou nela. Seu calor tocou cada centímetro de sua pele enquanto seu queixo pousava no topo de sua cabeça, seus braços a segurando com força para que seu corpo se moldasse ao dele.

— Você é incrível. — Ele apertou seu abraço e deu um beijo suave em sua testa.

Não, ele era incrível. E a maneira como ele a fazia se sentir era ainda melhor.

Ela se aconchegou ainda mais nele, tentando inventar um elogio que se adequasse ao seu humor, mas antes que ela pudesse encontrar as palavras,

sua respiração mudou, dizendo que ele não estava mais consciente para ouvir.

Capitulo 6

Dean tinha um sorriso no rosto enquanto estendia o braço sobre a cama, procurando por Beth. Mesmo tonto de sono, ele ainda se sentia feito de algo incrível.

Ele tinha dormido com ela.

Jesus H. Cristo.

Ele. Dormiu. Com. Ela.

Todos os santos de todas as religiões não se atreveriam a lançar sombra sobre este momento fora do casamento que era brilhante pra caralho.

Mas lençóis quentes vazios foram tudo o que saudou seus dedos. Sem pele sedosa, sem corpo delicioso, apenas vazio preenchido com seu perfume inebriante. Droga. Ele planejou mergulhar entre as coxas mais uma vez antes de deixá-la sair da cama.

Abrindo os olhos, ele se sentou com um bocejo e ouviu uma indicação de onde ela poderia estar. Um murmúrio vago veio de baixo, a televisão talvez. O som era muito baixo para distinguir. Ele saiu da cama para investigar, vestiu a cueca boxer e a calça, então desceu para encontrá-la. Quando chegou ao último degrau, percebeu que o barulho não era da maldita TV.

O que diabos seu pai estava fazendo aqui?



Ele caminhou pela sala de estar, em direção ao corredor e à porta da frente. Seu peito começou a latejar, ciúme e raiva parando seu movimento quando ele a encontrou em um roupão de banho minúsculo que mal cobria seu corpo.

Quando ele se moveu atrás dela, ela o lançou um olhar rápido, com os olhos arregalados de pânico. Ela o enxotou com a mão e gesticulou para que ele fosse embora.

Foda-se isso.

Ele teve que enfrentar seu pai. Para dizer a ele para recuar. Isso pode tornar as coisas desconfortáveis para ela, especialmente no trabalho na segunda-feira, mas não havia como evitar. Seu pai precisava deixá-la sozinha.

Posicionando-se contra a parede, ele abriu a porta um pouco mais, certificando-se de que o corpo dela permanecesse escondido. A visão de seu pai fez sua cabeça latejar. Vestido com elegância como sempre, sua calça de terno e camisa impecável estavam sem o mais leve amassado.

Os olhos de seu pai se estreitaram antes que ele inclinasse a cabeça em reconhecimento. — Filho.

— O que você está fazendo aqui? — Dean perguntou sem preâmbulos, incapaz de esconder sua hostilidade.

Beth apertou seu braço, e ele interpretou o gesto como um apelo para ser civilizado, mas depois da manhã que eles compartilharam, ele não suportava seu pai estar perto dela.

Chame isso de ciúme.

Chame isso de juvenil.

Ele não deu a mínima.

Ele queria o homem longe dela, não agora - para sempre. Então, sim, trabalhar juntos seria inconveniente.

— Eu poderia te perguntar a mesma pergunta. Notei seu carro parado na garagem e presumi que Beth o havia pegado emprestado para voltar para casa. Eu esperava que você não fosse tolo o suficiente para passar a noite.

Tolo o suficiente? Ele ergueu as sobrancelhas e respirou fundo pelo nariz, tentando manter a calma. O homem poderia escrever o livro sobre decisões tolas a respeito das mulheres.

— E por que passar a noite seria uma tolice?

Seu pai zombou, então continuou a olhar para ele com uma carranca. Dean sabia que o homem estava pesando suas opções. Ele não gostaria de causar uma cena na frente de Beth. Oh não, Max Sutherland não poderia parecer antiprofissional em público.

Quando Dean era criança, ele foi açoitado com o cinto de seu pai até que ele não conseguia mais andar, tudo porque ele tinha um acesso de raiva em uma função com sua família. Ele tinha sete anos na época, morrendo de vontade de chamar a atenção de seu pai. Atenção que nunca veio. Não da maneira que ele queria.

Ele cresceu acreditando que seu pai não se importava se suas vidas desmoronassem nos bastidores, desde que as pessoas não fossem expostas à roupa suja.

— Você sabe exatamente por que estar aqui é impróprio. Você não esconde sua reputação.

Dean só podia piscar enquanto sua cabeça ameaçava explodir. Ele não tinha certeza se o comentário sobre sua reputação era para fins de argumento ou para lembrar Beth e ganhar vantagem. Mas seu pai não tinha o direito de julgar. Pelo menos as mulheres com quem Dean dormia entendiam sua regra de apenas uma noite. Ele nunca os enganou, nunca se comprometeu com nada além da gratificação física.

Ele apertou sua mandíbula e olhou. O homem havia traído a mãe de Dean por anos, depois a deixou para ficar com um garimpeiro com metade de sua idade. Sem mencionar como Max rejeitou sua própria filha, esquecendo que ela existia. Ainda assim, Dean estava errado? Seu pai era apenas um hipócrita.

— E daí? — Dean cuspiu. — Você tem permissão para propor a ela como uma prostituta, mas eu não posso transar com ela a menos que eu ofereça dinheiro a ela?

Ele queria chocar e infligir dor - e ele o fez. Só que ele percebeu tarde demais quem ele realmente machucou.

Beth engasgou e tirou a mão de seu braço. Seus olhos arregalados o examinaram, como se ela não reconhecesse mais quem ele era.

Merda.

Ele sempre observou sua língua em torno de Beth. Confie nele para escolher a hora mais inadequada para ser um bastardo estúpido.

— Maldição, Dean. — Seu pai balançou a cabeça em desgosto. — Depois de todos esses anos, você ainda não cresceu.

A decepção o atingiu com a força de uma marreta, o ar deixando seus pulmões em um bufo. Aos trinta e dois anos, ele deveria ter superado a necessidade de agradar ao homem que desprezava. — Você nem me conhece.

— Ah não? — As sobrancelhas de Max se ergueram. — Você vai para casa todo fim de semana com uma mulher diferente. Você não as respeita. Você não se preocupa com elas. Você está apenas preocupado consigo mesmo. E você faz a recepcionista filtrar suas ligações, pelo amor de Deus. — Ele fez uma pausa, ganhando compostura, e voltou sua atenção para Beth. — Você não merece a atitude petulante dele. — Ele olhou de volta para Dean. — Não acredito que você seria tão mesquinho, usando Beth assim para se vingar de mim.

Seu pai não elaborou, deixando as palavras caírem como pedras. Ambos sabiam a que ele se referia, mas ele estava errado. Isso não tinha nada a ver com Jessica, nada a ver com o passado. Era sobre Beth, sobre saciar uma fome que ele deixou que o consumisse por muito tempo. Era sobre se arriscar com uma linda mulher que ele respeitava e adorava.

Dean desviou o olhar, precisando se concentrar antes de enlouquecer. Com o tempo, ele esperava que a riqueza de ódio que nutria por seu pai se dissipasse. Não tinha. Ele só aprendeu a mascarar melhor e com seus problemas voltando ao primeiro plano, a animosidade começou a ressurgir, trazendo a traição de volta em uma dor crua e inflexível.

Ele se lembrou dos eventos com clareza vívida. As lágrimas de sua mãe, seus lamentos soluços enquanto suas mãos tremiam, desejando o medicamento para tirar sua dor de cabeça. A miséria que consumiu sua irmã mais nova por perder um pai que ainda estava vivo, e como Dean teve que se adaptar ao papel, mesmo sendo uma criança.

As memórias de Jessica ainda doem também; no entanto, a própria mulher mal classificou uma menção. Ele uma vez pensou que estava se apaixonando por ela. Agora ele sabia melhor. Quando ele a pegou com seu pai, todos os sentimentos queridos por ambos haviam desaparecido.

Seu velho suspirou e balançou a cabeça novamente. Dean mordeu a língua, pressionando até sentir o gosto de cobre do sangue.

— Sinto muito por causar todos esses problemas, Beth, — seu pai ofereceu. — Por favor, lembre-se do que eu disse antes.

Dean estava ansioso para descobrir o que eles discutiram, mas manteve a boca fechada. Estender a conversa só pioraria essa situação fodida, e ele já a tinha feito passar por bastante.

Ela deu um aceno rápido e permaneceu quieta ao lado dele. Sem reconhecer Dean, seu pai abaixou a cabeça em despedida e foi embora.

Logo depois, Beth fez o mesmo, virando-se para mover-se com passos rápidos pelo corredor. Ele esperou, precisando ter certeza de que seu pai iria embora.

Não foi até que o Mercedes preto se afastou do meio-fio e saiu de vista que ele bateu a porta da frente. O som vibrou nas paredes, perfurando seus ouvidos, aumentando a fúria que fervia dentro dele.

Ele queria gritar.

Ele queria dar um soco em algo.

Inferno, ele se contentaria com uma bebida forte, mas agora ele tinha que consertar essa bagunça.

Ele invadiu a sala de estar silenciosa, passando pela cozinha, examinando cada um em busca dela. Subindo três escadas de cada vez, ele caminhou pelo corredor até o quarto dela.

Apreensão apertou seu peito quando ele se aproximou da porta. Ele não conseguia se lembrar da última vez que discutiu com uma amante - além de Jessica - e ele não sabia o que esperar.

Beth tinha um coração gentil e ele não conseguia imaginá-la atacando, mas mulheres raivosas eram temperamentais. Em um minuto elas sorriam, proclamando que não havia nada de errado, no seguinte seu pau estava no liquidificador com o dedo pairando sobre o botão Liga / Desliga.

Ele se inclinou do lado de fora da moldura da porta, decidindo observá-la por um momento. Ele não era um cagão; ele se conteve para lhe dar

espaço. E se aquele tempo permitisse que ele determinasse se ela segurava algum objeto pontiagudo, seria ainda melhor.

Rastreando seus movimentos, seu corpo agora vestido com uma camiseta larga e shorts minúsculos, ele percebeu que a culpa apunhalando suas costelas não poderia ser pior do que qualquer dor física que ela pudesse infligir.

— Eu sinto muito. — Ele deu o primeiro passo para dentro da sala.

Sua coluna endureceu, e ela virou o pescoço para olhar para ele por cima do ombro, a camisa em suas mãos. Sua expressão não retratava nenhuma emoção, nenhuma raiva, nenhuma frustração, nenhuma traição. Apenas um leve indício de tristeza em seus olhos. Ela mascarou seus sentimentos sob uma fachada fria e se aproximou para lhe entregar a camisa sem fazer contato visual.

— Nada para se desculpar. — Ela se virou e se ocupou em arrumar a cama. — Compreendo. Era apenas sexo. Posso não ser conhecida por dormir por aí, mas não sou ingênua. Sei que você é um jogador e dormi com você mesmo assim.

Ele se encolheu.

Ele nunca teve problemas com sua reputação antes, mas ouvir as palavras de seus lábios o fez se sentir menos do que digno. Ele queria ser bom o suficiente para ela, alguém de quem ela pudesse se orgulhar. Não o mulherengo desprezível que os caras do trabalho adoravam parabenizar.

— Beth. — Ele se aproximou. Seus olhos diriam a ele exatamente como ela se sentia, o quão ruim ele a machucou. Ele só precisava que ela levantasse seu olhar deliberadamente abatido.

— Olhe para mim. — Ele prendeu a respiração enquanto ela se virava para se concentrar nele através dos cílios escuros. O queixo dela pode estar alto, mas ele teve tempo para notar as pequenas coisas que ela não conseguia esconder. A forma como sua garganta convulsionou ao engolir. Como seus lábios se apertaram em uma emoção contida.

— Não faça isso, — ele implorou, mas ela desviou o olhar.

Ele deu um passo à frente, precisando fornecer conforto, tocá-la, para se certificar de que já não a tinha perdido. Colocando sua camisa na cama, ele deu o passo final que os separava.

— Isso não foi casual para mim. — Ele estendeu a mão para correr o polegar sobre sua bochecha. As palavras não eram uma declaração de amor e, ainda assim, eram monumentais para ele. Ele não se colocou em uma posição vulnerável desde Jessica, e sair em uma perna era assustador como a merda.

O silêncio reinou enquanto ele desejava que Beth realmente olhasse para ele. — Eu não pensei antes de abrir minha boca. Eu queria machucar meu pai, não você. Eu sei que isso não desculpa o que eu disse, mas ...

Ele não sabia mais o que dizer. Ele não era conhecido por desculpas. Ele raramente cometia erros, então nunca precisava usá-los.

— Eu estou bem com o sexo impulsivo, ou caso de uma noite, ou como você quiser chamar, Dean. O que não gosto é ser usado para se vingar de seu pai.

Ele inclinou a cabeça, colocando o rosto na linha de visão dela, e engoliu em seco, sem jeito, ao ver o brilho vítreo em seus olhos. — Beth ... — Cristo, isso era difícil. — Essa coisa entre nós não tem nada a ver com meu pai. É sobre mim e você. Tenho problemas com meu velho que nunca serão resolvidos, mas eu nunca usaria você.

Ele praguejou e tentou encontrar palavras para convencê-la. — Eu não quero que isso seja casual. Eu me preocupo com você há muito tempo e sei que você sabe disso. Por favor, me dê uma chance de compensar você.

Ele precisava fazê-la entender sem assustar a merda fora dela. Ele precisava provar isso a ela, mas como?

— Passe o fim de semana comigo, — ele desabafou, a epifania repentina parecendo uma ideia excepcional.

— De jeito nenhum. — Sua resposta foi imediata, inflexível e pontuada por um aceno de cabeça.

Ele não conseguiu conter a risada que explodiu. Ele se divertiu com a facilidade com que ela o recusou. — Passe o dia comigo, — ele contra ofereceu, desta vez aumentando o efeito com seu sorriso e covinhas características.

Ela continuou a sacudir a cabeça. — Não. Você precisa ir. — Ela pegou a camisa dele e a empurrou contra o peito.

Ignorando-a, ele se aproximou, seus dedos dos pés se tocando, suas roupas agora espremidas entre eles. — Eu quero ficar. Eu quero passar mais tempo com você.

Ela o olhou como se ele fosse estúpido. — Não.

A determinação faiscou em seus olhos quando ela o empurrou de volta. Seus pés não se moveram e ela bufou de frustração, mas permaneceu no lugar. Ela estava desabando. Se ela não o quisesse aqui, ela já teria ido embora. Mas aqui estava ela, olhando para ele com desafio, tentando encará-lo enquanto seu sorriso crescia.

Quem recuaria primeiro?

Ele agarrou a camisa da mão dela e a deixou cair no chão, na esperança de tentá-la com uma exibição irresistível de pele. Ele não se preocupou em tomar nota de onde o material caiu, em vez disso se concentrou na maneira como ela apertou os lábios com mais força, tentando conter o sorriso que ele podia ver em seus olhos.

Ela ergueu as sobrancelhas e finalmente recuou. — Bem, divirta-se dirigindo para casa seminu.

Um homem mais forte a teria deixado sair, agarrado sua camisa do chão e lhe dado espaço. Mas ela o fez fraco e necessitado da maneira mais quente possível. Ele tinha experimentado o gosto dela e agora queria mais. Ele precisava colocar as mãos sobre ela, tirar vantagem de sua agressividade e saciar sua vontade de acariciar sua pele delicada.

Ele a capturou pela cintura, girando-a sem esforço. Ela soltou um suspiro, então um grito agudo quando ele a jogou na cama.

Seu corpo saltou com o impacto, cabelos, pernas e braços voando em diferentes direções. Ela se endireitou, movendo-se apressadamente de joelhos para olhar para ele, enquanto ele a olhava com uma intenção predatória.

Eles lutaram para se encarar, sua postura mudando para uma postura preparada, como se ele fosse atacá-la a qualquer momento. Então o foco dela se desviou, descendo pelo peito nu até a virilha e o membro de sua anatomia que queria acenar para ela com entusiasmo.

— Ah não. — Seus olhos se voltaram para os dele, um leve rubor colorindo suas bochechas. Ela balançou a cabeça com determinação. — Não vou dormir com você de novo.

Sério?

Ele não estava convencido. Talvez não hoje ou amanhã, mas um dia em breve ele se certificaria de que fariam amor novamente. — Eu não pedi para você. Só pedi que você passasse o dia comigo.

— Bem, seu amiguinho está expressando suas próprias demandas. — Ela apontou o dedo indicador para a protuberância em suas calças.

Ele sorriu com as palavras dela e a maneira ofegante como elas deixaram seus lábios. — Amiguinho? — O rubor em suas bochechas escureceu. — Não ouvi você reclamar do tamanho dele antes?

Ela estufou o peito, fingindo estar farta, e recuou da cama. — Se você acha que vou ajudar a inflar esse seu ego enorme, pode pensar de novo. — Ela o enxotou com um movimento de seu pulso, um sorriso fraco inclinando os cantos de seus lábios.

Quando ela passou, ele agarrou a mão dela, entrelaçando os dedos nos dela e apertando com muita delicadeza. Se a provocação brincalhona não funcionasse, ele tomaria outro caminho.

Ele deixou o humor sumir de sua expressão, substituindo-o por uma seriedade sincera que ele esperava que ela acreditasse. — Por favor, Beth. Deixe-me passar o dia com você.

Capítulo 7

Os dedos de Dean envolveram seu pulso. O aperto delicado cessou seus movimentos e parou seu batimento cardíaco completamente. Embora ele gostasse de bancar o durão na maior parte do tempo, o tormento em seus olhos a fez reconhecer que talvez ele também estivesse sofrendo.

As palavras que ele usou com seu pai antes a deixaram se sentindo mesquinha e suja. Ele raramente tinha jurado na frente dela. Portanto, a mudança abrupta na personalidade atingiu com a força de um golpe físico. No entanto, ela aceitou suas desculpas e tentou se convencer de que ele não tinha a intenção de machucá-la.

O perdão dela não significava que ela deveria passar o dia com ele.

Ela já podia sentir a batida rápida de seu pulso sob a pressão dos dedos dele. Mais tempo com ele seria um erro, um erro gigantesco e colossal.

O dia inteiro juntos só iria garantir mais danos ao seu coração quando as coisas acabassem. Ainda assim, ela se descobriu querendo concordar. Então, antes que ela percebesse, ela abriu a boca. — Sem sexo.

Ele balançou a cabeça surpreso, ou talvez tenha se sentido insultado com a estipulação. Ele provavelmente renegaria seus planos sem sexo selvagem não estivessem envolvidos. Ela começou a pensar que ele estava



para rejeitar seus termos quando seu rosto se iluminou com satisfação presunçosa.

— Sem sexo, — ele ecoou com muita sedução para sequer considerar sua credibilidade. Ele sabia que tinha vantagem quando se tratava de sexo e persuasão. A bunda dele praticamente tinha o monopólio do mercado, o que significava que ela precisava ser firme.

Ela suspirou em derrota e ergueu o olhar até seu peito delicioso. Quem ela estava enganando? Ela não podia recusar mais tempo com ele. Ela já queria lamber um rastro de suas calhas de porra, todo o caminho até seus mamilos rubi escuros.

Se ela pudesse confiar que ele seria fiel à sua palavra.

Olhando de volta para o rosto dele, ela o examinou. Ela não tinha certeza se o Capitão Copulação poderia concordar com uma regra de não sexo sem que sua masculinidade murchasse.

— Você promete? — Por mais que seu núcleo se contraísse em protesto, ela precisava resolver seus sentimentos por ele antes que mergulhassem entre os lençóis novamente.

— Sem sexo. Honra de escoteiro. — Ele ergueu a mão no que ela presumiu ser uma promessa de escoteiro. Ela abriu a boca, preparada para se render, mas ele a interrompeu. — A menos que você implore por isso.

Ela o encarou com um olhar feroz. — Não haverá imploração, Dean Sutherland.

Bastardo arrogante.

A autoconfiança dele passou para ela e ela se sentiu com poder para fazer suas próprias provocações. Seu olhar a seguiu enquanto ela se movia para ele. Com propósito deliberado, ela olhou para sua boca provocativamente, passando a língua pelos lábios em um convite flagrante. Uma explosão de orgulho aqueceu sua barriga quando ela percebeu o pomo de Adão dele.

Dois poderiam jogar este jogo.

— A menos que você planeje implorar, — ela sussurrou com uma curva nos lábios.

Sua cabeça se aproximou, continuando a sedução, levando o jogo para o próximo nível. — Não tenho muito orgulho de implorar. — Sua boca parou a milímetros de sua orelha, o calor de sua respiração viajando por seu pescoço, sob sua pele e por sua espinha. — Para você.

Ela podia sentir o movimento de seus lábios contra seu cabelo enquanto ele sussurrava, o prazer rasgando um gemido traidor de sua garganta antes que ela pudesse detê-lo.

Maldito homem e seu apelo sexual inabalável.

Ela já queria desistir e retirar sua estipulação. Não havia como ela aguentar por um longo período de tempo.

— Então, isso significa que você vai passar o dia comigo?

Ela fingiu refletir sobre a ideia por um momento, olhando para o espaço enquanto batia no queixo com o dedo indicador.

Ele parecia feliz em continuar a farsa agindo impaciente. Primeiro, suas mãos agarraram seus quadris, então ele caminhou os dedos por seus lados, gentilmente cavando para provocar suas costelas.

Ela odiava sentir cócegas, sempre odiava, mas ela amava suas mãos grandes em seu corpo em igual medida. Mesmo na tortura, seu toque a escravizou.

Seu corpo começou a se mexer, os dedos dos pés se curvando, incapaz de suportar o sofrimento. Ela engasgou, tentando gritar. — S-sim. Sim, ok, vou passar o dia com você.

A pressão parou imediatamente, as mãos dele agora baixando para descansar em seus quadris. Ele deu um sorriso sincero, com covinhas aparecendo e tudo, antes de fazer a última coisa que ela imaginou que um homem adulto faria. Ele ergueu o punho como um adolescente. — Sim, sim.

Ela jogou a cabeça para trás com uma gargalhada, a tensão se esvaindo de seu corpo. Quando ela olhou para ele, ela podia ver felicidade legítima em seus olhos.

Ela precisava acreditar que vinha de algo profundo e emocional, mas seu cérebro sabia melhor. Ela tinha que ficar se lembrando de que as coisas entre eles eram apenas casuais.

Antes que ela pudesse se afastar para esconder sua súbita melancolia, seus lábios estavam nos dela, sua língua buscando a entrada imediata em um beijo devastador e apaixonado que roubou seus pulmões. Ela não pôde

deixar de retribuir o beijo, agarrando-se a seu peito nu, saboreando seu aperto enquanto suas línguas dançavam.

Suas mãos vagaram, movendo-se sobre sua pele nua, para sentir cada curva, cada plano rígido. Fale sobre a falta de autocontrole. Ela nunca foi o tipo de ceder à tentação tão facilmente; no entanto, ela se viu questionando cada ação em torno deste homem.

Agarrando o fio desencapado de força que lhe restava, ela bateu em seu peito. — Eu disse sem sexo.

Ele franziu a testa para ela. — Querida, eu odeio te dizer isso, mas isso foi apenas um beijo.

Ela revirou os olhos e saiu de seu abraço para seguir em direção ao banheiro. — Estou tomando banho.

O tempo sozinho tornou-se cada vez mais necessário a cada minuto que passava. Seu corpo precisava de tempo para dessensibilizar, para parar de cantarolar em um nível erótico que continuava a manter seu sangue fervendo lentamente.

— Você está convidado a usar o outro banheiro no final do corredor se planeja ficar. E fique atento, tenho coisas para fazer hoje e não pretendo mudar minha programação.

— Sim, senhora, — ele respondeu enquanto ela se fechava na privacidade de seu banheiro e trancava a porta - apenas para garantir.

Uma hora depois, ela estava na casa de Dean, olhando através das janelas do chão ao teto para a água do Melbourne, Docklands abaixo. Seu apartamento roubou seu fôlego.

Os saltos de suas sandálias bateram nos luxuosos ladrilhos pretos do hall de entrada enquanto ele segurava a grossa porta de madeira aberta para ela. Cada ladrilho exibia fios de prata únicos que se enredavam na superfície brilhante, levando-a para a sala de jantar, cozinha e sala de estar em plano aberto.

Ela o imaginou vivendo em um apartamento de solteiro, um santuário dedicado ao seu status de solteiro. Mas quando ela olhou ao redor do apartamento decorado com bom gosto, com seus sofás de couro escuro e grande mesa de jantar de vidro, ela percebeu que o subestimou.

Ele tinha um gosto caro, arte e móveis incluídos. Ela nunca teria imaginado que ele seria uma aberração legal também. Os eletrodomésticos de aço inoxidável da cozinha brilharam. Os tampos das bancadas de mármore carvão estavam imaculados e nus.

Não, definitivamente não era um apartamento de solteiro. Este apartamento falava muito sobre sua maturidade e orgulho e ela sentiu outro pedaço de seu coração se contrair sob o peso da admiração.

No caminho para cá, ela se assegurou de que o grande desvio no caminho para o supermercado não era nada para se preocupar. Ele precisava escovar os dentes e trocar de roupa. Ele não aceitou a oferta de

tomar banho na casa dela, afirmando que não queria se intrometer e que iria se refrescar em sua casa.

Ela não acreditava que houvesse segundas intenções para a visita rápida, mas ver onde ele morava teria ramificações. Seu esconderijo íntimo seria outra memória que ela precisaria esquecer quando as coisas entre eles terminassem.

Mas ela também não esperava que ele passasse o dia com a roupa suja de trabalho. Ok, então talvez teria sido lógico se ele fosse sozinho e a encontrasse em sua casa mais tarde. No entanto, eles só concordaram em um dia juntos. Apenas algumas horas para se conhecerem de amigos para amigo, e eles não poderiam fazer isso corretamente se passassem a maior parte do tempo separados.

Enquanto se convencia de que estava fazendo a coisa certa, ela agarrou uma imagem emoldurada da lareira acima da extravagante lareira elétrica. A imagem era de Dean quando ele era um adolescente, abraçando uma jovem, sua beleza uma versão feminina da sua.

— Minha irmã, — ele ofereceu, vindo por trás dela. — Ela parece doce. — Ela olhou por cima do ombro para vê-lo assentindo, o olhar fixo na imagem.

— Sim, ela é. Megan não tem um osso egoísta ou mesquinho em seu corpo. Ela é filha de sua mãe, graças a Deus, e nada como nosso pai.

Ela queria saber a história por trás de sua expressão sombria. Ela só temia que ele se fechasse sobre ela se ela cutucasse com muita força.

— Vocês dois são próximos?

Seu olhar encontrou o dela e ela cegamente colocou a moldura de volta na lareira antes de se virar para encará-lo.

— Mmm. — Ele assentiu com um sorriso triste. — Ela não teve a melhor figura paterna enquanto crescia, então tentei compensar a perda. Megan olhou para mim e eu a protegi do mundo real o melhor que pude. Mas ela é uma mulher adulta agora, grávida e feliz no casamento.

Dean é uma figura paterna? Ela sorriu com a imagem mental. Um homem jovem e robusto crescendo com as responsabilidades de um homem. Não admira que ele estivesse tão confiante, tão seguro de si; ele teve que representar o papel de adulto desde cedo.

— Éramos muito próximos… ainda somos muito próximos. Mas isso é o suficiente sobre mim. — Seu tom se aprofundou quando ele se inclinou um pouco mais perto.

Ela inclinou a cabeça, aproximando seus lábios dos dele. Ela não queria seu beijo e sabia que isso levaria a algo muito mais sexy, mas ela foi incapaz de parar suas ações.

— Que tal uma visita guiada? — Ele falou em sua boca, provocando-a com sua proximidade.

Ela deveria ter dito não, inferno, não, com a perspectiva de ver seu quarto. Em vez disso, ela se viu balançando a cabeça. Ela já tinha uma biblioteca cheia de fantasias armazenadas em sua mente envolvendo seu

quarto privado. Seu cérebro precisaria fazer reformas, expandindo o espaço nas prateleiras, se ela descobrisse como era na realidade.

Ele agarrou a mão dela, levando-a aos lábios para um beijo suave antes de entrelaçar os dedos e conduzi-la pelo corredor. A conexão deles não tinha sido teatral, apenas um simples selinho, mas a simplicidade de suas ações parecia monumental.

Parecia um momento entre amantes de longa data, não duas pessoas que compartilharam uma manhã de paixão. A carícia íntima a fez engolir as borboletas que se multiplicavam como coelhos em sua barriga.

Ela estava com muitos problemas.

Ele vagarosamente a conduziu através do apartamento, dando um aperto suave em sua mão de vez em quando. Ele explicou a arte nas paredes, admitindo que sua irmã organizou a maioria dos móveis, embora ele tivesse a palavra final em todas as compras.

Os primeiros dois quartos ostentavam janelas do chão ao teto com vistas cativantes das Docklands. Cada quarto tinha seu próprio tema de cor, primeiro um verde profundo com creme, a seguir marinho e branco. A mobília consistia em camas grossas, cômodas escuras polidas com adornos caros e mesinhas de cabeceira combinando com elegantes lâmpadas de ferro.

Ele deu a ela uma rápida olhada em seu escritório, as paredes revestidas com estantes de livros abastecidas e uma mesa grossa de madeira no

centro. Quando ele fechou a porta atrás deles e a levou para o quarto que restava, ela quase arrancou os dedos de suas mãos.

Ele deve ter percebido sua inquietação porque deixou sua mão cair e gesticulou para que ela caminhasse na frente. Com passos tímidos ela se moveu para a sala onde toda a magia aconteceu. Ela se perguntou se seu quarto pessoal seria diferente dos outros. Talvez com roupas íntimas femininas penduradas nos pés da cama ou um quadro de cortiça cheio de fotos de suas conquistas.

Ela sabia que os pensamentos eram ridículos, mas um pequeno pedaço dela esperava que ela estivesse certa.

Não era saudável continuar a vê-lo como o homem perfeito. Ela precisava de algo que não gostasse nele, algo em que se concentrar que não envolvesse cercas de madeira brancas, uma perua da família e um feliz para sempre muito conveniente.

O cheiro inebriante de sua loção pós-barba enchia seus pulmões a cada passo. O marrom chocolate adornava a parede atrás da cama king-size de madeira, o tom era um tom mais escuro que seus olhos. Na parede oposta havia uma penteadeira, alta e orgulhosa, com o espaço acima segurando uma televisão maior do que a da sala de estar.

— Uau, é uma honra entrar neste espaço infame. — Ela tentou afastar uma pontada de ciúme pelas mulheres que compartilhavam sua cama.

— Esperamos que você seja a última.

Ela cerrou os dentes com o absurdo de sua declaração e olhou por cima do ombro. Ele deve ter uma opinião muito baixa sobre ela se ele pensava que ela era tão ingênua. Ele estava alguns metros atrás dela, os braços cruzados casualmente sobre o peito, mas sua expressão não continha o sarcasmo que ela esperava.

— Não me prometa. — Ela não sabia por que sua brincadeira brincalhona doía; simplesmente aconteceu. — Então, quantas mulheres fizeram o corte? — O comentário masoquista saiu de sua boca antes que ela pensasse melhor.

Ela não queria saber. Seu coração não aguentava a realidade.

— Muitos. — A resposta áspera doeu mais do que ela esperava. — Você é a primeira mulher que eu já tive que implorar para chegar aqui. — Seus lábios se contraíram com a memória. — Eu vou ficar pronto. Não vou demorar.

Ele pegou um controle remoto na mesinha de cabeceira, ligou a televisão e jogou-o na cama. — Fique à vontade.

Ela sentou-se cautelosamente na borda inferior do colchão, seu foco oscilando, alternando entre a TV e Dean enquanto ele entrava em seu banheiro privativo.

Ele deixou a porta aberta, dando a ela uma visão perfeita do chuveiro aberto, os azulejos cintilantes e as torneiras brilhantes. Ela presumiu que ele tomaria banho e se trocaria; apenas ele não fez nenhum esforço para fechar a porta, então ela concluiu que ele devia estar escovando os dentes.

Foi só quando ele começou a se despir que ela percebeu que sua suposição estava errada.

Sua camisa saiu com um movimento fluido, os músculos de suas costas se contorcendo e esticando enquanto o material caía no chão. Antes que ela compreendesse o que ele estava fazendo, suas calças baixaram. Roupas íntimas também.

Ela deveria ter desviado o olhar, deveria ter se movido para a cabeceira da cama, onde seu corpo estaria fora de vista, mas ela não pôde. Ela se concentrou em seu corpo, o tamanho de suas coxas, a inclinação de suas costas logo acima de suas nádegas.

Oh Deus, ele pensou que ela não podia vê-lo?

Então, com brilho crescente, ela percebeu seu plano.

O bastardo a estava tentando, faze-la implorar por sexo. Também estava funcionando; seu corpo já zumbia de desejo, implorando para ser saciado mais uma vez. Pena que Dean e sua libido ficariam insatisfeitos. Ela não cederia tão facilmente. Não importava o quão delicioso seus músculos eram ou o quanto ela ansiava por seu toque.

Não. Vai. Acontecer.

Se ele queria fazer um show, que fosse. Não era como se metade das mulheres atraentes deste lado do hemisfério já não o tivesse visto nu. Ela também pode aproveitar o entretenimento gratuito. Inferno, talvez ele fosse um exibicionista. Bom para ele. Hoje seria seu dia de sorte, porque ela ficaria mais do que feliz em assistir à distância.

Na verdade, ela se sentia confiante o suficiente para assistir descaradamente de um ponto de vista muito mais próximo.

Quando ele entrou sob a ducha, ela caminhou em direção ao banheiro e parou lá dentro. Ela ficou fascinada, seguindo o rastro de água pelos planos lisos e esculpidos de seu peito e pelas coxas.

Ele se virou para encará-la, sua leitura casual, não mostrando uma pitada de surpresa quando sua mão deixou um rastro de lavagem corporal sobre seu peito. Seu cabelo tinha escurecido sob a água, os comprimentos soltos agora caíam ao redor de seu rosto, emoldurando olhos de carvão.

Fingindo uma bravura que não tinha, ela caminhou até a pia e empurrou-se para a penteadeira para uma posição mais confortável.

O vapor do chuveiro embaçou o ar, viajando sobre sua pele, sob a saia até o joelho e na parte superior de seus seios. O calor infiltrou-se nela, combinando com o fogo queimando entre suas pernas, e ela desejou como uma louca poder esfregar as coxas.

Ela não iria ceder. Esta não era sua primeira luta contra a tentação no que dizia respeito a ele, e ela duvidava que fosse a última.

Em transe, ela seguiu seus movimentos enquanto ele trabalhava uma espuma sobre seu corpo. Sua mão deslizou de seu peitoral, esfregando os músculos de seu estômago, e então indo mais para o ninho de cachos em sua virilha.

Quando ele segurou suas bolas, ela respirou fundo, segurando a penteadeira com força até que seus dedos gritaram em protesto. Ela não

conseguia olhar em seus olhos, o constrangimento queimaria suas bochechas se o fizesse. Mas ela podia sentir o olhar dele sobre ela, observando, percebendo como seu corpo zumbia e estremecia, tudo ao mesmo tempo. Ela não conseguia evitar, não conseguia esconder.

Ele tomou seu tempo, esfregando a palma da mão para frente e para trás, para frente e para trás em seu comprimento. — Está curtindo o show? — Sua mão continuou a atormentar a carne da qual ela tentou desviar sua atenção.

— Não sabia que você estava me divertindo, caso contrário, teria trazido lanches. — As palavras saíram gravadas em confiança, embora cada sílaba raspasse em sua garganta ferida. Ela não podia permitir que ele quebrasse sua decisão.

Ele riu, o tom profundo de sua voz fazendo seu núcleo apertar, seus mamilos endurecerem. — Terei prazer em entretê-la. — E com isso, ele se voltou para mais sabonete líquido.

Incapaz de resistir a olhar, ela olhou para ele, realmente olhou para ele. Mesmo semiereto, ele era incrivelmente bem dotado. Ele não parecia continuar assim. Quando ele se virou, seu pênis já tinha crescido, agora se projetando de suas coxas como aço duro.

Ela coçava para estender a mão e tocar, para correr os dedos sobre a carne dele e ver se o comprimento se movia em resposta. O cheiro dele ficou mais pesado, o aroma da lavagem corporal enchendo seu nariz, seus pulmões, sua alma. Ela amou aquele cheiro, imaginou inalar a mistura picante e dominante mesmo quando ele não estava por perto.

Era o seu cheiro. Sua essência.

Ele agarrou-se com uma das mãos e começou a acariciar seu comprimento. Da raiz às pontas, sua palma corria para frente e para trás, para frente e para trás, enquanto ela olhava com fascinação desenfreada. Sua expressão se intensificou, as linhas e ângulos de suas feições mais nítidos e tensos.

Ele se concentrou nela como um predador. — Tem certeza que não quer se juntar a mim?

Ela limpou a garganta e balançou a cabeça, incapaz de expressar uma resposta. Mesmo se ela pudesse falar, ela não confiaria em sua boca para dizer a coisa certa. Seus hormônios estavam atualmente lutando contra seu controle, tentando cruelmente despedaçá-lo.

Sem parar seus golpes, ele se virou para ela no chuveiro, descansando sua mão livre contra o vidro. Seus ombros caíram, sua postura se alargando como se ele lutasse por força ou controle.

— Venha aqui, — ele rosnou, o som tão profundo que mal foi registrado acima do barulho da água correndo.

Ela balançou a cabeça, inflexível em manter sua posição no banco. Bem aqui estava bom, fora da distância de toque, fora da zona de tentação absoluta. Mas suas pernas a traiu quando começaram a cortar centímetros do chão, ansiosos para se mover em direção a ele.

— Por favor, venha até aqui.

Sua hesitação era fraca, na melhor das hipóteses. Ela saiu da penteadeira e seus pés lentamente avançaram por sua própria vontade.

O olhar deles permaneceu travado o tempo todo, cada passo a deixando mais fraca, levando-a para mais perto da intensidade hipnótica de seus olhos.

Ela não podia resistir à necessidade escaldante deste homem. Ele tinha confiança para implorar, não se esquivava de sua luxúria, e ser a mulher que causava emoções tão fortes o consumia. Isso a fez se perguntar se ele sempre agiu assim. Todas as mulheres com quem ele dormiu experimentaram essa fome? Essa necessidade crua?

Ela se moveu para o copo na frente dele, a um mero passo de distância da abertura do chuveiro. Eles estavam tão perto, mas ela queria estar mais perto. Ela queria estar do outro lado do vidro, seu toque aquecido queimando uma trilha sobre sua carne nua.

Levantando a mão trêmula, ela a colocou em cima da dele através da barreira que os separava. Incapaz de ver a maneira como ele trabalhava devido à proximidade, ela se afogou em seus olhos, ciente de que sua mão havia aumentado o ritmo com o movimento de seu braço.

Seu coração disparou. Sua garganta estava seca e áspera como uma lixa enquanto seu núcleo se apertava, exigindo atenção. Ela precisava ir embora, para acabar com a batalha de vontades e parar de complicar as coisas entre eles. Como qualquer outro homem poderia se comparar ou viver de acordo com as sensações que ela agora associava com paixão e luxúria?

— Fale comigo. — Ele inclinou a cabeça para a frente para descansar contra o vidro.

— E-eu ... — Ela balançou a cabeça. Ela estava agindo como uma freira, incapaz de falar, pensar ou respirar. — Eu não sei o que dizer. — Ela mordeu o interior da boca em frustração. Ela queria agradá-lo, mas suas inibições a impediram. Ela lambeu os lábios e ele respondeu com um gemido alto e longo.

— Sua boca me deixa louco. — Ele baixou a cabeça para trás, fechando os olhos por um segundo antes de seu olhar voltar para o dela.

Ela copiou sua postura, movendo-se para que sua testa descansasse contra a dele. Milímetros os separavam, mas eles estavam tão distantes, e ainda assim, sua expressão crua a capacitou a dizer as palavras que ela estava escondendo.

— Goze para mim, — ela respirou. O calor saturou suas bochechas.

Seu peito retumbou, primitivo e feroz. Seu braço agora se movia em movimentos frenéticos enquanto seus olhos a chamavam para se juntar a ele. Ela não iria. Ela não podia arriscar se apaixonar por ele mais do que já tinha. Mesmo que isso significasse que seu corpo permanecia em carne viva e sensível. Manter seu emprego era mais importante do que sexo casual com um homem que nunca a amaria.

— Diga de novo, — ele ordenou.

— Venha até mim. — Sua voz ficou mais alta, mais forte enquanto eles se encaravam, compartilhando o momento mais erótico de sua vida.

Sem aviso, ele jogou a cabeça para trás, seu cabelo se misturando com o spray de água, o nome dela deixando seus lábios em um gemido.

Ela olhou para a mão que trabalhava freneticamente em seu pênis. Ela olhou, inquisitiva e excitada além de seus sonhos mais selvagens, enquanto sua semente pousava no vidro que os separava. Ele continuou a trabalhar sozinho, seus golpes curtos e afiados na ponta de seu eixo.

Seu olhar não deixou seu sexo enquanto seus movimentos diminuíam. Droga, ela precisava de um alívio, apenas uma pequena pausa da hiper consciência de seu corpo. Até os mamilos doíam com a fricção do sutiã.

— Jesus Cristo. — Sua palma parou de acariciar.

Ela recuou, quebrando a hipnose, retirando-se da intensidade para ganhar compostura. No entanto, ela não conseguia desviar o olhar dele.

Ela respirou fundo, diminuindo o ritmo acelerado de seu coração enquanto ele posicionava o corpo sob o jato do chuveiro, lavando-se e jogando água no vidro antes de abrir as torneiras.

Em um flash de movimento, ele manobrou seu peito em torno do vidro, agarrou seu braço e puxou-a para o chuveiro.

Ela gritou em protesto. A captura abrupta a fez se sentir como um rato na cova do leão. Seu coração disparou a galope, e ela teve um momento para recuperar o fôlego antes que ele a colocasse contra a parede molhada de azulejos.

Em vez de se afastar, tentando se distanciar, ela se agarrou a ele. Suas mãos agarraram seus tríceps duros, seus lábios se inclinaram para

encontrar os dele enquanto ele se movia para devorar sua boca. Os dentes se chocaram, as línguas se chocaram, o dele dominando, o dela se submetendo enquanto eles se contorciam.

A água de seu corpo e o vidro infiltraram-se em suas roupas, esfriando sua pele, mas não apagou o fogo em sua barriga. O contraste só a deixou mais quente.

Sem aviso, ele se inclinou para trás, interrompendo a conexão. Ele olhou em seus olhos, seu rosto contorcido com uma carranca. — Não acredito que você não implorou.

Ela riu.

Ele ostentava paixão acalorada em um minuto e flerte atrevido no minuto seguinte. Se ele soubesse o quão perto ela esteve de admitir a derrota.

Afastando uma mecha de cabelo encharcado de sua testa, ela sorriu para ele. — Talvez você tenha perdido seu toque de Mestre.

Ele avançou para frente, seu olhar afiado, examinando-a. Se ele a beijasse novamente, ela cederia. Ela puxava a saia para cima e implorava para ser levada. Mas seu rosto se desviou no último momento para acariciar seu pescoço com o nariz, atingindo o ponto sensível na junção de seu ombro.

— Talvez eu só precise tentar um pouco mais forte, — ele sussurrou.

Sua declaração ofegante apertou em torno de seu coração e sua risada em resposta saiu estranha. — Ou talvez devêssemos sair.

Capitulo 8

Beth em seu terno e salto alto o excitava como ninguém. Vê-la em roupas casuais, seu corpo exposto em um material colante ao corpo, fez seu pênis doer implacavelmente.

A saia preta com babados atualmente abraçando sua bela bunda acabando logo acima dos joelhos. Era toda a razão pela qual ele estava andando atrás dela enquanto eles passeavam pelos corredores do supermercado. Não que ele não gostasse da vista de frente. A camiseta esportiva rosa bebê cabia nela como uma luva, mostrando uma figura impressionante, sua barriga esguia e estrutura firme.

Ela parecia completamente transformada pela mulher que ele salivou no escritório. Ela até se comportava de maneira diferente, seu sorriso mais parecido com um sorriso diabólico, seus olhos conspiradores e mais travessos do que a mulher de negócios profissional da Sutherland & Son.

Ele não conseguia decidir de que lado gostava mais, a confiante e sofisticada mulher fatal ou a brincalhona e tentadora bomba. E puta merda, ele tinha usado a palavra com A sem pensamento consciente. Nada enrugou mais o pacote de um homem do que a palavra com A ou o compromisso que geralmente vinha com ela. No entanto, ele ainda se sentia tão quente quanto um foguete.



Ele tentou se livrar disso, ocupando-se com a pergunta sem resposta que o atormentava nas últimas horas. Ela estava usando uma tanga ou estava sem calcinha?

Se ele considerasse sua modéstia, o jeito que ela corava em situações de calor e a linha de calcinha fio-dental usual sob seus ternos, ele diria que fio-dental. Mas a maldita mulher estava quente como Hades hoje.

Seu sussurro aquecido de gozar para ele ainda ecoava em seus ouvidos e o pensamento dela sem calcinha o fez querer tentar ainda mais difícil para descobrir.

Ele ainda não conseguia acreditar que ela o tinha visto no chuveiro. Ele deixou a porta aberta intencionalmente, pensando que sua nudez a envergonharia. Ele não esperava que ela gostasse da performance.

E ele nunca soube que fazer compras poderia ser tão agradável. Ele passou os últimos dez minutos constantemente olhando para a bunda mais firme e de dar água na boca que ele já teve o prazer de admirar.

Sua governanta geralmente abastecia seus armários e geladeira. Ele só precisava obter leite ou pão de vez em quando. Essa experiência, no entanto, era algo que ele queria fazer com mais frequência.

Ela parou alguns metros à frente, fazendo com que ele voltasse à realidade. Com relutância, ele tirou o olhar de suas curvas deliciosas para dar uma olhada superficial no que ela colocaria na cesta a seguir. Só que ela não fez uma pausa para colocar nada. Ela olhou por cima do ombro, pegando o olhar dele quando deixou sua bunda.

Ele esperou pela expressão indignada, não tendo que parar muito antes de recebê-la. Ele sorriu de volta, tentando parecer inocente. Aparentemente, ele não foi muito convincente, porque ela ergueu as sobrancelhas e revirou os olhos.

A ligeira inclinação de seus lábios quando ela se virou não escapou dele, e ela continuou pelo corredor com um balanço adicional em seu passo. Ela amava a atenção tanto quanto ele gostava de dar.

Ele não sabia por que ela lutou contra a atração deles. Ok, talvez ele tenha. Sua reputação era um obstáculo que eles precisavam superar. Desde Jessica, ele não se preocupava em prestar atenção às mulheres, a menos que estivessem em seu quarto, ou em um esforço para levá-las lá. Seu pai o havia deixado amargo - ressentido - e seu ódio pelo sexo oposto demorou um pouco para diminuir.

Beth o havia mudado. Sua bondade e exuberância inabaláveis o fizeram se sentir como Mary Poppins ou alguma merda assim, vendo um raio de sol no fim do túnel maldito.

Enquanto ele a seguia passando pela seção de frios, ele pegou uma lata de chantilly, sentindo a necessidade de ultrapassar os limites mais uma vez. Quando ele a alcançou, ele ergueu a lata e ergueu as sobrancelhas.

Ele teria apostado um bom dinheiro quando ela corasse e dissesse a ele para colocá-lo de volta, talvez até mesmo tendo tempo para lembrá-lo da regra de não sexo. Ela o surpreendeu novamente. Em vez de discutir, ela apenas balançou a cabeça em resignação e observou-o colocar a lata com o resto das compras.

Esta pode ser a luz verde que ele estava procurando. Talvez ele devesse dar uma volta no corredor de calda de chocolate e pegar todos os ingredientes para fazer uma refeição adequada dela.

Dois corredores depois, ele teve sua mente presa em um estranho espaço mental. Seus pensamentos derivaram do sundae de chocolate humano para coisas de natureza mais permanente.

Ele poderia fazer isso todo fim de semana? Fazendo compras com ela como um casal normal? Ele não tinha dúvidas de que seriam ótimos juntos. Ele gostava de sua companhia, ela era apaixonada na cama e sua beleza ...

— Dean?

Ele olhou para cima para vê-la franzindo a testa para ele. — Desculpe?

— Você vai ficar para o jantar? Vou comprar algo para nós comermos, se você for.

Bem, talvez seu toque de metre não tenha sido quebrado afinal. Pelo menos ele não teve que implorar por um convite.

— De acordo. — Pela vida dele, ele não conseguia parar de olhar para ela como se ela estivesse no menu. — Não se preocupe em cozinhar, no entanto. Vou comprar comida para viagem. O que acha do chinês?

— Dean? Dean Sutherland? — A voz feminina veio de trás dele, enviando um arrepio indesejado por sua espinha. Sua mente não conseguia definir o tom, mas sem olhar ele sabia que não gostaria de apresentar a mulher a Beth.

Com hesitação, ele aceitou o inevitável e se virou para encontrar não uma, mas duas senhoras passeando do final do corredor.

Não é bom.

Nada bom.

Seus sorrisos brilhantes e selos no top o saudaram, fazendo-o pirar.

Seriamente? Seriamente.

Quando ele faria uma pausa?

E como diabos ele as apresentaria a Beth - *Ei, querida, eu gostaria que você conhecesse as mulheres que estouraram minha cereja a três. Esta é Britney e merda, desculpe, qual era o seu nome?*

Isso não iria cair bem.

— Senhoras, — ele cumprimentou com um aceno de cabeça, tentando ser civilizado enquanto queria correr como um foda. Ele não conseguia se lembrar do nome da outra mulher. Não que ele tivesse planos de fazer apresentações. Ele esperava que a saudação rápida fosse suficiente antes que ele pudesse fugir.

O sorriso de Britney se alargou e ela praticamente saltou em direção a ele, seios grandes balançando como se tentassem se libertar de seu top minúsculo. Sem olhar na direção de Beth, ela caminhou para frente, dando um beijo em sua bochecha que durou mais do que a porra do bicentenário. Sua colega de quarto teve a decência de se afastar, satisfeita em lhe dar olhares sedutores a alguns metros de distância.

O que diabos ele poderia dizer a eles quando eles só tinham um trio em comum?

Então, como vai essa sua flexibilidade?

— O que as adoráveis moças estão fazendo? — Ele esperava que Beth o considerasse um cavalheiro mais bem-educado por não as dispensar.

— Eu estava apenas dizendo a Stacy como esta noite seria chata porque não temos nenhum plano. — Um beicinho espalhou os lábios pegajosos e lustrosos de Britney enquanto ela tentava trabalhá-lo com seus olhos inocentes. Ela não conseguia enganar os cegos. A mulher não tinha mais um pingo de inocência. — Talvez você pudesse vir e nós três poderíamos ter outra festa privada.

Os sinos de advertência soaram altos e claros em seu crânio enquanto ela acariciava seu peito com um dedo. Ele olhou para Beth, querendo explicar, mas ela já se virou e começou a se afastar.

Ótimo.

Exatamente quando suas fantasias com chantilly e molho de calda estavam prestes a se tornar realidade.

Ele bufou e olhou para Britney. A mulher era uma sanguessuga e sabia muito bem que ele já tinha companhia.

— Desculpe, não estou interessado, — ele rosnou, reprimindo a necessidade de gritar de frustração.

Sua expressão luxuriosa se transformou em choque quando ele agarrou seu pulso e o afastou de seu peito. Sem dúvida, esta foi a primeira vez que ela foi rejeitada porque parecia ter problemas para entender o conceito.

— Olha, eu tenho que ir. — Ele acenou com os dois dedos para a amiga de Britney, cujo nome ele já havia esquecido, e começou a andar.

Fale sobre o encolhimento de suas partes íntimas. Suas bolas estavam praticamente cavando seu caminho em seu intestino, em busca de um santuário no caso de Britney causar uma cena. Ele a ouviu gaguejar e zombar, mas não se preocupou em olhar para trás enquanto ia em busca de Beth.

Após cinco minutos de caminhada pelos corredores, ele a encontrou no caixa, colocando os itens na esteira com mais determinação do que o necessário. Ela estava chateada e não se preocupou em fazer contato visual quando ele se moveu para ficar ao lado dela.

— Me desculpe por isso. — Ele não tinha mais nada a oferecer. O que você disse para a mulher que estava tentando impressionar depois de encontrar seus velhos amigos de trio?

— Sem problemas. — Ela concentrou sua atenção em descarregar as compras.

Ele pegou os itens restantes, incluindo o chantilly, e os colocou na esteira. Ele percebeu como ela olhou para a lata, olhando atordoada por um momento antes de franzir a testa e desviar o olhar.

De volta à estaca zero, pelo que parece.

Ele agarrou a mão dela, entrelaçando os dedos como gostava de fazer antes. O olhar dela disparou de seus dedos unidos, para os olhos dele, antes de ela virar as costas para ele.

Inclinando-se, ele inalou o doce cheiro de seu perfume e deixou sua voz sussurrar em seu pescoço. — Você está bem?

A exalação dela foi audível, a exaustão emocional atingindo seus ouvidos para lhe dar uma forte dose de culpa. — Perfeita.

Besteira.

Ambos sabiam que ela estava mentindo. Ele não tinha planos de deixá-lo voar. A ideia de passar o resto da tarde em um silêncio constrangedor ou uma conversa desconfortável não caiu bem para ele.

— Você está chateada.

Ela já havia colocado sua máscara de indiferença, escondendo-se atrás de um sorriso tenso e olhos apaziguadores.

— Não. Estou apenas sendo boba. — Ela se virou para o atendente do caixa, claramente querendo mudar o assunto.

Ele entendeu a dica? De jeito nenhum; ele absorveu seu descontentamento. Ele apertou a mão dela, dando um pequeno puxão até que ela se virou para encará-lo com um bufo.

— Você está com ciúmes. — Ele não conseguia se conter; ele sorriu como um lunático. Ela pode ter lidado com seus sentimentos da maneira

mais doce possível, tentando mudar de assunto e seguir em frente, mas estava com ciúmes.

Suas sobrancelhas se juntaram e ela olhou para longe por cima do ombro dele. — Eles são lindos.

O espanto em sua voz o atingiu como um chute nas bolas. Ela falava como se sua beleza fosse inferior.

Ele se inclinou e deu um beijo em sua bochecha. Ele ansiava por beijar seus lábios, juntar seus corpos e tranquilizá-la com ações em vez de palavras, mas ele não queria enfraquecer a conversa transformando-a em uma sessão de amasso acalorado.

— Sim, eles são atraentes ... de uma forma barata e fácil. Você, Beth, é linda. — Ele marcou suas palavras movendo-se para beijar sua outra bochecha. — Naturalmente linda. — Outro beijo em sua mandíbula. — Extraordinariamente atraente. — Ele acrescentou um beliscão final na parte inferior de seu pescoço.

Ele moveu a cabeça para trás e olhou nos olhos dela, tentando transmitir sua sinceridade. Cristo, ela era requintada, a mulher mais hipnotizante que ele já tinha visto, e ela não tinha ideia.

Ela balançou a cabeça com um rolar dramático de olhos. — Você é bom. Muito bom.

Ele a encarou com um sorriso malicioso, feliz consigo mesmo por fazê-la sorrir. Ele queria se inclinar e beijá-la novamente, desta vez nos lábios.

Antes que ele tivesse chance, o momento foi quebrado pelo atendente do caixa.

— Isso custará setenta e oito dólares e vinte centavos, obrigado.

Capitulo 9

Horas depois, Beth estava sentada na varanda do andar de cima, uma taça de vinho na mão e uma sensação de ignorância nublando seu cérebro. Os raios do sol diminuíram, o calor do dia tornou-se frio à medida que a noite avançava para o céu.

Ela havia passado a tarde tentando não deixar as mulheres altas e magras do supermercado arruinarem seu dia. Era raro dormir com o homem dos seus sonhos, ou ter o prazer de vê-lo engraxar a roda dentada no chuveiro. Ela foi longe demais para deixar a realidade se infiltrar agora.

Se ela pudesse esquecer o comentário sobre os três tendo uma festa privada.

A bile que subiu por sua garganta com o jeito meloso com que a loira de pernas compridas arrulhou para ele ainda azedava sua boca. A ideia de ele se dividir com uma mulher por vez já tinha sido doloroso o suficiente. Ela nunca pensou que ele teria vários parceiros ao mesmo tempo. Sua ignorância provava o quão longe de suas profundezas ela estava.

Embora ela achasse que seu conhecimento dele era bastante completo, as últimas vinte e quatro horas foram uma revelação. Ela tinha aprendido muito sobre ele, mas não tinha ideia de como ele se sentia em relação a ela ou se suas intenções estavam apenas focadas no sexo.



Ela amou a maneira como a provocação dele trouxe um sorriso ao rosto dela que ela não conseguia apagar. Comprando o chantilly, por exemplo.

Enquanto ela se ocupava em desempacotar as compras, ele vasculhou cada bolsa. A próxima coisa que ela soube, a explosão de som da lata cheia de pressão ecoou pelas paredes da cozinha. Quando ela se virou surpresa, ele estava bem atrás dela, o dedo indicador coberto de creme, que ele correu ao longo de seus lábios.

Ela não teve a chance de se mover para trás ou lamber a doçura antes que a boca dele estivesse sobre a dela, fazendo a tarefa por ela.

Eles tropeçaram em sacolas de compras meio vazias quando ele a empurrou para o canto da cozinha. Então, sem esforço, ele a ergueu para se sentar em cima do balcão e começou a devorar sua boca, sua força e desejo exigente fazendo seu sexo pulsar.

— O que você está pensando? — Sua voz a trouxe de volta ao presente.

Ela observou com um olhar preguiçoso enquanto ele tomava um gole de sua cerveja, esperando por uma resposta. O brilho das velas da luz do chá fez seus olhos escuros parecerem profundos e ameaçadores. Fios de cabelo estavam soltos em torno de sua testa, e ele se recostou na cadeira parecendo confortável e contente, não apenas em sua própria pele, mas em sua casa.

Suas bochechas aqueceram, a chama gradual queimando mais quente enquanto ela se lembrava do que estava pensando, a maneira como a língua e os lábios dele haviam removido até a última gota de creme.

— Nada, — ela mentiu, tentando não sorrir.

— Ainda seguindo sua regra de proibição de sexo? — Ele tomou outro gole preguiçoso da garrafa.

As bochechas dela ficaram vermelhas com sua pergunta direta. Não ajudou o fato de que ela estava queimando de dentro para fora, o calor mais potente entre suas coxas.

— Dean. — Ela ergueu as sobrancelhas em advertência.

Seus lábios sensuais zombavam dela enquanto brilhavam por causa da cerveja, implorando para serem lambidos. Se ao menos ela pudesse jogar a cautela ao vento e aproveitar o que estava bem na sua frente.

Seu rosto ficou contemplativo enquanto ele tomava outro gole da garrafa, seus olhos baixos quando ele falou. — Seríamos bons juntos, Beth.

Ela suspirou, incapaz de deixar o mal-estar descansar em seu peito. Eles seriam bons juntos, por um tempo, pelo menos. Mas o que aconteceria quando ele se cansasse de fazer sexo com a mesma mulher? Porque não havia nenhuma maneira no inferno de ela dormir com ele, mesmo que casualmente, sem que eles fossem exclusivos.

Eles eram adultos e emocionalmente estáveis o suficiente para retornar a um relacionamento amigável quando as coisas terminassem? Ela achava que não. Ela seria forçada a deixar o emprego, não necessariamente por Dean, mas pela dor no coração de vê-lo todos os dias.

Ela fez uma pausa, mordendo um pedaço de queijo e tomando um gole de vinho, antes de responder. Ela queria acreditar que seu interesse era

mais do que sexual, mais do que casual, se ao menos ele o tivesse dado as palavras para confirmá-lo. Ele foi sincero, colocando seu coração na linha, ou fazendo um ótimo trabalho interpretando-a.

Enquanto ela mastigava e engolia, seu coração lutou para convencer sua mente, e sua mente continuou a questionar. No final, ela decidiu jogar fora a seriedade de sua declaração com uma resposta jovial.

— Sim, seríamos um casal realmente incrível. — Ela deu uma risada sem humor. — Você com sua incapacidade de se comprometer e eu com minha incapacidade de confiar.

Eles ficaram em silêncio, o som de grilos e carros passando ao longe, o único barulho. Sua beleza era inegável. Nunca um homem foi tão perfeito aos olhos dela. E ela queria acreditar nele, queria acreditar nele; ela simplesmente não tinha confiança para deixar de lado todas as suas dúvidas.

Um homem orgulhoso de jogar no campo não mudou da noite para o dia, mas ela precisava acreditar que ele era capaz de virar uma nova página. Ela queria que seus sentimentos por ela fossem fortes o suficiente para quebrar seu hábito de ficar uma noite. Que ele poderia desejá-la o suficiente para mudar a pessoa que ele era na pessoa que ela precisava que ele fosse.

Infelizmente, sua vida não parecia um conto de fadas e ele não se transformaria em seu príncipe ou cavaleiro de armadura brilhante ou qualquer outra coisa que suas fantasias precisassem que ele fosse.

— Eu queria você há muito tempo...

— E você me teve. — Ela não precisava ouvir o discurso novamente. As palavras não haviam escapado de sua atenção na primeira vez.

Ela escorregou de seu assento para colocar distância entre eles. Ela caminhou até a grade da varanda e apoiou as costas na madeira. O espaço extra tornava mais fácil falar com ele, poder olhá-lo sem que seu olhar parecesse uma carícia. — Aproveitei esta manhã tanto quanto você. Coçou uma coceira que ambos tínhamos. Mas eu não gosto de sexo casual.

Sua carranca se aprofundou quando ele tomou outro gole severo de sua cerveja. Seus ombros se endireitaram e suas narinas dilataram enquanto suas vibrações masculinas dominantes a rodeavam.

— Bem, minha coceira está longe de ser arranhada. — Ele colocou a garrafa na mesa com um baque e pôs-se de pé.

Seus pulmões se contraíram com sua abordagem e ele não parou até que estivessem a trinta centímetros de distância. Seu olhar escoou sob sua pele quando ele se inclinou, uma mecha de cabelo caindo para cobrir um olho, e ele colocou as mãos na grade de cada lado dela. — Eu quero você. Não apenas pela noite, ou pela manhã, ou o que mais você pensar. Eu quero você ... eu quero eu e você.

Ele se inclinou mais perto, seus lábios roçando os dela, a mistura de cerveja e calor e homem se misturando em sua língua, fervendo em suas veias. — Nenhuma outra mulher me fez querer implorar.

Outro beijo roçou sua boca enquanto seus quadris se acomodavam contra os dela. — Nenhuma outra mulher, Beth.

Seus lábios se separaram em um gemido, antecipando ansiosamente seu beijo, e toda a luta foi drenada de seu corpo. Não havia mais força de vontade, não havia mais autopreservação.

Ela podia sentir sua ereção através do material de sua calça jeans, e não conseguia encontrar uma razão para negar-se por mais tempo. Ela o queria. Queria passar a noite fazendo amor com ele, fazendo sexo com ele, o que quer que ele quisesse classificar, contanto que seu corpo estivesse entre suas coxas, amenizando a dor.

— Vamos pedir comida.

Ela fez uma pausa em confusão e se sacudiu mentalmente. Comida? Seu corpo zumbia, sua calcinha estava úmida e ele estava falando sobre comida. Ele não tinha acabado de beijá-la, esfregando-se na suavidade de sua barriga?

— Eu te prometi nenhum sexo, lembra?

Ela rosnou. Sim, ela se lembrava. Brilhou como um sinal de néon em sua mente.

Capítulo 10

Dean nunca tinha compartilhado uma refeição com outra pessoa e gostava da experiência tanto quanto tinha com Beth.

Durante o jantar, seu habitual zombaria confortável foi enfatizada com o zumbido de algumas cervejas e uma garrafa de vinho, e ele não pôde deixar de achar a felicidade dela contagiante. Seu foco estava colado nela, firmemente preso no sorriso estampado em seu rosto enquanto ele ajudava a limpar os pratos sujos.

A brincadeira durante a refeição deixou os dois segurando as costelas de tanto rir e suas bochechas já estavam doloridas de tanto sorrir. Ele adorava fazê-la rir. Não havia um som mais doce. O barulho o encheu de uma estranha sensação de orgulho por um homem como ele poder fazer uma mulher como ela feliz de qualquer maneira.

Assim que a refeição principal terminou, ela se levantou da cadeira e caminhou em direção a ele com a caixa de biscoitos da sorte. Ele sentou-se em silêncio, recostado na cadeira, notando como as bochechas dela ficaram em um tom suave de rosa com sua abordagem.

Ela se moveu ao lado dele, abrindo espaço na mesa para se sentar na frente dele. Suas pernas lindas se cruzaram provocativamente, fazendo com que sua saia subisse até as coxas. Sua boca secou e ele lutou para



limpar a garganta. Ele não falou, não queria assustá-la quando ela quebrou pequenos pedaços de biscoito da sorte e timidamente dobrou a cintura para colocá-los em sua boca.

Eles alimentaram um ao outro, o momento lúdico anterior agora substituído por uma intensidade crescente que o deixou duro como pedra.

Cristo, ele a queria. Ele estava morrendo de vontade de ficar entre suas pernas, para correr os dedos sobre sua carne macia e saborear sua essência. Para fazê-la se debater com a necessidade e gritar seu nome. Ele só tinha que levantar a saia dela, virar as pernas dela em sua direção e deixar que suas mãos errantes fizessem o resto.

O mero pensamento o fez coçar para apalpar seu pênis. Seu impulso sexual sempre foi forte, mesmo nos dias mais fracos, mas nunca assim. Ele precisava dela com uma fome tão feroz que o comia de dentro para fora.

O que mais o surpreendeu foi o novo apetite que ele não experimentara antes. Ele queria simplesmente abraçá-la, afogar-se no doce aroma de seu cabelo e correr os dedos suaves ao longo de sua pele branca e cremosa.

O desejo de simplesmente estar com ela correspondia igualmente a seu apetite sexual. Ele queria se afogar nas profundezas verde-mar de seus olhos e sentir o calor se espalhar por suas veias quando ela sorrisse, seus olhos enrugando, suas pequenas covinhas aparecendo.

— Você está pronto para assistir um filme?

A voz dela o assustou. Ele estava olhando para a toalha de mesa como um idiota, perdido em seu próprio mundinho.

— Sim, parece bom.

Ela liderou o caminho para a sala de estar e se abaixou para pegar o controle remoto da mesa de centro. — Que tipo de filme você quer assistir?

Ele honestamente não se importou. Se ele a tivesse aninhado em seus braços, ele até concordaria com um filme feminino. — Você deci... — Seu celular vibrou no bolso da calça e ele o puxou para verificar o identificador de chamadas - Megan - sua irmã.

— Você se importa se eu atender isso? — Ele fez um esforço consciente para ignorar os telefonemas de trabalho hoje, mas preferiu não ignorar sua irmã. Quando seu pai era um bastardo, você tendia a segurar com força o resto da família que lhe restava.

— Continue. Vou fazer pipoca.

Ela saiu da sala enquanto ele afundava no sofá e atendia a chamada. Sua irmã não havia pronunciado uma palavra antes que seu coração começasse a bater forte na garganta, seus soluços incontroláveis sacudindo sua base.

— Megan, o que há de errado?

Nos segundos antes de ela responder, seus pensamentos entraram em parafuso. Algo aconteceu com sua mãe? O pai dele? Então ele se lembrou de sua gravidez e suas palmas começaram a suar.

— É ... é a Tina ... — Sua voz quebrou em angústia.

Tina?

Ele franziu a testa enquanto seu cérebro pulava para mil conclusões diferentes. Ele não tinha ideia de quem ela estava falando. Ele só conseguia se lembrar de uma Tina, a melhor amiga de Megan do colégio, mas ele não ouvia nada sobre ela há anos.

— Ela está morta. — As palavras saíram em um grito sufocado e seu coração deu um salto.

Ele apertou o telefone contra o ouvido e fechou os olhos, desejando estar ao lado dela, em vez de ficarem horas separados. Ele se levantou do sofá e caminhou pela sala, seu corpo exigindo ação, ordenando que ele fizesse algo, qualquer coisa.

— O que aconteceu, Meg? Onde você está?

— E-o carro dela ... e-ela adormeceu ... — Outro soluço fez seus dedos circundarem o telefone com mais força, lutando contra o desejo de esmagar o plástico em pequenos pedaços.

— Onde você está? — Ele exigiu, querendo chegar até ela, abraçá-la e protegê-la.

Seus gritos continuaram, sua agonia perfurando-o como uma faca. Ele estimava sua irmã e não podia suportar a dor crescendo em seu peito sabendo que ela estava sofrendo.

Quando os soluços de Megan diminuíram, ecoando no fundo, uma voz de homem veio na linha. — Dean?

— Mark? O que diabos está acontecendo? — Ele olhou para cima, notando que Beth entrava cautelosamente na sala, sua testa franzida de preocupação enquanto o marido de Megan falava.

— Está tudo bem, — assegurou Mark. — Nós descobrimos que Tina faleceu algumas horas atrás. Estou tentando manter Megan calma pelo bem do bebê, mas nada do que faço está funcionando. Achei que conversar com você pudesse ajudar, mas ela está inconsolável. Eu não sei mais o que fazer.

Porra. Ele plantou os pés e tentou acalmar sua mente para que pudesse pensar. Onde estavam suas chaves? — Estou a caminho.

— Não. Não Ela vai ficar bem. Você não seria capaz de chegar aqui antes do amanhecer de qualquer maneira, e Megan vai se odiar por fazer você vir até aqui. Assim que ela descansar um pouco e não estiver lidando com o choque, sei que ela se acalmará.

Ele estava grato por sua irmã ter encontrado alguém como Mark para cuidar dela. Dean passou muitos anos de sua juventude cuidando dela, sendo o pai de que ela precisava, e agora ele achava difícil deixá-la ir. Ele não era a pessoa a quem ela recorria para obter orientação ou apoio por muito tempo, mas Megan sempre seria sua irmãzinha, e ele não achava que algum dia iria parar de imaginá-la como uma garotinha frágil.

— Você pode colocá-la de volta? — Ele engoliu a secura em sua boca.

— Sim, claro, espere um segundo.

Ele esperou, parou no corredor de Beth enquanto corria rudemente a mão pelo cabelo, puxando as pontas em frustração. O que diabos ele deve

fazer? Quando Megan atendeu o telefone, seu alívio foi palpável. Ela havia parado de soluçar, sua dor agora expressa através de fungadas suaves e exalações irregulares.

— Megan? Eu sei que você está sofrendo, e eu desejo mais do que qualquer coisa no mundo poder estar lá com você, mas você precisa ouvir, ok? Você precisa ser forte.

Um grito estrangulado ecoou pelo telefone em seu peito. O barulho penetrou em sua alma, fazendo seus olhos arderem.

Não querendo compartilhar sua fraqueza com Beth, ele caminhou mais longe no corredor, abriu a porta da frente e sentou-se nos degraus da varanda dela. — Escute, você tem um lindo bebê para cuidar. E eu sei que é difícil, mas você precisa permanecer forte para o pequenino. — Ele fez uma pausa, agradecido por receber uma fungada e gemeu de afirmação em resposta.

— Agora, quando você desligar o telefone, diga a Mark para preparar um banho quente para você. Pegue um daqueles livros românticos do Sheik que você adora e tente relaxar. Eu sei que você está cercado por pensamentos horríveis no momento, mas você precisa se afogar nas boas memórias. Pense nos momentos felizes, aqueles que te fizeram rir.

Ele cutucou a testa com dedos fortes, tentando quebrar seu cérebro por uma memória de sua irmã mais nova e sua melhor amiga. Imagens vívidas deles tramando e rindo encheram sua mente, mas ele não conseguia entender uma memória específica.

— OK. — Sua voz estava fraca.

— Que tal a paixão que Tina costumava ter por David Wilkins? — Ele estava se agarrando a qualquer coisa, mas a memória era melhor do que nada. — Lembra-se da vez em que ele veio estudar comigo para uma prova de matemática e vocês dois o perseguiram o tempo todo? O cara se recusou a voltar para nossa casa depois disso. Tina acabou deixando uma carta de amor no armário dele, não foi?

Ele recebeu uma risada meio soluçada em resposta. — Sim, ela me fez colocá-lo lá. Ela estava com muito medo de ser pega.

— Tente se lembrar de todos aqueles momentos divertidos para mim. Experimente e pense nas melhores lembranças que você tem. Em seguida, escreva-os. E eu sei que você precisa chorar, querida; eu sei que você está sofrendo; apenas certifique-se de respirar. Certifique-se de ficar forte para aquela minha sobrinha.

Megan fungou. — Ou sobrinho.

— Sim, ou sobrinho. Embora eu esteja convencido de que é uma menina.

Ele descansou a cabeça na palma da mão enquanto o silêncio se estendia entre eles. Ele gostaria de saber o que dizer para aliviar sua tristeza, para tirar a dor e fazê-la sorrir, mesmo que por um breve momento.

— Obrigada, — ela sussurrou.

— Eu te amo, irmã.

— Eu também te amo, — ela respondeu. — Eu estou indo. Mark já está me preparando um banho. Eu só precisava ouvir sua voz.

— Seja forte, Meg.

A ligação foi desligada deixando-o em um silêncio ensurdecedor, pesado pelo peso em seu peito. Megan tinha doze anos quando seu pai traiu sua mãe, separando a família e deixando Dean como o homem da casa. Ele não foi o melhor modelo, nem sempre soube o que fazer ou dizer, mas pelo menos ele continuou.

Atrás dele, a porta rangeu, anunciando Beth quando ela se aproximou. Ele levou um momento para recuperar a compostura, esfregando as costas da mão sobre os olhos enquanto respirava fundo e se levantava.

— Desculpe. — Ela se encolheu. — Eu não queria me intrometer. Eu só queria verificar se você estava bem.

Ele se moveu em direção a ela, precisando de sua força. Pegando a mão dela, ele olhou para a pele delicada e só conseguiu ver a imagem de sua irmã chorando. Ele não achava que poderia ficar longe e contar com Mark para cuidar dela.

Ao levar os nós dos dedos de Beth aos lábios, ele tentou se convencer de que o marido de Megan seria o suficiente. O cara tinha que ser o suficiente.

— Você quer falar sobre isso? — A voz dela estava cheia de compaixão, penetrando seus pensamentos rebeldes.

Ele gentilmente a puxou para seu peito, passou os braços em volta de sua cintura e deixou o calor delicado de seu corpo inundá-lo. Abraçando-a

com força, ele contou sobre sua irmã, sobre a perda de Tina e como ela precisava se manter forte para o bebê.

Ela se agarrou a ele enquanto ele falava em sussurros abafados em sua varanda. Nem uma vez ela vacilou em seu controle ou mudou de um pé para o outro como se estivesse entediada com a história dele. Ele não percebeu a forma como sua camisa se agarrou a ele em remendos até que suas palavras secaram, as lágrimas umedecendo o material.

Agarrando-a com mais força, seu coração ficou pesado de gratidão. Ele nunca seria capaz de deixá-la ir. Ele queria mantê-la em seus braços e não conseguia mais se imaginar sem ela.

Ele sempre a quer por perto, para conforto, para prazer.

Para tudo.

Capitulo 11

Beth abraçou a cintura de Dean, com a cabeça apoiada nos planos firmes de seu peito. A pulsação frenética de seu batimento cardíaco retumbou em seu ouvido enquanto suas lágrimas continuavam a cair.

Seu lado vulnerável a tocou em lugares que ela nunca pensou que os sentimentos por Dean alcançariam. Ele sempre foi uma fantasia e ela mantinha sua luxúria mal contida por ele muito perto. Agora a dinâmica mudou. Ele era real. Um homem real, com sentimentos reais, não apenas uma fantasia.

— Vamos entrar. — Ele deu um beijo em sua testa e afrouxou o aperto.

Quando ela se afastou de seu abraço, seus dedos percorreram seu braço, parando em sua mão, onde a agarrou com firmeza, liderando o caminho para a casa. Ela não sabia o que fazer. Ele precisa de espaço? Ela sabia que os caras não faziam todo tipo de conversa emocional sobre sentimentos, mas ignorar o que acontecia parecia errado.

Quando ele sugeriu começar um filme novamente, ela concordou e escolheu uma comédia romântica de um dos sites de streaming. Quando o filme começou, ela voltou para a cozinha, pegando a pipoca gelada, outra cerveja para Dean e o resto de sua taça de vinho.



— Desculpe, a pipoca está fria. Eu faria mais, mas esta era meu ultimo pacote. — Ela entregou-lhe a cerveja e tentou determinar onde se sentar. O resto da noite precisava ser amigável, não sedutor, então uma das poltronas reclináveis seria melhor.

Quando ela caminhou entre ele e a mesa de centro para chegar a seu assento, ele colocou a perna para cima, interrompendo sua passagem. Ele deu a ela um sorriso sombrio e deu tapinha no local ao lado dele no sofá. — Venha aqui.

Ela fez uma pausa. Ela não estava confiante de que poderia esconder sua necessidade de tocá-lo se sentasse tão perto. Com passos medidos ela se posicionou ao lado dele, deixando espaço entre eles.

Quando ela afundou no sofá, fora de seu alcance, ele se inclinou, passou o braço em volta da cintura dela e puxou-a para mais perto até que seus corpos se tocaram do joelho à cintura.

— Eu não estou com fome de qualquer maneira, — ele sussurrou em seu cabelo, — então você pode ficar com toda a pipoca.

Ela agarrou a tigela com mais força, afundando em seu corpo em pequenos incrementos, tentando relaxar.

— Eu não vou morder.

O tom rouco sussurrou sobre seu pescoço, o sopro de sua respiração tão perto que ela podia sentir a menor fricção de seus lábios em sua orelha. Ela afundou mais contra ele, sem saber como responder.

A culpa se apoderou dela. Ele sofreu pela amiga de sua irmã, mas ela ainda não conseguia conter sua luxúria. Seu corpo já zumbia, em sintonia fina com sua proximidade e cada movimento que ele fazia. A reação foi totalmente errada, e ela desejou poder desligá-lo.

Com concentração cada vez menor, ela tentou se concentrar no filme, mas as cenas passavam sem que ela percebesse. Sua coxa dura descansava forte como aço ao lado de sua perna, seu braço musculoso ao redor de seus ombros, seu cheiro zombando de sua contenção. Ela fechou os olhos e lutou para impedir sua presença.

Quando o personagem principal masculino fez um comentário arrogante sobre sua notável beleza e destreza na cama, ela não pôde deixar de rir. Dean tinha um sósia.

— O que é tão engraçado? — Ele fez cócegas em seu pescoço, arrancando um grito de riso de seus lábios.

Ela gritou e se virou para ele, afastando o pescoço de seus dedos torturantes. — Nada.

Ele a observou com olhos doloridos e a visão roubou sua felicidade, substituindo-a por uma dor vazia em sua barriga. Ele continuou a olhar para ela, seu olhar penetrante e profundo, enquanto suas mãos se moviam para baixo em seus ombros, sobre os lados, ao longo de seus quadris. Ela mordeu o lábio, incapaz de desviar o olhar quando seu toque caiu mais longe, movendo-se para segurar seu traseiro. Ele guiou seus movimentos, segurando seu corpo até que ela montou em seu colo.

Ela se acomodou nele, cara a cara, o calor de seu núcleo contra o comprimento duro em suas calças, e ela lutou para se impedir de se inclinar para beijá-lo. Ele precisava dela, e tudo o que ele quisesse, ela daria. Seus próprios desejos eram egoístas em um momento como este, então ela esperou, esperando que ele ditasse o ritmo.

Não havia nada divertido em seus olhos. Seus cílios inferiores descansavam contra a dura pele sombreada e seus lábios estavam em uma linha plana e sem vida. Ele agarrou seus quadris enquanto eles se olhavam em silêncio.

Nenhuma palavra foi compartilhada, mas sua conexão falou muito. Ela podia sentir sua dor, a angústia agitada que despiu sua personalidade arrogante e a deixou com alguém cru e verdadeiro.

Suas emoções a sugaram, chamando-a para mais perto, mais fundo, até que ela sentiu sua alma se esticando. Com uma mão delicada, ela afastou os fios soltos de cabelo chocolate escuro de seu rosto. Os comprimentos curtos e sedosos deslizaram por entre seus dedos enquanto seu olhar crescia em algo diferente de dor.

Os músculos de seu estômago ficaram tensos; ela tentou controlar seu nervosismo enquanto continuava a traçar os planos de seu rosto. Mais uma vez ela passou os dedos pelo cabelo dele, depois ao longo da mandíbula, garganta abaixo, sobre a clavícula.

A boca dela começou a encher de água com cada carícia provocante, e o tempo todo ele ficou imóvel, seu olhar a encorajando a continuar, sua intensidade silenciosa exigindo mais.

Ela estava lendo seus sinais corretamente? Ele estava procurando por intimidade?

Sem saber se estava fazendo a coisa certa, ela passou os dedos de volta no rosto dele. Ela engoliu em seco e passou o polegar sobre o calor de seu lábio inferior exuberante, deslizando de volta para cima antes de se mover ao longo da costura.

O beliscão de seus dentes enviou o fôlego de seus pulmões, a lambida de sua língua disparando sensações ao longo de seus braços, descendo por sua barriga, entre suas coxas. E ainda assim ele não se moveu. Ele manteve as mãos nos quadris dela, a queimadura de seu olhar marcando sua periferia.

Morrendo de vontade de sentir o gosto dele, ela se inclinou, seu coração trovejando quando os olhos dele se fecharam, antecipando seu beijo. Em vez de fazer o que ele esperava, ela parou a milímetros de sua boca e estendeu a língua, lambendo a união de seus lábios e saboreando o gosto salgado.

Seus olhos se abriram, sua respiração aguda a excitando antes de puxar seus corpos juntos com um braço forte em volta de sua cintura. Sua boca se chocou com a dela, seus lábios fortes e determinados enquanto sua língua procurava sua entrada.

Uma de suas mãos subiu por suas costas enquanto seus lábios se moviam juntos em uma corrida aquecida. Seu aperto veio ao redor da parte de trás de sua cabeça, mantendo-a no lugar, negando-lhe a capacidade de interromper o beijo, não que ela jamais quisesse, enquanto a outra mão se

esgueirava sob sua blusa para queimar a pele de sua parte inferior das costas.

Ela absorveu seu calor, alimentando-se dele, desejando mais, até que sua mente pudesse se concentrar em nada além de sentir sua língua em sua boca, seus dedos em suas costas.

Agarrando sua cabeça firmemente com ambas as mãos, ela puxou seu cabelo, cada puxão curto e afiado respondeu com uma moagem de seus quadris contra seu núcleo. Nenhum dos dois disse uma palavra quando ele interrompeu a conexão, removendo a camisa com força, antes de colocar seus lábios de volta nos dela.

Ela colocou as mãos em seu peito, cravando as unhas, pressionando mais fundo. Suas mãos grandes moveram-se para as panturrilhas, sobre as coxas e sob a saia. Quando seus dedos roçaram contra seu fio-dental, ele parou, não indo mais longe.

Afastando-se, ela olhou para ele. Seus olhos estavam vivos com um fogo furioso, o calor que emanava dele fazendo-a queimar. Ela sabia por que ele parou. Ela podia ver a pergunta em sua expressão. Ele estava esperando que ela rescindisse a regra de não sexo.

Colocando seus lábios de volta sobre os dele, ela se levantou de seu colo. — Tire-os.

— Sem mais instruções, — ele puxou o material para baixo sobre seu traseiro até que se sentaram no meio da coxa. Ele deixou seu fio dental na posição meio removida e passou a mão por suas costelas para cobrir um

seio através do material de seu sutiã. Com a outra mão, ele continuou a explorar sob sua saia.

Seus dedos deslizaram para o ápice de suas coxas, então com um leve toque ele acariciou sua carne íntima, fazendo-a choramingar sem pensar. A sensação percorreu seu corpo, tornando-se mais potente. Seus dedos separaram seu sexo, movendo-se mais profundamente para acariciar para cima e para baixo, para cima e para baixo, fazendo seus quadris ondularem e exigir a penetração.

Ambas as mãos deixaram seu corpo, em seguida, voltaram para descansar em sua bunda, segurando-a com força, garantindo que ela não caísse enquanto ele a guiava para ficar em pé sobre as pernas trêmulas. Ela o viu correr para a frente até a borda do sofá, desfazer o jeans e se levantar para abaixá-lo sobre a bunda. Uma vez que eles estavam no meio da coxa, ele ficou ao lado dela, em seguida, tirou a calça jeans e a cueca completamente até ficar nu diante dela.

Inclinando-se em direção à mesa de centro, ele pegou o controle remoto e desligou a televisão com um clique suave. Ele estudou seu rosto, os músculos de sua mandíbula tensos enquanto seus dedos brincavam com as alças do sutiã. — Tem certeza que quer isso?

O tempo para contemplar já havia passado. Ela queria isso.

Com um aceno de cabeça, ela deu um passo para ele, os braços circulando sua cintura, as unhas correndo por sua espinha. Suas mãos foram ao redor de suas costas e com um movimento de seus dedos seu

sutiã se desfez. Ele guiou as alças por seus braços, seu olhar apreciativo e toque reverente enchendo-a de orgulho.

Ela ainda não conseguia entender como ele conseguia fazê-la se sentir tão bonita sem uma única palavra.

Quando o sutiã dela caiu no chão, ele a pegou em um jorro de movimento, um braço sob os joelhos dela enquanto o outro a segurava, para deitá-la no sofá.

— Merda, — ele praguejou baixinho e recuou.

Ele se virou para procurar no chão antes de pegar sua calça jeans e cavar em um de seus bolsos. Quando ele voltou, colocou um pacote de preservativos em sua barriga e se posicionou entre suas pernas.

Ela estremeceu com as possibilidades. As inevitabilidades. Ela precisava disso mais do que ar.

Ele passou as duas mãos por suas pernas, por baixo da saia, alcançando a calcinha até a metade das coxas. Os dedos dele engancharam por baixo do elástico antes de puxá-los para baixo, totalmente para fora, depois voltou a fazer o mesmo com a saia.

Seu olhar devorou seu corpo nu, parando nos cachos aparados em seu monte. Não houve tempo para se sentir constrangida quando ele agarrou o preservativo, rasgou o pacote e se embainhou com movimentos bruscos. O sofá rangeu em protesto quando ele se moveu sobre ela, sua ereção espessa agora cutucando sua boceta.

Ela esperou pelo impulso profundo. Para o golpe aquecido que iria plantá-lo firmemente dentro dela, bem onde ela queria que ele estivesse, mas o ataque repentino não veio. Em vez disso, ele descansou sobre os cotovelos, pairando sobre ela, observando-a, antes de se mover para um beijo suave e doce que derreteu seu coração.

Ele teve tempo para prová-la, para deixar suas línguas se misturarem, para que seus corpos começassem a girar um contra o outro, aliviando o peso de si mesmo nela até que descansassem peito a peito.

Não foi até que ela foi consumida por sua paixão delicada, seu corpo doendo por sua intimidade, que ele começou a provocar sua entrada, seu comprimento gradualmente cutucando mais fundo em seu núcleo.

Ela convulsionou quando ele começou a empurrar em movimentos tortuosamente lentos, enchendo seu corpo ao máximo antes de recuar. Ela rodeou sua cintura com as pernas, mordendo seu lábio inferior enquanto ele gemia e afundava ao máximo.

— Cristo, Beth. — Ele aumentou o passo.

— Eu quero mais, — ela respirou, combinando a severidade de suas estocadas com suas próprias ondulações de quadril.

— Não terei mais nada para dar em um minuto se você não parar de mexer o traseiro desse jeito.

Ela continuou a girar, deslizando os dedos por suas costas, em seus cabelos, erguendo o peito para roçar os mamilos contra sua pele. Como se sentisse sua necessidade, ele moveu sua atenção para baixo, afundando os

lábios em seu seio para começar a sugar primeiro um, depois o outro. O pico de sensação era tudo que ela precisava para sentir a força de seu clímax assumindo o controle. O fogo subiu por seus membros, o prazer arrancando um soluço de seus pulmões.

— Mais, — ela engasgou. Seus quadris começaram a bater forte e ela cravou as unhas em sua nuca, deliciando-se com o tapa de carne com carne. Ele gemeu, chupando mais forte, seus dentes roçando sua pele, o prazer e a dor quase insuportáveis.

— Mais. — Ela arqueou as costas com a intensidade crescente. Seu braço serpenteava ao redor de seus quadris para agarrar sua bunda, e ele afundou sua pélvis nela no final de cada impulso. A fricção contra seu clitóris era exatamente o que ela precisava para enviá-la ao limite.

Jogando a cabeça para trás, ela gritou, sua visão desbotando de branco para preto enquanto ele implacavelmente batia nela. Ele soltou uma maldição tensa, seus movimentos se tornando espasmódicos quando ele se desfez, empurrando mais fundo, mais forte, até que ele finalmente desabou em cima dela, descansando os lábios em seu ombro.

Beth flutuou em êxtase, apreciando o calor de sua respiração ofegante em seu pescoço, a sensação deste homem duro e saciado fazendo-a sorrir. Eles ficaram deitados em um contentamento silencioso, os dedos dela massageando suavemente suas costas enquanto ela lutava para ficar acordada.

— Você está cansada. — Seus lábios roçaram sua bochecha.

— Mmm-hmm. — Talvez se ela descansasse os olhos por alguns minutos, ela ganharia sua energia.

— Eu devo ir. Você precisa dormir.

— Não, — ela choramingou e o abraçou forte, sem vontade de deixá-lo ir.

Ele riu em seu ouvido quando seu pênis começou a amolecer e deixar seu corpo. — Apenas me dê alguns segundos no banheiro, então eu volto.

Ela relutantemente relaxou os braços, mantendo os olhos fechados enquanto tentava não adormecer. Suas roupas acenavam do chão, sua insegurança obrigando-a a se cobrir, mas ela estava saciada demais para se mover. Em vez disso, ela rolou e se sentou no encosto do sofá, escondendo a frente de seu corpo de vista, aconchegando-se na camurça macia.

Quando Dean voltou, isso a assustou, fazendo-a pular para a consciência. Então seus braços se moveram sob seu corpo e começaram a levantá-la. Ela gemeu e se espreguiçou em seu abraço, tentando acordar. — O que você está fazendo?

— Vou colocá-la na cama e depois decolar.

Ela abriu os olhos, não querendo que ele fosse embora ainda. Ele sorriu para ela, as linhas escuras sob seus olhos mostrando sua exaustão.

— Você já está vestido, — disse ela em confusão. Por que ela não o ouviu colocar suas roupas?

Seu peito vibrou com uma risada silenciosa enquanto a carregava para fora da sala. — Estou vestido há um tempo. Você adormeceu há duas horas.

Ah não. Ela havia perdido suas últimas horas juntos.

Ela franziu a testa para ele. — Por que você não me acordou?

Esta manhã ela estipulou a regra de um dia, mas agora ela não queria que ele se despedisse. O tempo que passaram juntos voou, rápido demais para trazer qualquer sensação de saciedade.

Seu rosto se iluminou, seu sorriso finalmente alcançou seus olhos enquanto ele subia de lado as escadas para que ela não batesse com a cabeça. — Eu gosto de ver você dormir.

Ela não queria se sentir envergonhada, não depois do que eles compartilharam, mas ela se aconchegou em seu corpo de qualquer maneira, agora bem ciente de sua nudez. Quando chegaram ao quarto dela, ele a deitou na colcha e a ajudou a se mover por baixo.

Ela se acomodou no colchão macio, deitando-se de lado para encará-lo com as cobertas puxadas até o queixo. Ele se ajoelhou ao lado dela e examinou sua alma, seus dedos se enredando na longa bagunça de seu cabelo.

— Oh. — Ela se sentou, puxando a colcha até os seios. — Vou precisar trancar a porta da frente depois que você sair.

— Está bem. — Ele fez sinal para que ela se deitasse novamente. — Você tem uma chave sobressalente que eu possa pegar e devolver para

você na segunda-feira? — Isso soou bem. O final perfeito para um dia quase perfeito. Seu amante quase a deixou em coma por sexo, observou-a dormir, carregou-a para a cama e também planejava se trancar sozinho.

— Há uma chave sob a pedra no final da varanda, se você não se importa que eu fique na cama.

— De jeito nenhum, vou sair agora e deixar você voltar a dormir.

— OK. — Ela abraçou o travesseiro, querendo pedir-lhe para ficar, mas sem saber se a pergunta ultrapassaria essa coisa casual que eles tinham.

Ela sorriu para ele enquanto seus olhos se fechavam lentamente. Foi necessário todo o seu esforço mental para se concentrar em abri-los novamente. Quando ela o fez, ele estava se inclinando sobre ela, inclinando-se para beijá-la na testa. Desejando mais do adeus, ela ergueu o queixo ainda mais. Os lábios dele desceram para acariciar os dela, uma, duas vezes, antes de deslizar a língua em sua boca.

Seu interior aqueceu, a adrenalina finalmente foi liberada em seu sistema para despertar seus sentidos. Antes que ela pudesse passar as mãos em volta do pescoço dele, ele recuou.

— Durma bem, querida.

Ela o viu sair com as pálpebras pesadas que começaram a arder. A cada passo que se afastava, ela se perguntava quanto tempo levaria para sua culpa reprimida subir ao primeiro plano e anunciar a quão estúpida ela tinha sido para dormir com seu chefe. Não apenas uma, mas duas vezes.

Capítulo 12

Espero que você tenha dormido bem, linda. Dean

Beth tomou um gole de café e leu a mensagem novamente, esperando o elevador chegar ao andar do escritório. A segunda-feira havia chegado rápido demais, uma de suas únicas memórias de domingo consistindo em olhar para a tela do celular e ler seis palavras simples, uma e outra e outra vez.

Espero que você tenha dormido bem, linda. Dean

Essas trinta e sete letras mudaram seus planos para o domingo completamente. O dia deveria ser passado refletindo, para resolver o caos de sua vida e descobrir o que dizer ao Sr. Sutherland sobre sua proposta.

Em vez disso, ela passou o dia inteiro olhando de soslaio para o celular, verificando constantemente se havia mensagens, sempre carregando-o no bolso. Ela nunca tinha sido o tipo que se preocupava em estar fora de alcance antes. Dean havia mudado isso. Agora ela estava obcecada, tudo por causa de uma mensagem de texto.

Espero que você tenha dormido bem, linda. Dean.



A única folga que ela teve durante todo o dia foi um telefonema para Angela. Sua melhor amiga devorou freneticamente a fofoca sobre Dean e não escondeu suas emoções confusas.

— Apenas mantenha o controle do seu coração, Beth, — Angela implorou. — A quantidade de mulheres apaixonadas que ligam na recepção tentando entrar em contato com ele é ridículo. Você não quer ser apenas mais um entalhe na coluna da cama.

A declaração foi difícil de ouvir depois que ela já se convenceu de sua sinceridade. Beth queria explicar como as coisas entre eles eram diferentes, únicas de todas as outras mulheres, mas ela sabia o quão ridículo isso soava. Ela não tinha ideia do que seu relacionamento significava ou o que o futuro traria. Então ela acabou aceitando o conselho e mudando de assunto.

Agora que a segunda-feira havia chegado, ela estava apreensiva sobre como as coisas iriam acabar. Ela acordou ao raiar do dia, com o relógio biológico ainda fora de sintonia, e saiu para o escritório uma hora mais cedo.

Ela se convenceu se chegasse antes de Dean e colocasse a cabeça firmemente no modo de trabalho, ela seria capaz de passar o dia em um rolo constante de vapor. Abaixe a cabeça, bata para cima e, ao tomar o último gole do café no elevador, repassou a lista de afazeres em sua mente.

Infelizmente, nenhuma das tarefas girava em torno dos lábios convidativos de Dean ou das mãos fortes em partes íntimas de seu corpo.

As portas do escritório já estavam abertas e as luzes acesas quando ela saiu do elevador. Ela não esperava que ninguém estivesse lá. Ela não podia ouvir ninguém por perto enquanto entrava, a área da recepção sem vida, mas quando ela continuou pelo corredor até seu escritório, ela avistou Steve, seu segundo no comando, se afastando dela.

Ele não pareceu ouvi-la enquanto ela continuava para seu escritório, então ela decidiu esperar até que estivessem mais perto antes de fazer sua saudação matinal. Quando ele fez um desvio, abrindo o escritório de Dean para entrar, sua curiosidade aumentou.

Ela pairou na porta, decidindo ficar quieta por enquanto, enquanto ele tirava uma caneta do bolso de sua jaqueta e começava a escrever nos papéis colocados à sua frente.

— Bom dia, Steve.

A caneta caiu sobre a mesa, sua postura curvada imediatamente ganhando atenção enquanto ele praguejava em voz alta. Ele olhou para cima, seus olhos se arregalaram e seu rosto perdeu a cor. — Droga, você me assustou pra caralho.

— Desculpe.

Seu olhar se moveu para a mesa e ele colocou a mão sobre as palavras que havia escrito, escondendo-as de vista. Nem um pouco furtivo.

— Eu ... umm. Eu tive que fazer alguns relatórios para Dean, — ele ofereceu apressadamente.

Em qualquer outro dia, ela não teria duvidado de sua explicação, mas com sua ansiedade flagrante e a maneira como ele agora balançava a cabeça como se estivesse se convencendo de sua própria declaração, ela sabia que havia mais na história.

— Tenho uma reunião antecipada com o departamento de marketing para revisar as mudanças que você pediu, — continuou ele. — E Dean perguntou se eu poderia entrar para fazer esses relatórios antes que ele ... ah ... antes de sair para ver sua irmã.

Ela franziu a testa, não com o raciocínio dele, mas porque Dean não tinha contado a ela que estava saindo da cidade. Claro que ele iria consolar Megan; ela apenas pensou depois do que eles compartilharam que ele teria ligado para contar a ela também. A ideia de Steve sabendo antes dela, porém, fez com que o ciúme começasse a corroer seus sentidos.

— Ele me ligou ontem. — Ele fechou a gaveta e deu a volta na mesa, desviando o olhar enquanto se dirigia para ela. — Ele me disse que estava voando para Sydney. Eu estava colocando os relatórios em sua mesa para que ele pudesse pegá-los antes do voo.

Ele também disse que fizemos sexo, ela reconheceu mentalmente. Ou isso ou Steve se sentia desconfortável com ela por um motivo completamente diferente.

Dean deve ter se gabado. Eles nunca discutiram sobre como manter o fim de semana em segredo, mas ela não achava que ele se apressaria em contar aos amigos de trabalho em comum sobre seus assuntos particulares.

Certamente ele não seria tão rápido em desrespeitá-la na frente de outro membro da equipe, alguém que ela tinha que supervisionar. Já.

Então, novamente, ela só precisava se lembrar de seu histórico para determinar a alta probabilidade. Ele adorava se gabar de suas conquistas, ou pelo menos foi o que ela disse.

Ela engoliu o nó na garganta e fingiu um sorriso. — OK. Obrigado pela atualização. Eu estou indo trabalhar.

Ela caminhou pelo corredor até seu escritório, seu coração batendo forte em seus ouvidos. Não saber o que Dean havia dito a Steve a deixava nauseada. Ela se perguntou se os detalhes teriam sido explícitos, se seu subordinado agora saberia de sua falta de destreza ou as palavras que ela sussurrou para Dean no chuveiro.

Havia uma boa chance de ela ser motivo de chacota no escritório na hora do almoço.

Fechando a porta atrás de si, ela foi se sentar atrás de sua mesa, observando Steve discretamente pela janela interna do escritório. Ele demorou para sair do escritório de Dean. Primeiro, ele voltou para tirar um Post-it do que ela reuniu como relatórios. Ele franziu a testa e mudou a nota de mão em mão, claramente nervoso. Em seguida, ele fez uma bola com o papel e jogou-o na lata de lixo antes de seguir para o corredor.

Ele fechou a porta atrás de si, reservando um momento para olhar fixamente para ela através do vidro. Ela deu um sorriso indiferente em resposta, então continuou a se ocupar em arrumar sua mesa.

Quando ele sumiu de vista, ela ligou o computador e tentou ignorar os nós em seu estômago. Mas dentro de instantes ela se levantou de sua cadeira e foi espiar pela janela do escritório. Ela examinou o corredor para frente e para trás, e quando não havia sinal de ninguém, ela abriu a porta e caminhou com confiança para o escritório de Dean.

Uma sensação de mau presságio intensificou seus sentidos enquanto ela olhava para a mesa dele. Ela não deveria estar fazendo isso. O que quer que estivesse naquela nota não era da sua conta, mas além de uma leve mesquinharia em sua consciência, nada mais a impedia de descobrir.

Ela enfiou a mão na lixeira, pegando o Post-it amarelo brilhante da pilha de lixo. Seu coração batia forte no fundo da garganta e suas mãos suavam enquanto ela endireitava o papel para ler as palavras escritas em uma letra rabiscada.

Grande pontuação, seu bastardo sortudo. Eu não posso acreditar que você finalmente a colocou na cama. Espero uma recapitulação de todos os detalhes sórdidos quando você voltar.

Ela piscou, mais e mais, a dor afundando profundamente.

Serviu bem a si mesma por ser intrometida.

Por ser uma trepada tão fácil.

Por ser tão estúpido.

Ela sabia que isso iria acontecer. Ela sabia e, mesmo assim, dormiu com ele.

Por quê? Por que diabos ela se sabotou deliberadamente?

Bom sexo e olhos castanhos traidores. É por isso.

Com as pernas dormentes, ela se arrastou para a santidade de seu escritório. Não havia como negar que a nota era sobre ela. E na pequena chance de que não fosse, sua situação seria ainda pior. A ideia dele dormindo com outra mulher no fim de semana a fez estremecer.

De qualquer forma, os detalhes não eram importantes. O dano foi infligido. Seu coração já havia sido quebrado em um milhão de pedaços afiados e serrilhados.

Se Dean pudesse se gabar do que eles compartilharam com alguém com quem ela teve que trabalhar, ele não era o homem que ela pensava que ele era. O homem que ela queria que ele fosse. O cara que ela precisava que ele fosse.

Uma risada sardônica escapou quando ela começou a hiper ventilar. Raiva e humilhação fizeram seus olhos arderem. Isso era ridículo. Sua vida nos últimos dias foi completamente insana. De Max para Dean. Que outra relação comercial ela poderia arruinar antes que outro dia passasse?

Uma batida em sua porta a fez ficar em pé enquanto ela farejava suas emoções. — Entre.

Max abriu a porta, sua testa franzida em uma carranca. — Bom dia, Beth. — Seu tom áspero e distante enviou uma onda de pânico por sua espinha. — Você pode me encontrar no meu escritório, por favor?

Ele fechou a porta e caminhou pelo corredor antes que ela pudesse responder.

Ótimo.

Perfeito.

Ela contou até dez, respirando fundo enquanto tentava não surtar. Ele gostaria de falar sobre a proposta e ela não estava pronta. Talvez ela nunca fosse. Mas em seu estado irracional de sufocação, ela podia ver uma vantagem em aceitar a oferta de Max - iria irritar Dean.

Ele ficaria furioso.

Lívido.

Pena que ela não conseguia suportar a ideia de tomar as medidas necessárias para enfurecê-lo.

Ela saiu do escritório, enxugando as palmas das mãos suadas no paletó enquanto caminhava pelo corredor. O Sr. Sutherland estava sentado atrás de sua mesa, batendo uma caneta no teclado, as sobrancelhas ainda franzidas. Ela não conseguia se lembrar dele parecendo tão severo, seu rosto e comportamento excessivamente agitados para a conversa que ela esperava.

Ele olhou para cima quando ela entrou em seu escritório e sustentou seu olhar por um breve segundo antes de sinalizar para que ela se sentasse.

— Beth. — Seu tom áspero continuou a elevar sua frequência cardíaca. — Estive pensando sobre isso durante todo o fim de semana e não consigo

encontrar uma maneira de contornar isso. Eu tentei muito e simplesmente não parece haver uma maneira. E eu não tenho ideia de como dizer isso, então vou apenas sair e dizer.

Ele estava divagando. Max Sutherland, diretor administrativo da Sutherland & Son, não divagou, e a percepção aumentou seu pânico como cabos elétricos para um carro.

— Acho que é melhor se você deixar sua posição na Sutherland & Son.

A cabeça dela jogou para trás em surpresa. O tempo começou a desacelerar enquanto uma torrente de sangue enchia seus ouvidos como uma torrente de água em uma caverna. Ela podia ver seus lábios se movendo, mas as palavras estavam quebradas e desalinhadas.

— Sinto muito ... minha culpa ... proposição desfavorável ...

As partes dispersas da conversa não foram absorvidas. Sua mente lutou para superar o comentário inicial sobre deixar Sutherland & Son. Ela estava além de confusa e, mesmo que pudesse determinar uma frase coerente, o nó em sua garganta parecia grande demais para falar.

— Eu preciso melhorar meu relacionamento com Dean.

Esse nome quebrou sua confusão, dando a ela algo em que se concentrar. O nome de Dean geralmente traz felicidade com a simples menção. Agora, as quatro letras evocavam determinação. Frustração. Ela não teria sua carreira ameaçada duas vezes em poucos minutos pelo mesmo homem. Endireitando os ombros, ela mentalmente cravou os calcanhares, sem vontade de abandonar a posição que amava.

— Eu não...— Ela limpou a garganta quando as palavras raspadas passaram por sua garganta. — Eu não entendo. O que eu fiz errado?

Ele a olhou com simpatia. — Não foi você. Esta situação é inteiramente minha culpa.

— Então, por que estou sendo demitida? — Ela chorou e desviou o olhar enquanto as lágrimas tomavam conta de sua visão.

— Dean e eu tivemos um passado difícil. Eu fiz coisas das quais não me orgulho e ele nunca me perdoou. Eu não o culpo por isso. — Ele soltou um suspiro. — Mas no ano passado as coisas ficaram mais fáceis. Ele não tem sido tão hostil, e eu estava começando a torcer para que houvesse uma chance de recuperar o relacionamento que perdemos.

Ela encontrou seus olhos, as profundezas castanhas escuras muito parecidas com as de seu filho.

— Sinto muito, mas não posso arriscar que você fique entre nós. Quando eu fiz uma proposta para você, eu não percebi...

— Eu não vou deixar meu trabalho, — ela fervia. — Eu não fiz nada de errado.

Ele inclinou a cabeça. — Eu sei. Admito que essa situação é inteiramente minha culpa, mas Dean obviamente levou o assunto a sério. Não propus minhas intenções a você por capricho na última sexta-feira. Eu perguntei ao redor para garantir que você não estava em um relacionamento. Eu tinha planejado que a oferta fosse mutuamente benéfica.

Ela se encolheu com a escolha de palavras dele.

— Não sabia que Dean ainda guardava rancor de mim, — continuou ele. — E que ele tentaria me punir por transgressões passadas dormindo com você.

O ar deixou seus pulmões, o ruído agudo quando ela se encolheu.

Dean a usou para punir seu pai?

— Você não pode fazer isso. — Ela se levantou, concentrando-se fortemente em seu brilho para que suas lágrimas não caíssem. — É assédio sexual.

— Sente-se, — ele rosnou.

A agressão a chocou, fazendo-a cair para trás em sua cadeira como um cachorrinho obediente.

— Você sabe tão bem quanto eu que um caso de assédio sexual contra esta empresa só vai desacreditar sua reputação. E eu prometo que é desnecessário. Você será compensada financeiramente.

Ele deu a ela um sorriso triste. Um sorriso triste apaziguador, de arrepiar a pele. — Olha, Beth, você tem sido uma das minhas melhores funcionárias. E dói deixar você ir, mas meu filho é mais importante. Eu não vou perdê-lo novamente. Não cometerei o mesmo erro duas vezes. Portanto, pretendo oferecer-lhe uma compensação financeira para sair amigavelmente. Também liguei para alguns dos meus contatos e fiz uma lista de empresas que estariam dispostas a entrevistá-la.

Quer entrevistá-la? Metade da cidade sabia sobre sua morte antes dela?

Max falando com as pessoas pelas costas acrescentou mais insulto ao ferimento aberto. Ela o tinha admirado por anos, o tinha admirado e ele a traiu com facilidade.

A característica deve estar nos genes da família.

— Tudo que peço é que você concorde em sair amigavelmente e assine uma declaração dizendo que saiu em seus próprios termos.

Uma risada zombeteira escapou. Uma risada ofegante e maníaca. Ela sentou-se lá, agora entorpecida com os ferimentos em seu ego.

— Quando você quer que eu termine? — Sua voz era áspera, fraca, exatamente como seu corpo e sua mente se sentiam.

— Eu acho que seria melhor se você partisse imediatamente. Continuar seu tempo aqui será desconfortável e não espero que você sofra mais por causa dos meus erros. Ter você partindo será um grande golpe para os negócios, mas esse é o meu fardo. Eu vou lidar com a reação até que Steve possa assumir as tarefas extras.

Ela olhou fixamente. Sua boca imóvel, sua garganta muito grossa com cascalho, seu batimento cardíaco alto o suficiente para causar uma enxaqueca ameaçadora.

Em um piscar de olhos, seu trabalho havia desaparecido. Ela estava desempregada. Sua estabilidade financeira cresceu um grande conjunto de asas de águia e voou direto para fora da janela.

Se ela não estivesse se apegando aos últimos vestígios de seu orgulho, ela teria explodido em soluços de ofegar. Em vez disso, ela se levantou,

ergueu o queixo e saiu sem dizer uma palavra, indo para a sala que não seria mais seu escritório.

Ela pegou uma caixa de arquivo vazia de seu aparador e começou a empacotar pertences pessoais - suas fotos de família, seu estoque vitalício de lanches de mesa, seus cartões comemorativos e papelaria pessoal. Um por um, os itens caíram na caixa, o impacto de cada um enviando uma pontada de dor em seu coração, até que as lágrimas ardendo em seus olhos se soltaram e escorreram por suas bochechas.

— Oh, querida, o que há de errado? — Angela a abraçou antes que ela pudesse olhar para cima.

Beth tentou falar, abriu a boca várias vezes para isso, mas tudo o que saiu foram soluços quebrados. Ela nunca foi tão humilhada e não sabia como iria admitir os erros para sua família.

Seu pai ficaria constrangido.

Sua mãe ficaria mortificada.

A vergonha entrou na mistura de suas emoções turbulentas. Além de dormir com alguém por quem ela tinha sentimentos, ela não tinha feito nada de errado. Mas não é assim que pareceria para um estranho. Qualquer pessoa que não conhecesse sua moral elevada a julgaria por ser barata e fácil.

Sua reputação estaria arruinada.

O fogo queimava em suas veias, dominando seu choque e ajudando a controlar a torrente de lágrimas. Quando Angela se afastou para olhar para

ela, ela desviou o olhar, a preocupação nos olhos da amiga o suficiente para fazê-la desmoronar novamente. — Eu tenho que ir...

— O que está acontecendo, B?

Lutando para ganhar o controle, ela espalhou a notícia rapidamente. — Acabei de ser despedida. — O suspiro respondido fez seu coração mergulhar novamente. — E, aparentemente, Dean só dormiu comigo para se vingar de seu pai.

— De jeito nenhum.

Ela enxugou os olhos esperando que o rímel não tivesse escorrido. — Sim, porra. — Ela bateu a tampa da caixa e puxou-a para baixo do braço. — Eu tenho que sair daqui. Se eu esqueci alguma coisa, você pode por favor segurar para mim e eu pegarei mais tarde?

— Sim, claro.

— Ela respirou fundo e se esforçou para não desabar. — Ok, estou fora daqui.

Capitulo 13

O pau de Dean estava em um gatilho de cabelo, seu coração palpitava, e ele não podia deixar de sorrir para pessoas aleatórias como se ele tivesse problemas mentais. Um cara na padaria a caminho do trabalho até sorriu de volta em um convite descarado.

Se ele não estivesse lá para comprar para Beth um dos damascos dinamarqueses que ela tanto amava, ele teria largado o dinheiro e fugido. Mas imaginá-la saboreando cada mordida como se o gosto fosse orgástico valia a pena resistir ao olhar malicioso cheio de luxúria do cara de branco.

Apenas trinta e oito horas se passaram desde que estiveram juntos e ele já sentia falta dela. Ele passou as primeiras duas horas da manhã imaginando a maneira como ela reagiria ao vê-lo. A maneira como ela desviava os olhos, um sorriso tímido mostrando o mais leve indício de covinhas, antes de inconscientemente umedecer aqueles lábios lindos com uma lambida cheia de luxúria.

Ele se sentava na mesa dela e a observava devorar até a última migalha de dinamarquês, desfrutando de sua troca de flerte até que ele precisasse ir para o aeroporto. Ele nem precisava entrar no escritório. Ele simplesmente não conseguia suportar a ideia de deixar a cidade sem ver Beth primeiro.



Com o nível atual de sua obsessão, deixar a cidade durante uma semana era provavelmente a melhor estratégia para impedi-lo de fazer papel de bobo. Ele já havia decidido no domingo de manhã que queria colocar tudo em risco. Para dizer a ela como ele se sentia em cores vivas. Remover a bagagem emocional de seu peito seria um alívio bem-vindo.

Ele entrou no saguão do prédio de escritórios alto com um balanço extra em seus passos, então congelou quando reconheceu Delilah parada sozinha na porta do elevador.

Ela deve ter sentido ele. Teve que ter. Ela olhou por cima do ombro, encontrando seu olhar, e seus lábios se curvaram em uma curva sedutora.

— Dean, — ela murmurou, virando-se para ele.

Porra.

Ele forçou suas pernas a continuarem para frente quando as portas do elevador se abriram atrás dela, o pequeno espaço agora uma armadilha mortal se ele tivesse que ser preso dentro com este abutre.

— Bom dia, Dee.

— Bom dia.

— Ela fez a palavra soar como um convite, as sílabas segurando um tom sedutor notável. Ela definitivamente tinha habilidades de jogador. Talvez até melhores do que as dele. Então, novamente, se ela só quisesse jogar em vez de agarrar suas garras, ele nunca teria um problema com ela.

Ele não se importava com mulheres ansiosas. Dee simplesmente agiu de forma óbvia ao ponto de desespero e uma noite era tudo o que ele tinha para oferecer a ela. Ela sabia disso.

O elevador fechou antes que ele pudesse entrar e ele se resignou a bater papo até que o próximo chegasse.

— Então, quando vamos nos ligar de novo?

Jesus.

Ele mascarou sua surpresa por trás de uma risada amigável. Talvez um flerte inofensivo tivesse sido melhor. Ele certamente não estava preparado para a virada descarada.

— Na verdade, estou saindo com alguém.

Lá. Ele deixou a situação clara e esperava que ela percebesse que o sexo que eles compartilharam ficaria no passado.

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele com ceticismo. — Por que acho isso difícil de acreditar?

Ele suprimiu um escárnio. Ele não se importava com o que ela acreditava e deixou sua carranca falar muito enquanto ele respondia em um tom gelado. — Eu sou um homem mudado, Delilah.

Ela endireitou os ombros delicados e ergueu o queixo. — Bem, ela é uma senhora de sorte. Apenas lembre-se ... — Ela se aproximou, agarrando seu bíceps enquanto sussurrava em seu ouvido. — ...Eu vou te

levar de qualquer maneira que eu puder. Eu não me importo se for um pouco lateral.

Sua reputação tinha se estendido tanto que as mulheres pensavam que ele não tinha moral sexual? Ele apertou o saco de papel marrom segurando o dinamarquês em seu punho. Com a outra mão, ele agarrou o pulso dela e silenciosamente comemorou o momento perfeito quando as portas do elevador mais próximo se abriram.

Ele olhou para ela, realmente olhou para ela, seus lábios mudando em um sorriso genuíno enquanto ele considerava sua situação de uma nova perspectiva. Se ele se comprometesse com Beth, o que ele tinha toda a intenção de fazer, ele não teria mais que se cercar de mulheres como esta.

Ele estaria livre para superar seus erros. Livre de esterilidade.

Revigorado, ele levou a mão dela aos lábios para beijar seus nós dos dedos. — Obrigado pela oferta, mas eu não ...

Um ofego ferido chamou sua atenção para o interior do elevador.

Beth.

Merda.

Ela ficou ali segurando uma caixa em suas mãos, seus olhos avermelhados, seu rosto contorcido em uma mistura de choque e raiva enquanto seu olhar vagava entre ele e Delilah.

Ele largou os dedos de Dee e deu um passo para trás, como a porra de um criminoso pego em flagrante.

Beth avançou furiosa, resmungando baixinho enquanto esbarrava nele.

— Beth. — O nome dela deixou seus lábios em um apelo para que ela parasse.

Ela não vacilou, nem mesmo vacilou. Ela continuou avançando como se ele não existisse.

Ele correu alguns passos para alcançá-la e segurou seu cotovelo. — Espera. Eu estava apenas ... — As palavras morreram em seus lábios quando ela se virou para encará-lo, suas bochechas agora raiadas de lágrimas.

— Tire suas malditas mãos de mim.

Ele obedeceu, sua raiva incomum quase o suficiente para fazê-lo dar um passo para trás. Ele examinou o rosto dela, tentando ler o que estava acontecendo por trás daqueles olhos verdes vítreos, mas ela se desviou e continuou em direção à saída.

O que diabos estava acontecendo?

Ele a seguiu enquanto ela saía das portas deslizantes de vidro do edifício, o dinamarquês ainda agarrado em sua mão. Uma vez do lado de fora, ele aumentou o passo, manobrou na frente dela, então se virou e começou a andar para trás para manter contato visual.

— Mova-se. — Ela o acertou com um olhar ameaçador.

Ele mal conseguia reconhecê-la sob a raiva e a dor. Ele não sabia o que tinha feito de errado. — Fale comigo.

Ela aumentou o ritmo, empurrando a caixa contra o peito dele. — Mova-se.

— Eu não estou indo a lugar nenhum. — Ele tropeçou no primeiro degrau de descida que conduzia à calçada, quase caindo de bunda.

— Por favor, me deixe em paz. — Sua respiração era ofegante, o ritmo de suas lágrimas aumentando. Ela deu outro empurrão indiferente em sua caixa, acertando seu peito com quase nenhum impacto.

Sua agonia rasgou seu coração. Sua incapacidade de descobrir como resolver o problema doeu ainda mais.

No meio da escada ele parou, precisando chamar a atenção dela. Ele firmou o pé e agarrou a caixa, esmagando o dinamarquês na mão. — Me diz o que aconteceu.

Com movimentos frenéticos e bruscos, ela tentou puxar a caixa de suas mãos, mas ele não desistiu. — Você está causando uma cena. Por favor, deixe-me ir.

Ele permaneceu firme, olhando para ela, tão teimoso e determinado como ela sempre foi. Depois de alguns esforços exaustos para recuperar a caixa, ele observou os ombros de Beth cederem, a luta deixando seu corpo.

— Espero que tenha valido a pena, — ela sussurrou.

Seus olhos estavam torturados, fundos e vidrados. Ele nunca a tinha visto assim antes e as reações dela o estavam atingindo como socos contínuos.

— Eu não entendo. — Ele ouviu suas próprias palavras e não percebeu que as havia dito em voz alta até que Beth empurrou a caixa.

— Que faz de nós dois.

Ela tentou arrancar a caixa de suas mãos novamente, dando um puxão forte. Ele não teve a chance de segurar as bordas com mais força e o peso escapou de seus dedos. Ele observou atordoado enquanto Beth se atrapalhava com a liberação repentina e ela caiu no chão.

Um soluço deixou seus lábios e ele estremeceu ao som de vidro quebrando. A seus pés agora estava uma caixa destroçada, a tampa meio aberta para exibir molduras de fotos quebradas e itens que ele reconheceu de sua mesa.

Ele olhou para ela confuso. Ela o encarou nos olhos e soltou um suspiro cansado. — O que eu fiz para você?

— Eu...

Ela se virou para sair, a caixa ainda caída no chão aos pés dele.

— Beth.

Ela não atendeu ao seu chamado, apenas continuou a se afastar. Ele olhou para a quebra na frente dele, então de volta para Beth enquanto ela fugia. Se ele fosse atrás dela, a caixa provavelmente seria roubada, mas ele não podia simplesmente vê-la sair. Ele não conseguia se livrar da apreensão de que ela estava saindo de sua vida para sempre.

No final, ele não precisou tomar uma decisão. Ela alcançou o meio-fio e abriu a porta para um táxi esperando. Ela nem mesmo olhou por cima do ombro, ou deu uma olhada em seus pertences enquanto o carro entrava no trânsito e saía de vista.

O que diabos aconteceu?

Ele tirou o telefone do bolso do terno e ligou para o escritório, pedindo a Angela que o encontrasse do lado de fora com uma caixa vazia.

— Sim, vou fazer isso quando puder. — A recepcionista geralmente alegre deu-lhe uma dose de atitude, reclamando sobre como as linhas telefônicas estavam ocupadas.

Quinze minutos e dois pedaços de vidro cravados em seus dedos depois, Angela saiu pelas portas de correr da frente do prédio. Nenhuma vez em todos os dias de seu trabalho ela o cumprimentou com qualquer coisa além de um sorriso - até hoje. Agora ela olhou para ele enquanto ele pairava sobre os pedaços quebrados dos pertences de Beth, sua expressão facial fazendo suas bolas encolherem. Sem uma palavra, ela empurrou a caixa para a frente.

— Obrigado.

— Não é um problema, — ela zombou.

Pegando a caixa amassada de Beth, ele observou com o canto do olho quando Angela se virou para sair, parando momentos depois antes de se virar para encará-lo. — Você já teve um coração?

Ele olhou para cima e sabia que sua frustração devia ser evidente, mas ela não pareceu notar.

— Eu só estive refletindo sobre o pensamento recentemente.

Deixando sua cabeça cair, ele respirou fundo. Todo mundo estava falando em enigmas. Ele não tinha tempo para essa merda. Ele precisava encontrar Beth e descobrir as coisas antes de seu voo de avião. A TPM da recepcionista era a última coisa com a qual ele precisava lidar.

— O que? — Ele retrucou, alcançando seu limite.

— Você sabe, ponderando ... como as mulheres parecem fazer com mais frequência do que os homens. Dean Sutherland realmente tem um coração por baixo de todas as camadas de idiota?

Ele a lançou um olhar mordaz e ergueu as sobrancelhas, esperando mais de uma explicação.

— Como você poderia trazer um membro da equipe para seus problemas familiares mesquinhos, Dean? Sinceramente, pensei que você fosse um cara legal no fundo, por trás de toda a arrogância. Não que seja da minha conta, mas você planejou que Beth perdesse o emprego quando você começou a irritar seu pai?

Seu coração se apertou. Agachado, ele quase perdeu o equilíbrio. — Que diabos você está falando?

Ela respondeu aumentando seu olhar de laser da morte antes de se virar com um acesso de raiva, caminhando de volta para o prédio sem outra palavra.

Maldito seja o inferno. Ele precisava falar com Beth. Puxando o telefone novamente, ele discou o número dela. Ele bateu o pé em uma batida frenética no cimento enquanto rezava para que ela respondesse. O som da chamada era quase inaudível sobre o latejar em sua cabeça.

Venha, venha, venha.

Ela não podia fazer isso com ele agora. Não depois do dia que compartilharam. Não depois que ele finalmente encontrou as bolas para dizer a ela como se sentia.

A chamada foi para o correio de voz. Desconectando, ele discou novamente ... mesmo resultado.

Ele deveria ter dito a ela como se sentiu antes. Por que ele não passou o sábado cortejando Beth, fazendo-a ver o verdadeiro ele, sem perder sua única chance com sexo e sedução?

Ele até a enganou para se sentir menos vulnerável. Além de sua ex de longa data, Jessica, nenhuma outra ligação acontecera em seu apartamento. Era sua regra. Mas compartilhar seu espaço com Beth não exigiu um segundo pensamento. Ela até perguntou a ele à queima-roupa.

Então, quantas senhoras fizeram o corte?

Muitos.

Ele não mentiu. Jessica tinha sido uma mulher a mais, mas ele era estúpido por ter respondido com base em suas próprias inseguranças sem pensar nas dela.

Estúpido, estúpido, estúpido.

Quando a terceira chamada ainda foi para o correio de voz, ele desistiu. Ele não tinha muito tempo e planejava chegar ao fundo da situação antes de partir.

Finalmente, Dean tinha colocado tudo em risco com seu pai e ainda assim sua cabeça latejava como um filho da puta. Todo o ressentimento, todo o ódio e hostilidade por Beth ter sido demitida foram vomitados de sua boca como uma fonte.

Ele gritou até que sua garganta ficou rouca, enquanto seu pai se sentou atrás de sua mesa e esperou que ele terminasse. Ao longo de seu discurso - que poderia facilmente ter sido ouvido por todo o escritório - ele tentou ligar para Beth. Sempre que uma chamada era encerrada, ele se desconectava e tentava novamente.

Assim que sua raiva se tornou contida, ele parou de andar, sentou-se e ouviu a voz calma de seu pai. Dean não esperava que ele pegasse o caminho profundo e significativo, mas ele fez. O poderoso Max Sutherland sentou-se diante dele à beira das lágrimas, trazendo à tona a história antiga e questões familiares que ambos tentaram enterrar há muito tempo.

Seu pai queria fazer as pazes, começar do zero e reconstruir os danos entre eles.

A conversa tinha vindo do campo esquerdo, completamente do nada e ele se viu incapaz de lidar com o drama adicional. Seu pai não esperava uma resposta racional. Depois da maneira como sua família foi dilacerada, Dean não tinha intenção de facilitar qualquer reconciliação.

Ele acabou saindo do escritório de seu pai com um ultimato - deixar o cargo de diretor-gerente da Sutherland & Son, ou Dean iria embora e levaria a maioria da equipe com ele.

A promessa tinha sido um movimento sem sentido, mas ele planejava se comprometer. Eles não podiam mais trabalhar juntos e arrastar Beth para seus problemas apenas tornava seu relacionamento mais instável.

Agora ele corria contra o tempo e o tráfego para fazer seu voo. Beth ainda não atendia ao telefone, então ele decidiu colocar seus esforços em uma abordagem diferente.

Os três primeiros floristas para os quais ligou do diretório online em seu telefone não tiveram tempo de ir aos extremos de que precisava, não importando o custo. Suas esperanças agora estavam fixadas no número final em sua área.

— Bom dia, aqui são os Sunflowers. Você está falando com Mick.

Dean não queria perder o otimismo, mas o tom áspero do jovem não deixou uma boa impressão.

— Oi, Mick, espero que você possa me ajudar. Preciso de um grande número de flores entregues em uma casa em sua área e, se a pessoa não estiver em casa, quero que sejam colocadas dentro de você.

O cenário acontecia no cinema o tempo todo. O herói precisaria fazer um grande gesto romântico para colocá-lo de volta no jogo. Este foi o seu gesto.

— Ahh ... você quer que eu vá para a casa quando não houver mais ninguém lá? — O homem parecia duvidoso e Dean podia entender sua apreensão.

Este foi o quarto florista com quem ele falou, e ele ainda não havia pensado nos detalhes do plano. Droga, mas ele estava confuso. — Sim, você pode fazer isso?

— É a sua casa?

— Não, não é, mas...

— Cara, eu não posso invadir a casa de alguém. Você sabe o que eles fariam com um florista magrinha na prisão? Obrigado, mas não, obrigado. Eu prefiro manter minha virgindade intacta, se você não se importa.

Dean parou no próximo conjunto de semáforos e esfregou as pálpebras em frustração, tentando não quebrar sua sanidade gasta. Ele conhecia o esconderijo da chave da casa de Beth, mas supôs que o ato ainda seria ilegal. — Certo, tudo bem. Se ela não estiver em casa, deixe as flores na varanda da frente. Se ela estiver lá, porém, preciso que você diga a ela uma mensagem. Eu não acho que ela vai ler se você deixar com as flores.

— Sim, tanto faz.

A letargia do homem fez Dean querer agarrar o otário pela garganta e sacudi-lo. — Ótimo. — Ele cerrou os dentes e pisou fundo no acelerador. — Aqui está o que eu preciso que você faça ...

Capitulo 14

Beth chegou em casa vinte minutos após o incidente com Dean, e por um longo tempo depois disso, ela não se mexeu de sua posição no sofá. Ela chorou até que sua respiração veio em goles forçados e cada vez que seu celular vibrava com uma chamada silenciada, ela chorava um pouco mais forte.

Depois de uma hora e meia, as ligações pararam e a depressão começou a se infiltrar. Ela ficou quieta, fungando e respirando com dificuldade, o único ruído enchendo a sala por mais uma hora e meia atordoada. Em seguida, seu telefone vibrou para a vida novamente.

Nem um dia se passou antes que sua fraqueza por Dean aparecesse. Ela queria pegar o telefone e atender, esperando como uma menina ingênua que ele tivesse uma explicação adequada. Que ele diria a ela que tudo era um mal-entendido e seu pai cometeu um erro. Que Dean iria se desculpar por compartilhar os detalhes íntimos de seu tempo juntos e fazê-la entender por que ele fez isso em primeiro lugar.

Deus, a idiotice agora era um de seus traços de personalidade.

Ela não conseguia compreender como seu julgamento de Dean e Max Sutherland tinha sido totalmente impreciso. Eles não eram os homens honrados em quem ela havia confiado por anos. A venda foi removida de



seus olhos e a realidade de quem eles realmente eram tornou-se dolorosamente óbvia.

Beth sempre soube que Dean era um mulherengo, sabia que ele não era do tipo comprometido, mas sempre o considerou honesto. Ela estava errada e ainda não conseguia acreditar que ele seria tão infantil e indiferente com a amizade deles.

Ela deu a ele seu corpo, deixou suas carícias persistentes afundarem sob sua pele para penetrar em seu coração, e em troca, ele só pensava nela como uma forma de infligir dor a seu pai.

Depois que suas lágrimas secaram como cristais de areia em suas bochechas, ela decidiu que precisava de tempo e espaço para juntar os pedaços estilhaçados de sua vida.

O primeiro passo foi desligar o telefone. Nos próximos dias ela seria uma eremita.

Em seu pequeno casulo, ela poderia ser louca - emocionalmente psicótica - e não dar a mínima para o mundo exterior. Ela se permitiria três dias para chafurdar na autopiedade, comer o suficiente para deixá-la em coma induzido por açúcar, então puxar para cima a calcinha de menina grande e seguir com sua vida.

Seu plano também estava funcionando, até a campainha tocar mais tarde naquela tarde. Ela não tinha ideia de quem esperar. Todos os seus amigos estavam trabalhando e Dean estaria fora da cidade. Caminhando

na ponta dos pés pelo corredor, ela esperava descobrir quem estava lá sem abrir a porta.

Um farfalhar de barulho veio de fora. Um homem pigarreou. — Vamos, senhora.

A voz não pertencia a Dean. Ela soltou a fechadura e lentamente abriu a porta. Um arco-íris de cores a saudou do outro lado. Um homem magro e louro de vinte e poucos anos estava cercado por brilhantes caixas de flores a seus pés. Todas as cores imagináveis, todos os tamanhos e formas, e em uma das mãos ele segurava um buquê de balões enquanto a outra segurava um pedaço de papel.

Ela engoliu em seco. Em qualquer outra ocasião, ela teria ficado impressionada. Desta vez, entretanto, ela só queria ser deixada sozinha.

— Beth? — O jovem ergueu uma sobrancelha.

— Sim. — Ela desejou que ela não tivesse consciência para impedi-la de fechar a porta na cara dele.

— Tenho uma mensagem de Dean para você.

Antes que ele pudesse começar, ela o parou com um movimento da mão. Ela não queria ouvir uma mensagem. As horas de choro esta manhã haviam sido uma perda de tempo suficiente para Dean.

Ele precisava perceber que nenhuma palavra poderia redimir o que ele fez. Amigos ou amantes, não importava; você não enganou as pessoas de quem gostava.

— Eu não quero ouvir isso. — Ela gesticulou para ele ir embora com um movimento de sua mão. — Leve todas essas coisas de volta também. Eu também não quero.

Ela começou a fechar a porta, mas o pequeno idiota se adiantou para colocar o pé dentro da moldura. Ele bufou de frustração enquanto os balões balançavam e rangiam ao redor de sua cabeça. — Olha, eu recebo um bônus se você ouvir a mensagem

— Bem, diga a ele que eu escutei. — Ela começou a fechar a porta novamente.

Ele não entendeu a dica, deixando o pé firmemente no lugar. — Sério, senhora, eu posso parecer um cara que não dá a mínima para a sua vida amorosa, mas por trás de tudo isso, — - ele apontou para seu rosto que agora estava carrancudo - — não dê a mínima atitude de merda, eu sou um cara profundo e emocional.

Ela ergueu as sobrancelhas, não impressionada com seu sarcasmo.

— Aqui. — Ele entregou a ela os balões.

O enorme buquê bateu contra a porta e as paredes enquanto ela o puxava para dentro da casa. Ela não queria o maldito invasor com infusão de hélio. Quanto menos ela tivesse que se lembrar de Dean, melhor.

Assim que o cara fosse embora, ela teria prazer em estourar cada um deles. Melhor ainda, ela sugaria o ar enquanto chorava e chorava. Pelo menos isso tornaria sua situação deprimente um pouco engraçada.

Ela colocou o balão de água segurando o buquê no chão atrás dela, a bagunça colorida e redonda ocupando a largura de seu corredor. Dean estava delirando se pensasse que flores e balões poderiam compensar por perder seu emprego e ser tratada como uma idiota.

Quando ela se virou para encarar o homem, ele estava folheando seu telefone com o pedaço de papel desdobrado na outra mão. Ele pigarreou como se estivesse se preparando para fazer um discurso formal e ela só conseguiu revirar os olhos de frustração. Onde Dean encontrou esse cara?

Cerrando a mandíbula, ela olhou para o homem com impaciência. — O que você está fazendo?

— Eu tenho que definir o clima.

Isso estava indo além de uma piada.

— Ok, eu tive o suficiente. Tire o pé para que eu possa fechar a porta ou vou chamar a polícia.

— Espere, espere, espere. — Ele teve a audácia de silenciá-la com a mão. — Entendi. — Ele falou consigo mesmo enquanto pressionava um botão em seu telefone. No momento seguinte, uma música suave ecoou entre eles.

— Oh, pelo amor de Deus. — Ela raramente xingava em voz alta, mas a situação merecia uma bomba-f. Ela reconheceu as primeiras notas da música imediatamente - Unchained Melody dos Righteous Brothers. — Você deve estar brincando comigo. Dean pediu para você tocar isso?

— Ah não. — Ele dispensou o comentário dela, dando um passo para trás e endireitando o pedaço de papel. — Tudo parte do meu serviço de alta qualidade. — Ele a encarou com um sorriso sarcástico antes de limpar a garganta novamente. — Beth, por favor, me dê uma chance de explicar. Esta manhã foi um grande mal-entendido.

Se apenas. Ela não era estúpida o suficiente para entender mal ser despedida. E então houve a retaliação contra o pai de Dean.

Ele poderia pegar seu — mal-entendido— e enfiá-lo em sua bunda bem esculpida. Ela não era uma mulher que iria ignorar ser tratada com desrespeito apenas para conseguir outra carona em sua simulação de emoção.

Ela não poderia ser comprada. Ela não podia ser seduzida. Bem, não mais, de qualquer maneira.

Sem aviso, ela bateu a porta da frente, trancando o mundo e voltando para o santuário do silêncio solitário.

A manhã de quarta-feira a saudou com uma visão mais brilhante. Não haveria mais lágrimas, não haveria mais limpeza obsessiva, não haveria mais álcool ou sorvete adocicado. Tempo para pena não seria mais permitido.

Tomando um gole de seu café, ela ligou o telefone novamente. Na noite anterior, ela decidiu que o melhor a fazer seria deletar todas as mensagens de voz sem pensar duas vezes, o que ela organizou imediatamente.

As mensagens de texto não seriam tão fáceis.

Havia trinta e duas mensagens e ela não sabia como excluí-las em massa sem ter que abri-las uma por uma. Se ela os abrisse, ela os leria e ver algo de Dean não seria a melhor coisa para ela agora. No final, ela decidiu ignorá-los até que recuperasse mais forças.

Próximo item em sua agenda - ligar para Angela para ver se seus pertences foram devolvidos ao escritório.

— Querida, estou tentando falar com você há dias. — O tom de Angela era uma mistura de preocupação e entusiasmo, não inteiramente o que ela esperava.

— Eu sinto muito. Eu precisava de um tempo para mim. — Não querendo permitir que a conversa se desviasse para um tópico que ela não seria forte o suficiente para lidar, ela continuou: — Você por acaso tem minha caixa de itens de escritório com você?

— Sim, sim, sim, eles estão aqui. Eu planejava deixá-los no fim de semana, mas queria te informar sobre o que aconteceu depois que você partiu na segunda-feira.

Não.

Não, não, não. Fofoca era a última coisa que ela precisava, especialmente se o assunto envolvesse Dean. — Ange, eu...

Sua amiga falou sobre ela em voz baixa. — Você deveria ter visto. Dean entrou furioso no escritório como um guerreiro decidido a destruir. Ele bateu a merda para fora da porta de seu pai, então começou a gritar sem parar. Tudo sobre você. Quando a sala finalmente ficou em silêncio, pensamos que ele pode ter matado seu pai. Você sabe, fez toda a cena de esfaqueá-lo-com-seu-abridor de carta. Em seguida, ele saiu, bateu a porta novamente e saiu, para nunca mais voltar. Eu ainda não o vi.

Este era o motivo exato pelo qual ela queria manter a conversa curta. Uma pequena gota de apreciação indesejável apareceu em sua mente. Ela tinha ido longe demais nos últimos dias para se permitir cair de volta em seu estupor.

— Ange, preciso desligar. Se você não quiser dirigir no fim de semana, me avise e eu irei pegar a caixa. Apenas me envie uma mensagem sobre o que você decidir.

— Espera. Tem mais...

— Obrigada por tudo. — Antes que Angela pudesse responder, Beth desligou a ligação.

Colocando o celular no balcão da cozinha, ela foi para a sala para se distrair com a televisão.

Não haveria repetições da conversa. Ela se mantinha ocupada com a TV durante o dia e se certificava de que não se pensava mais em seu antigo emprego ou nas pessoas que trabalhavam lá.

Não, nenhum pensamento iria correr livre.

Nem um único pensamento maldito.

Capitulo 15

— O que você quer jantar? — Dean perguntou a sua irmã enquanto dirigia para fora do estacionamento do aeroporto em direção a seu apartamento. Megan decidiu voar para Melbourne com ele, tirando um tempo extra do trabalho para relaxar e rejuvenescer.

— Vamos a um bar ou restaurante perto de Docklands. Assim eu posso voltar para o apartamento quando estiver cansado, e você pode continuar bebendo até chegar ao seu lugar feliz ... como todas as outras noites desta semana. — Ela terminou a frase em um murmúrio.

Ele soltou uma risada. Com algumas palavras cuidadosamente colocadas, sua irmã expressou claramente seus sentimentos sobre seu comportamento atual.

— Ok, irmãzinha, ouvi seu aviso alto e claro.

Se ela soubesse da destruição que ele manteve escondido. Ele estava um caco. A falta de sono, muito álcool e uma dor implacável no peito o transformaram em um SOB mal-humorado.

Ele passou os últimos cinco dias tentando consolar a irmã. Em vez disso, ela acabou sendo aquela que o consolava.



Na primeira noite em que chegou à casa dela, ele afogou um pouco demais as mágoas e acabou confidenciando à irmã, abrindo o coração até desmaiar.

Em resposta, Megan se encarregou de cuidar dele. Em qualquer outra situação, ele teria dito a ela para cuidar da própria vida, mas ela precisava de uma distração de sua própria dor e ele estava disposto a ser essa distração.

Ele já sabia que sua irmã não poderia ajudar em sua situação com Beth. Megan era um anjo, não um maldito mágico. Ela não conseguia fazer o passado desaparecer. Beth não o perdoaria facilmente ... se é que ela fria isso, e ela também não voltaria a sua posição na Sutherland & Son. Nem mesmo depois que seu pai deixou o cargo de diretor administrativo na segunda-feira. Mas ele iria agradar a Megan por um tempo.

Depois que chegaram ao apartamento dele e desfizeram as malas, eles fizeram uma curta caminhada até o Dock & Grill, bem na água no Central Pier. A atmosfera estava quieta para uma noite de sexta-feira e deu a eles a chance de colocar em dia a vida um do outro desde que Megan se mudou para Sydney.

— Então, o que você vai fazer sobre Beth?

Ouvir seu nome em um tom suave e sombrio deixou sua boca seca. Tomando o tempo para levar o último pedaço de bife à boca, ele mastigou, parando antes de responder. — Não posso fazer muito. Eu poderia oferecer o emprego de volta, mas ela não aceitou. Ela é muito orgulhosa e independente. — Ele encolheu os ombros, tentando agir blasé quando

sentia qualquer coisa, menos isso. — E quando ela não me dá a chance de explicar, não há nada que eu possa fazer. O melhor para mim é seguir em frente.

— Mas você está em casa agora. Você pode ir até ela, falar com ela cara a cara. Faça-a ouvir. Ela vale o esforço extra, não vale?

Sim, ele poderia ir até ela, mas ele teve tempo suficiente para perceber que Beth merecia algo melhor. Ele sabia o tempo todo, e a situação com seu pai apenas cimentou a conclusão. Ele agora precisava dar um passo para trás e deixá-la ir. Não seria fácil. Ele ainda imaginava o rosto dela em sua mente a cada segundo do dia. Seus lábios suaves, a forma como seus olhos enrugavam quando ela sorria, como suas bochechas ficavam com o tom mais doce de rosa quando ela se sentia envergonhada, a maneira ...

Como se tivesse sido evocado por suas memórias, Dean avistou uma mulher que se parecia inteiramente com Beth. Ela usava um vestido preto estiloso que ia até os joelhos, caindo nas costas, e sapatos pretos brilhantes para combinar. Ele também reconheceu o homem caminhando com ela.

Sua cerveja atingiu a mesa com um baque enquanto ele observava um de seus rivais de negócios, William Tundall, colocar a mão logo acima de sua bunda e abrir a porta. Ele tentou se convencer de que a mulher não poderia ser Beth, e então ela se virou para olhar por cima do ombro, fixando em William um sorriso amigável.

Filho da puta.

— O que é isso? — Sua irmã perguntou.

Ele deu a ela um olhar fugaz antes de seu olhar voltar para Beth. Ela examinou a sala em câmera lenta, olhando ao redor das mesas ocupadas.

Ele prendeu a respiração, sem saber o que fazer. Ele passou dias pensando sobre o momento em que poderia vê-la novamente. Sobre as palavras que ele diria. Sobre os apelos que ele faria.

Agora ele estava vazio de pensamento, totalmente congelado quando o olhar dela pousou nele.

Sua boca se abriu e ela parou na porta.

Ele ficou sentado lá, esperando que a inspiração o atingisse.

Não veio nada.

Ele não sabia como reagir, como responder à dor persistente em seus olhos. Ele continuou rezando para que ela sorrisse. Mesmo a mais leve pontada de seus lábios ou um aceno letárgico de dedo.

Ele precisava de um sinal, qualquer sinal, para que soubesse que ela não o odiava.

Mas ele nunca foi um homem de sorte, e tudo o que ele podia fazer era observar enquanto ela se virava e entrava pela porta.

— Era ela?

Ele não podia responder, não queria falar com medo de engasgar com o nó na garganta. Em vez disso, agarrou-se à mesa sem ter certeza se se preparou para sair ou se segurou para não correr atrás dela.

— Você deveria ir, — Megan encorajou. — Vá atrás dela, Dean. Conte a ela tudo que você me disse. Não a deixe sair antes de ouvir tudo.

Seus dedos cavaram mais fundo na mesa, suas unhas protestando contra a dor. Ele nunca havia perseguido uma mulher antes, nunca havia encontrado uma que valesse o esforço. O valor de Beth não era o problema. Ele iria até os confins da terra por ela. Ele desistiria de tudo - de tudo.

Mas no final ele poderia fazê-la feliz?

Ele a merecia?

— Inferno sangrento, — ele latiu e empurrou de seu banquinho. — Eu volto em breve.

Beth acelerou o passo com William dando passos largos para se manter ao lado dela. Ela não sabia o que fazer. À primeira vista, seu coração acelerou como um traidor, em êxtase por vê-lo novamente, mas sua mente lhe disse para correr.

Corra, Dorothy, corra.

Quando as emoções oscilantes parariam? Ela não suportava a ideia de falar com ele. Ficar ali e ouvir enquanto ele tentava manipulá-la e mudar a situação para se fazer parecer um santo.

No entanto, ela também ansiava por ouvir seus passos perseguindo-a, para chamá-la pelo nome e implorar para que ela parasse.

A mistura de esperança e tristeza em seus olhos fez seu coração apertar. Suas habilidades de atuação eram surpreendentes. Não é bom o suficiente para a bela mulher sentada ao lado dele perder sua atenção, no entanto. Ela queria rir de sua própria estupidez. Ele já havia mudado enquanto ela ainda sonhava com uma resolução floreada.

— Você está bem? — William ofegou com uma voz suave.

Ela se sentiu culpada por usá-lo como um escudo. Em um curto espaço de tempo, o homem encantador deu a ela uma visão mais brilhante de seu futuro. Anteriormente, ele havia sido gerente de produto da Sutherland & Son, mas saiu para um cargo melhor em uma empresa rival. Quando soube por meio de um conhecido mútuo sobre sua situação de desemprego, ele ligou para ela e ofereceu um emprego na Tycana, outro fabricante de produtos de renome.

— Estou bem. — Ela olhou para ele com um sorriso.

A noite estava indo muito bem. Ela concordou em se encontrar com ele e seus colegas de trabalho para bebidas e, pela primeira vez em cinco dias, não se sentiu quebrada.

Houve um vislumbre de diversão. Felicidade. Esse sentimento de esperança exultante durou até que Dean preenchesse sua visão. Em seguida, foi direto para o sofrimento.

— Você parece nervosa de repente. Se eu te deixei desconfortável andando com você sozinha, então eu ...

O restante de suas palavras caiu em ouvidos surdos quando o som de passos correndo veio de trás deles.

— Beth.

O grito de súplica de Dean enfraqueceu suas pernas e seu tornozelo vacilou com o próximo passo.

— Você está bem? — William perguntou novamente.

Ela se concentrou no táxi bem à frente e aumentou o passo. — Estou bem. Eu só preciso sair daqui.

— Beth. — A voz de Dean era um comando. — Apenas me dê um minuto para explicar.

Seus pés formigaram em preparação para correr. Ela nunca mais quis falar com ele. O desejo era irreal, entretanto.

Se ela aceitasse a posição com Tycana, eles se misturariam nos mesmos círculos e seriam obrigados a se ver em um futuro próximo. Ela teria que enfrentá-lo. Se não agora, logo.

Droga.

Não adiantava adiar o constrangimento inevitável e seus ombros caíram com a realização.

Ela fez uma pausa, concentrando-se na expressão preocupada de William enquanto esperava que Dean se aproximasse. — Obrigada por me acompanhar, Will. Eu vou ficar bem sozinha a partir daqui.

Seu olhar procurou o dela, sua testa franzida em preocupação. — Você tem certeza?

Ela assentiu com o melhor sorriso que pôde reunir.

— Você tem meu número se precisar de mim.

Ela apertou o braço dele. — Obrigada por tudo.

William já estava a um metro e meio de distância e voltando para o Dock & Grill quando Dean parou na frente dela. Ela respirou fundo, já capaz de cheirar sua loção pós-barba sedutora, e se preparou para a batalha.

Ele ficou diante dela por um momento de silêncio, sua expressão e postura derrotadas. As sombras sob seus olhos o faziam parecer perdido e ela nunca o tinha visto com uma barba tão espessa.

Ele estendeu a mão, indo em direção à mecha perdida de cabelo descansando em sua bochecha. Por uma fração de segundo, seus olhos se fecharam, antecipando a carícia quente de seus dedos, o calor que seu toque provocaria em seu peito.

Antes que ele fizesse contato e a queimasse de forma irreparável, ela deu um passo para trás. — Por favor, não me toque.

Uma exalação profunda foi liberada de seus pulmões e sua mão caiu. — Eu sinto muito.

Ela esperou em silêncio, reprimindo as perguntas que surgiram em sua mente. O que ele estava pedindo desculpas? Fazendo ela perder o emprego? Tratando-a como uma de suas conquistas fáceis? Por fingir ser alguém que não é - alguém com coração e consciência? Alguém por quem ela começou a se apaixonar?

— Eu estraguei tudo e sei que sou um idiota, mas resolvi as coisas com meu pai e você pode voltar ao trabalho. — Droga.

Ela ergueu as sobrancelhas, chocada com sua audácia. Ele estava mais delirando do que ela se pensasse que ela voltaria rastejando para Sutherland & Son depois da humilhação que a fez passar.

— Uau. Obrigada. — Não havia como confundir seu sarcasmo. — A oferta amigável de dormir com seu pai ainda está em jogo, também?

— Beth ... — Ele desviou o olhar, olhando para a noite.

O anjinho em seu ombro disse a ela para se acalmar e reconhecer a dor em seus olhos. Mas o diabo do outro gritou por sangue. Ela teve que recuperar um pouco de sua dignidade depois de tudo que ela perdeu.

— Lamento ser rude, mas terei que recusar sua oferta extremamente tentadora. Por mais que eu goste de ser tratada como uma prostituta, acho que seria melhor se eu se seguir em frente.

Seu rosto se contraiu.

Sim, eu mudei Dean. Estou cansado agora.

Antes que a conversa pudesse continuar, ela se dirigiu para a fila de táxis.

— Beth, eu ...

Quando sua mão quente agarrou seu braço, interrompendo seu movimento, ela quase soluçou. A dor de seu toque afundou profundamente, muito mais fundo do que pele e nervos. Ele se enterrou dentro dela, rasgando seus órgãos.

Ela se virou para encará-lo, preparada para retaliar pela agonia que ele infligiu. O que ela encontrou olhando para ela a fez parar. Se todas as suas lágrimas não tivessem sido derramadas durante a semana, ela teria começado a chorar de novo com o desespero nos olhos dele.

Não.

Ele não tinha o direito de estar sofrendo. Ele não perdeu nada enquanto ela perdeu tudo. Ele ainda tinha sua carreira; sua cama ainda estava cheia de amantes ansiosos; seu coração ainda estava intacto. Ele não tinha o direito de olhar para ela assim. Não está certo.

Ela torceu o braço de seu aperto e o empurrou o mais forte que pôde, batendo os punhos em seu peito. Toda a dor, toda a tristeza, toda a mágoa liberada de seu corpo em um baque poderoso.

Ele grunhiu e lutou para manter o equilíbrio, seus olhos agora arregalados de surpresa. Um suspiro escapou de seus lábios com o choque de sua própria brutalidade e, sem pensamento consciente, ela o agarrou. As

mãos dela agarraram seus pulsos, puxando-os para mais perto enquanto o nojo começava a consumi-la.

Ela olhou fixamente para o rosto dele com vergonha e tentou reprimir o pedido de desculpas na ponta da língua. Ele pode ter causado dor emocional, mas ela não tinha o direito de atacá-lo.

Quando suas pálpebras se fecharam e permaneceram fechadas, ela não sabia mais o que fazer a não ser continuar segurando-o. Ele parecia precisar de uma âncora. E não importa quanta dor ele infligisse, ela não suportava se afastar dele.

Ele abriu os olhos, revelando íris escuras vidradas de emoção. Ela não sabia se era por causa de seu golpe agressivo ou outra coisa, mas a visão fez seus próprios olhos arderem e um grito explodiu em seu peito. Ela precisava se virar, para dizer adeus mentalmente a este belo homem para sempre, antes que ela se perdesse completamente.

Ele deu um passo para dentro dela, seus braços se movendo de seu aperto para envolver suas costas. Ele a trouxe para o calor de seu peito, segurando-a com força até que ela desabou sobre ele. Seu abraço parecia um lar, como se ela pertencesse.

Era mentira.

— Não, — ela sussurrou, balançando a cabeça, se libertando de seu aperto.

— Por favor, apenas volte para dentro. Dê-me algum tempo para explicar.

De volta para dentro, onde ele tinha outra mulher esperando. Ela recuou e as mãos dele traçaram seus braços até que caíram moles em seus lados. Fechando os olhos por um momento, ela saboreou seu último toque, memorizando a suave carícia de seus dedos fortes.

— Tchau, Dean.

Antes de permitir que uma única lágrima caísse, ela fez a coisa mais difícil que já havia feito em sua vida. Ela se virou e se afastou do homem que amava, esperando com cada batida quebrada de seu coração que ela nunca o veria novamente.

Dean afundou em sua poltrona, o barulho do couro quebrando o silêncio em seu apartamento. Sua irmã o estava perseguindo desde que ele voltou para o Dock & Grill e a sombra estava começando a irritá-lo.

Ele queria ficar sozinho, sucumbir à sua raiva e frustração e se soltar com alguns golpes perdidos nas paredes de gesso. A dor física de alguns nós dos dedos quebrados seria muito menos excruciante do que a faixa sufocante em volta do peito. A pulsação implacável não ia embora.

— Então, qual é o seu plano de ataque?

Ele queria ignorar Megan e sua necessidade de consertar algo que era irreparável. Em vez disso, ele olhou para o horizonte de Melbourne, não

vendo nada além do rosto de Beth no reflexo do vidro. — Acabou. Apenas deixe pra lá.

— Ela não vale a pena então?

Sua irmã o atraiu e, embora ele soubesse o que ela estava fazendo, o golpe deliberado não impediu sua cabeça de latejar de raiva. — Largue isso, Megan.

— Só estou perguntando, irmão mais velho, porque, francamente, não entendo. Você está agindo como se fosse o fim do mundo, mas aqui está você sentado em sua bunda sem fazer nada. Ou você a quer ou não. Se você a quer, não deve parar por nada para recuperá-la.

Sua dor ferveu e borbulhou, fazendo suas palavras saírem em um grito. — É tarde demais. Ela já me odeia.

Ele tentou. Ele ligou mais vezes do que gostaria de lembrar. Ele havia feito a cena clichê do perdão com flores e balões. E ele até engoliu seu orgulho e correu atrás dela no cais. Em algum ponto, ele precisava engolir e lidar.

Essa hora era agora.

— Se você pensar um pouco mais sobre isso, vai perceber que os sentimentos dela são provavelmente o oposto. Se você não significava nada para ela, por que ela não falaria com você? Se ela não tivesse sentimentos tão fortes quanto você, ela teria ouvido suas desculpas e enganado você sem pensar duas vezes. Mas para mim, parece que ela está com o coração

partido demais para suportar a ideia de ver você. Você precisa fazê-la ouvir. Faça um grande gesto para fazê-la se apaixonar por você novamente.

— Você quer dizer alguma merda de marca do caralho? — Ele se afastou da cadeira, precisando controlar suas frustrações antes que cedesse de vez. — Não, obrigado.

O silêncio tornou o ar espesso entre eles, os momentos passando com o tique-taque, tique-taque do relógio de sua cozinha. Sua irmã pode ser do tipo que acredita em unicórnios e felizes para sempre, mas ele com certeza não acreditava.

Ele experimentou a borda irregular da traição e percebeu em primeira mão que o amor não envolvia pular pelo parque com coelhos fofinhos pulando ao redor de seus pés.

Se o amor existisse, não era algo que acontecia com muita frequência e ele duvidava que fosse um cara que merecesse a bênção.

Chegara a hora de se concentrar em outra coisa, de se concentrar em seu novo cargo na empresa e se dedicar ao trabalho.

Duas vezes ele foi chutado nas pedras por causa do amor. Ele não seria estúpido o suficiente para prolongar a experiência mais recente - ou ir em busca dela novamente.

Capitulo 16

— Você precisa resolver sua merda.

Os olhos de Beth se arregalaram com a saudação de Angela na tarde de domingo. — Com licença?

— Você me ouviu, docinho. Não há nada de errado com seus ouvidos. Você precisa resolver sua merda.

Beth deu um passo para trás quando Angela entrou em sua casa. Ela carregava uma caixa de escritório em suas mãos e sem olhar para trás começou a descer o corredor.

— E que merda seria essa? — Ela perguntou, seguindo sua suposta amiga até a sala de estar.

Angela revirou os olhos e se jogou no sofá, colocando a caixa a seus pés. — Dean. Você conhece o cara cujo pônei de mentira você estava montando no fim de semana passado? Sim, ele. Você precisa resolvê-lo.

Beth suspirou e começou a massagear a testa. — Ange, eu não estou...

— Feche isso, garota. Eu não quero ouvir desculpas. Você já desligou na minha cara uma vez. Tudo que eu quero que você faça é ouvir, então sente-se.



Ela ignorou a instrução, exausta demais para discutir. — Vou fazer um café. Você quer um?

Angela não iria embora sem dizer o que pensa, mas a situação seria ligeiramente suportável com uma alta de cafeína.

— Você não pode me ignorar para sempre, mas sim, é claro que eu adoraria um café.

Beth soltou uma risada indiferente e entrou na cozinha. O pensamento de Dean não a perturbava mais. Ela havia superado isso. Agora, sua ocupação em sua mente apenas a deixava cansada. Não apenas a cabeça cansada, mas uma exaustão que afundou até os ossos, até a medula.

Ela queria esquecê-lo, porque a cada minuto do dia ele flutuava em seus pensamentos por um motivo ou outro. A pior parte foram as lembranças agradáveis. Os bons tempos sempre estiveram na vanguarda de sua mente. A maneira como ele trouxe um sorriso ao rosto dela com um simples olhar, como ele a tocou com reverência, ou a maneira como ele se abriu e mostrou um lado de si mesmo que ela nunca soube que existia.

Não foi até que ela se encontrasse sorrindo para o espaço que ela se lembraria de que seu tempo juntos tinha sido uma atuação.

Ela encheu a chaleira e Ange empoleirou-se no balcão da cozinha, as pernas soltas enquanto olhava para Beth com um sorriso brincalhão.

— Bem, vá em frente, — ela demorou. — Diga o que você vai dizer.

— Ok, aqui vai ... — Angela esfregou as mãos como se fosse divulgar um plano emocionante. — Você precisa se reconciliar com Dean.

Beth não conseguiu nem rir. — Não vai acontecer.

— Apenas me escute. Quando você me disse que foi demitida e Dean só dormiu com você para se vingar do pai, não pensei muito sobre isso. Quer dizer, além de querer esbarrar com os dois homens de Sutherland e sentir pena de você, não analisei muito. — Angela encolheu os ombros. — Todos nós sabíamos que Dean era um jogador, então toda essa coisa de traição sexual não parecia fora do personagem. E presumi que o sexo do macaco selvagem no fim de semana tinha algo a ver com você sendo demitida.

Ange respirou fundo. — De qualquer forma, depois de toda a grande discussão entre Dean e seu pai, comecei a pensar. Por que ele iria tão longe para fazer seu pai deixar o cargo de diretor administrativo se ele não se importasse com você?

As costas de Beth estalaram em linha reta e ela olhou por cima do ombro para olhar para sua amiga não tão amigável.

— Oh sim, você não sabia sobre isso, não é? Talvez se você não tivesse desligado na minha cara outro dia, você teria aprendido esse pequeno boato mais cedo. Então, sim, Max está indo embora. Eu não sei todos os detalhes, mas pelo que pude perceber, Dean enlouqueceu por você ter sido demitida e deu um ultimato ao pai. Ou desça e deixe-o dirigir o negócio ou ele vai embora. Parece-me que ele sentiu muito a respeito de seu pai ter lhe dado o machado.

Beth voltou a preparar o café, virando as costas para Angela para colocar o açúcar em cada caneca. Ela não conseguia lidar com o escrutínio

agora. Uma onda de esperança começou a aquecer suas bochechas e ela não queria que Angela soubesse o quanto ela ainda estava presa a Dean.

— Então ele ligou a semana toda, rabugento pra cacete, constantemente perguntando sobre você, o que me pareceu estranho. Por que ele perguntaria sobre você se não se importasse? Se a coisa toda entre vocês girasse em torno de vingança para Max, ele não iria simplesmente seguir em frente como fez com todas as outras conquistas? — Conquista. A palavra diminuiu a esperança de Beth e a atingiu com uma dose de realidade. Não importa o que Angela disse, nada mudou. Dean ainda a tinha usado. Mesmo que ele se importasse com o trabalho dela, ele não se importava com ela pessoalmente - de uma maneira íntima, a maneira como ele já havia mudado para outra mulher provava isso.

Ela terminou de fazer os cafés, mexendo-os lentamente enquanto se recompunha. — Eu sei que você está...

— Espere, eu não terminei. Eu já estava pensando que toda a situação não combinava, e então Steve começou a ser muito estranho. Ele está agindo como se alguém chutasse seu cachorro, andando pelo escritório com uma expressão caída no rosto e não interagisse com ninguém.

Ela pegou os cafés e foi para a sala de jantar adjacente, Angela seguindo atrás. — Steve provavelmente está chateado porque encontrei o bilhete que ele deixou para Dean. Seu disfarce também foi descoberto. Ele não é o cavalheiro bem-educado que pensei que fosse. Ele é um idiota como Dean. Ambos estão obcecados em transar.

Angela acenou com a cabeça em contemplação, sentando-se em frente a Beth na mesa de jantar. — Sim, talvez, mas há mais do que isso. Na segunda-feira, quando tudo explodiu, Steve entrou em pânico. Ele estava preocupado com você, preocupado com Dean, até mesmo preocupado em perder o emprego. Mas uma coisa que ele disse durante sua imitação de galinha sem cabeça prova que há mais nessa história.

Beth tentou não parecer ansiosa quando perguntou: — O que ele disse?

Angela deu-lhe um sorriso malicioso, mas por outro lado não reconheceu seu entusiasmo. — Ele se repreendeu por escrever a mensagem, em primeiro lugar, e depois disse que os comentários que escreveu não tinham nada a ver com a gabolice de Dean. Ele me olhou nos olhos e disse que Dean se preocupa com você. Tentei cutucá-lo para obter mais informações, mas ele ficou nervoso, dizendo que já havia bagunçado tudo. — Angela tomou um gole de café e deu um sorriso suave para Beth. — Eu sei que não prova nada, mas quando um cara diz algo assim, você precisa procurar o significado oculto.

Ange estava certa. Não provou muito.

— Eu até tentei levar um para o time, — ela continuou. — Na sexta-feira, ofereci-me para tomar uma bebida com Steve. Eu pensei que talvez pudesse deixá-lo bêbado e encorajá-lo a falar, mas ele não estava interessado. Você acredita nisso? Quando foi a última vez que perdemos os drinks de sexta à noite?

Beth tomou um gole de café em vez de responder. Ela perderia todas as sessões de bebida nas noites de sexta-feira a partir de agora.

— Não importa, Ange. Eu já sei que Dean seguiu em frente. — Olhos azuis brilhantes se estreitaram do outro lado da mesa. — Como você sabe disso?

— Encontrei-o na sexta à noite com outra mulher.

A boca de Angela se abriu lentamente. — O que ele disse?

— Não muito. — Ela encolheu os ombros. — Ele queria tempo para explicar, mas eu não estava disposta a ouvir.

— Oh, querida, — Angela deu um sorriso triste. — Acho que vocês dois precisam se sentar e resolver toda essa merda.

Olhando em seu café, ela pensou sobre isso. Ela queria ouvir a história completa, mas nada mudaria. Ela não conseguiria seu emprego de volta e ver Dean escorregar de volta para o modo mulherengo apenas provou que as coisas entre eles nunca iriam a lugar nenhum.

— Não, eu acho que deixar as coisas como estão e seguir em frente seria o melhor. Ele estará ocupado agora, se o que você disse sobre a renúncia do pai dele for verdade. A última coisa que ele precisa é de complicações da minha parte.

Ela sentiu o olhar de Angela em seu rosto enquanto continuava a olhar para o café.

— Você confia em mim?

A pergunta suavemente falada veio do campo esquerdo. Ela franziu a testa para a amiga e respondeu por instinto. — Claro.

— Bem, confie em mim. Você tem o maior coração que conheço e como seu melhor amigo, não preciso que você me diga que ama Dean, já posso ver.

Beth se encolheu e manteve os olhos ocupados, procurando por teias de aranha soltas no teto.

— Agora, eu sei que você está sofrendo e também sei que você tem dúvidas. Você não está totalmente convencido de que ele fez algo imperdoável. Você está muito magoado e inseguro por causa de sua reputação para obter os fatos.

Maldita Angela e sua intuição.

— Você precisa pensar muito sobre o quanto ele significa para você. Você está disposta a desistir da chance de descobrir as coisas porque está com muito medo do que ele vai dizer? Mesmo se houvesse apenas dez por cento de chance de que ele pudesse se redimir, não valeria a pena?

Angela se levantou da cadeira, pegou a xícara de café e deu a volta no balcão da cozinha para colocá-la na pia. — Não desista dele por causa de suas inseguranças. Pense em todos os bons momentos que você me contou no sábado passado. Pense bem nisso, porque uma vez que você feche a porta completamente, você pode nunca mais abri-la. — Beth não precisava concordar em voz alta. Angela sabia que ela estava certa. Isso não tornaria o processo de decisão mais fácil, no entanto. Seu coração já parecia dolorido, cada batida fazendo seu peito inteiro latejar.

Ela não conseguia lidar com mais dor de Dean. E se ele não pudesse ser redimido e a situação se tornasse pior do que sua mente obstinada havia determinado?

Toda a confusão a fez fechar os olhos para lutar contra a mistura de raiva e desgosto em si mesma. Ela era inteligente; ela deveria ter descoberto o que aconteceu agora. Ela lia bem as pessoas e nunca havia sido tocada assim antes.

A situação simplesmente não fazia sentido. Talvez fosse tudo um mal-entendido e ele realmente se importasse com ela. Embora as chances fossem mínimas, ainda havia a possibilidade de que seu tempo juntos no último fim de semana tivesse sido real. Ela deveria dar a ele a oportunidade de provar a si mesmo?

Ela olhou para cima quando Angela agarrou a caneca de café vazia de suas mãos e voltou para a cozinha. Pega em seus pensamentos, ela não percebeu a abordagem silenciosa de sua amiga. — Eu vou sair, querida, e dar a você algum tempo para pensar.

Deixando escapar um suspiro, ela se levantou da cadeira e seguiu Angela até a frente da casa. Na porta, Angela a agarrou em um abraço de urso e a segurou com força. — Não sei se significa muito para você ou não, mas acho que você deveria ouvi-lo. Eu posso ver como você está sofrendo e você sabe que eu não iria encorajá-lo a dar a ele outra chance se eu não achasse que algo bom resultaria disso. Ele apenas parece diferente, como se estivesse sofrendo muito por você.

Beth acenou com a cabeça em seu ombro, sabendo que sua melhor amiga nunca faria nada para machucá-la. Suas intenções eram honrosas, embora pudessem ser totalmente erradas. — Obrigada, Ange.

Recuando, Beth observou sua amiga sair. Ela não apenas havia perdido Dean, mas agora que não trabalhava mais na Sutherland & Son, sua amizade com Angela também se desfaria lentamente. Eles não se veriam mais cinco dias por semana e o tempo que poderiam passar juntos nos fins de semana nunca seria igual ao que antes compartilhavam.

Se ao menos ela pudesse voltar no tempo e refazer a tarde da sexta-feira passada. Se tivesse a chance, ela diria a Max Sutherland com confiança e respeito que ela apreciou sua oferta, mas não estava interessada.

Se ela tivesse maturidade em primeiro lugar, ela não teria perdido o emprego, sua melhor amiga e o homem com quem ela queria estar.

Capitulo 17

Beth verificou seu saldo bancário na terça-feira de manhã e praguejou contra os números na tela do laptop. Em vez do pacote de pagamento semanal usual, o depósito mais recente recebido naquela manhã era maior do que um ano inteiro de seu salário semanal.

Esta deve ser a definição de compensação financeira de Max Sutherland.

Além de seu dinheiro para férias anuais e o pagamento de quatro semanas a que ela tinha direito por não ter recebido aviso de sua demissão, ela não queria nada a mais. Foi um insulto. O dinheiro parecia uma recompensa para manter a boca fechada sobre os detalhes sórdidos da demissão.

A situação a deixou com raiva o suficiente para trocar de seu moletom por um par de jeans escuro e uma camiseta vintage e pegar o trem para a cidade para resolver a situação. Ela não precisaria falar com Max ou Dean; ela simplesmente discutia o assunto com Fiona no departamento de contabilidade, dizia que o dinheiro precisava ser devolvido e calculava o pagamento correto a que tinha direito.

Sim, ela poderia ter falado com Fiona pelo telefone, embora falar com ela pessoalmente garantiria que o assunto fosse tratado corretamente. E tudo bem, talvez ela não precisasse usar sua camisola favorita, ou colocar



dicas leves de maquiagem para realçar seus olhos, ou passar quinze minutos arrumando seu cabelo, mas estar desempregada não significava que ela tinha que parar de cuidar de si mesma.

Dean provavelmente estaria fora para almoçar de qualquer maneira, ou ocupado assumindo a posição de seu pai na empresa. Ela nem perderia tempo sendo educada e dizendo olá. No entanto, se ela passasse por seu escritório e ele a visse, a abordagem adulta seria dar um aceno amigável. Depois de todos os anos de amizade, ela decidiu que o mínimo que podia fazer era ser amigável.

Quando ela chegou ao prédio comercial, as palmas das mãos estavam pegajosas de suor.

Passando pelas portas de vidro deslizantes para o saguão, ela saiu do caminho dos ocupados trabalhadores de escritório a caminho do almoço. Um dos elevadores tinha uma placa afixada nas portas dizendo em manutenção, então ela teve mais tempo para contemplar sua estupidez por estar lá.

Depois de hoje, ela deixaria toda a situação com Dean ir. Não importa qual seja o resultado. Se ele não estivesse em seu escritório, ela interpretaria isso como um sinal. Se ele não quisesse falar com ela, ela encolheria os ombros e seguiria em frente. E se ele quisesse falar, ela ouviria.

Enquanto o elevador subia para o décimo quinto andar, onde Sutherland & Son mantinham seus escritórios, ela torceu as mãos, não inteiramente certa de que continuaria com a visita improvisada.

Ela sempre foi uma planejadora e ir para o escritório despreparada não era algo que ela normalmente faria. As noites de sono agitado e dor de cabeça contínua tornaram impossível para ela seguir em frente. Ela precisava de um encerramento. Talvez ver Dean em seu ambiente de trabalho, autoconfiante e seguir em frente sem ela fosse o suficiente para superá-lo.

Quando as portas do elevador se abriram, ela congelou. Este escritório parecia em casa e ela teve que engolir a dor de agora ser uma estranha. Ela se viu andando ao redor das outras duas pessoas no elevador em direção aos botões. Talvez a visita não tenha sido uma ideia tão boa.

— Beth?

Droga.

Angela se levantou atrás da mesa da recepção, tirando o fone de ouvido de suas orelhas para colocá-lo no pescoço enquanto se aproximava. — O que você está fazendo aqui?

Boa pergunta. Beth saiu do elevador e deu um sorriso crível. — Tenho uma pequena disputa salarial que gostaria de discutir com a Fiona. Ela está dentro?

Ange assentiu, voltando para a área de recepção enquanto Beth a seguia. — Como você tem estado?

— Bem, — ela mentiu, fazendo a palavra soar crível.

O fone de ouvido de Angela soltou um bipe suave e ela colocou os fones de ouvido de volta. — Desculpe, tenho uma ligação. Você pode esperar um minuto?

Ela balançou a cabeça. Ela queria acabar com isso antes que ela se acovardasse. — Vejo você quando eu sair, — ela murmurou.

Angela acenou com a cabeça e apertou um botão perto do ouvido para atender a chamada.

Sem perder um momento, Beth caminhou pelo corredor familiar e diminuiu a velocidade ao se aproximar do escritório de Dean. Ela passou, fingindo que sua intenção sempre foi ver Fiona. Não que isso importasse. Sua porta estava aberta e a sala vazia.

Ela adivinhou que alcançá-lo não era para acontecer.

Continuando pelo corredor, ela chegou ao escritório de Fiona e percebeu que não se importava mais em estar lá. A questão do pagamento não foi um motivo convincente para viajar até a cidade em primeiro lugar. Não quando ela poderia ter ligado. Mas ela deu uma batida curta na porta aberta de Fiona e esperou que ela fizesse contato visual antes de entrar.

— Beth, é bom ver você. — A mulher de meia-idade se levantou da cadeira e se aproximou para abraçá-la. — Como você tem estado?

— Eu estou bem.

Vinte minutos de bate-papo se passaram antes que ela trouxesse a questão do pagamento. Quando ela perguntou sobre os detalhes da conta do banco comercial para que pudesse transferir o dinheiro de volta, Fiona

simplesmente balançou a cabeça. — Sinto muito, você terá que discutir isso com Dean.

Ótimo. Ela tinha uma lista inteira de questões que queria discutir com ele e receber uma recompensa para ficar quieta sobre todo o escândalo sexual da amante não era uma delas.

Ela passaria um cheque e esperaria que o banco estivesse disposto a depositar a transação sem um número de conta adequado.

— Eu entendo, — ela respondeu, oferecendo a Fiona um abraço caloroso depois que ela se levantou para sair. — Obrigada de qualquer maneira.

Ela não queria insistir no assunto e arriscar que Fiona tivesse problemas. Não havia dúvida em sua mente que o dinheiro seria resolvido no futuro. Ela simplesmente não estaria discutindo o problema com Dean hoje.

Depois de se despedir, ela entrou no corredor, sua mente focada em deixar Sutherland & Son sem fazer mais despedidas comoventes.

Talvez um dia, em um futuro próximo, Angela pudesse organizar uma noite fora com seus antigos colegas para que pudesse vê-los uma última vez. Por enquanto, porém, ela precisava sair.

Ela havia dado apenas dois passos no corredor quando sua visão se desviou para a porta do escritório de Dean, que agora estava fechada. Seu coração deu um pulo e depois voltou a bater como um tambor.

Era isso, agora ou nunca. Sua última chance de ouvir a história completa.

Ela cerrou os punhos ao lado do corpo, lutando contra uma luta interna para não correr. Ela não era uma criança. Ela poderia fazer uma pergunta simples e ser adulta o suficiente para ouvir a resposta, não poderia?

Com passos determinados, ela se aproximou de seu escritório. Ela propositalmente não olhou através do painel de vidro para a sala, com medo de se acovardar ao vê-lo. O som dos nós dos dedos batendo na porta nem mesmo foi registrado. Seu foco estava inteiramente em manter os pés no lugar.

— Entre.

Sua mão parou na maçaneta e ela torceu para que a onda repentina de náusea diminuísse. Com a mão trêmula, ela apertou o punho e abriu a porta.

A visão dele atrás de sua mesa roubou seu cérebro de pensamento. Seu rosto ainda exibia os tons escuros da exaustão, e quando seus olhos se ergueram para encontrar os dela, ele se empurrou da cadeira com pressa.

— Beth. — O nome dela saiu de seus lábios e por um momento ela quis sorrir.

Seu corpo traidor já estava arrepiado e a vontade de esfregar a pele para parar o formigamento era difícil de resistir.

Para manter sua determinação, ela quebrou o contato visual e percebeu que não estavam sozinhos. Outra mulher estava sentada em uma das

cadeiras vazias na frente de sua mesa, as mãos polidamente cruzadas no colo enquanto ela olhava por cima do ombro.

A mão de Beth escorregou da maçaneta da porta e ela recuou um passo quando reconheceu as feições da mulher. Dean estava com ela na sexta à noite no cais.

— Eu ... — Palavras escaparam dela. Eles se atrapalharam e se confundiram em sua mente. — Tive um problema com meu pagamento e queria discutir isso com você. — Ela olhou para Dean, ainda lutando para pensar direito. — Mas isso não importa agora. Não sabia que você estava ocupado.

Ela olhou entre ele e o estranho. Algo não estava certo. Além da óbvia percepção de que ele havia superado sua incapacidade de passar mais de uma noite com a mesma mulher, algo a incomodava.

Ele contornou a mesa, erguendo as mãos em um gesto apaziguador. A cada passo que ele dava, ela dava um passo para trás, precisando manter a distância entre eles. As profundidades escuras de seus olhos a hipnotizaram, então ela desviou o olhar, olhando de volta para a mulher, que tinha os mesmos olhos hipnotizantes.

Oh Deus.

— Beth, espere. — Sua expressão estava tensa, as linhas de seu rosto doloridas.

A senhora virou o corpo ainda mais no assento, mostrando o pequeno monte de sua barriga através do tecido apertado de sua blusa de maternidade.

Megan.

O rosto do qual Beth não conseguia desviar o olhar era a irmã de Dean; ela simplesmente sabia disso. Seu rosto era uma versão mais velha da jovem na foto no apartamento de Dean.

Com esta visão mais próxima, a semelhança entre irmão e irmã parecia estranha. Ambos tinham o mesmo formato de rosto, olhos escuros e cor de cabelo. Ambos tinham expressões iguais de preocupação, como se ela fosse um cervo assustado pronto para fugir.

Ela cometeu um grande erro ao julgá-lo na noite no cais. Parecia que todas as decisões que ela tomou durante toda a situação de desempregados e de coração partido giravam em torno de ações imaturas.

Se ela não tivesse bebido na tarde em que Max fez a proposta, ela não teria voltado para casa com Dean. Ela não teria deixado comentários inadequados. Eles nunca teriam dormido juntos.

E ainda mais recentemente, ela cometeu o erro de negar a ele, a chance de explicar, tudo porque ela tirou conclusões precipitadas sobre a mulher com quem ele tinha compartilhado uma refeição - sua irmã.

Ela balançou a cabeça com o comportamento juvenil. Ela não merecia uma explicação. Se ela não podia permitir a ele a chance de explicar, de se

defender quando ela julgou suas ações pela primeira vez, ela realmente o merecia? Vindicado ou não?

— Eu sinto muito. — Ela deu a ambos um sorriso suave e retirou-se para o corredor. Em longas passadas, ela fugiu para a área de recepção, repreendendo-se a cada passo.

Ela era totalmente infantil. Um hipócrita também. Todo esse tempo ela estava pensando em si mesma. Seus sentimentos. Sua traição.

Nem uma vez ela permitiu que ele explicasse.

Ele deixou a cidade para ficar com sua irmã enlutada e tudo o que Beth fez foi piorar sua situação. Ele pediu apenas alguns minutos e ela continuou a empurrá-lo para trás em todas as oportunidades.

Ela se sentiu totalmente humilhada com seu comportamento tóxico.

Ela normalmente não era rancorosa ou rápida em atacar. Ela também não era totalmente desconfiada. Mas essas reações vieram em abundância no que diz respeito a Dean.

Esta pessoa que ela se tornou não o merecia. Ela nem queria enfrentá-lo sabendo o quão mal ela agiu.

Seria melhor se eles se esquecessem.

— Beth. — Dean ergueu a voz não se importando com o quão alto o barulho reverberou pelo escritório. Ele não sabia por que ela estava aqui, mas não a deixaria ir dessa vez.

Ela não parou com sua chamada. Ela continuou pelas portas do escritório da frente, nem mesmo o reconhecendo depois que ela alcançou o elevador e apertou o botão.

Ele foi atrás dela, parando nas portas na tentativa de não a aglomerar. Ela ficou derrotada, com os ombros caídos, a cabeça inclinada para a frente e ainda assim não se virou.

Ele desejou como o inferno que ele poderia simplesmente caminhar e segurá-la em seus braços. O que ele não daria para saber o que ela estava pensando. Os olhos dela se arregalaram ao ver a barriga redonda de Megan e ele teve certeza de que ela pensava que o bebê era dele.

— Nós precisamos conversar. — Suas costas se expandiram com uma respiração profunda quando ele deu um passo em sua direção.

— Não. — Ela pronunciou a palavra e balançou a cabeça. — Eu só quero que você saiba que sinto muito.

Ele franziu a testa, avançando mais perto. Toda a situação deles era uma confusão de mal-entendidos e confusão. Ele atualmente se afundava no último, sem saber por que ela precisava se desculpar.

Suas ações foram o motivo de ela ser demitida. Seu relacionamento com o pai foi o problema o tempo todo. Junto com sua opinião sobre compromisso e mulheres também.

Se ao menos ele tivesse reconhecido o que realmente queria na primeira vez que se beijaram. Se ao menos ele tivesse decidido tê-la meses atrás, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

O elevador apitou ao chegar e ela correu para entrar.

— Esperar. — Ele fechou a distância entre ele e o elevador enquanto ela estava diante do painel de operações, batendo freneticamente nos botões. Seu sangue batia forte quando as portas começaram a fechar, e ela ainda não fazia contato visual. — *Pare*.

Ele enfiou o braço entre as portas e amaldiçoou quando elas se chocaram contra ele. — Maldição. Por favor, me dê a chance de explicar.

Ele abriu as portas e entrou para finalmente ter aqueles olhos sombrios derrotados olhando para ele. Tudo o que ele podia fazer era olhar, absorvendo a visão atraente enquanto as portas se fechavam com um baque atrás dele. Mais de uma semana se passou sem vê-la. Uma semana em que ele sentira muita falta dela.

— Ela é minha irmã, — ele murmurou, pensando que era um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar essa conversa de tremer.

Um lado de seus lábios se curvou em uma tentativa indiferente de um sorriso. — Eu sei.

Ele se moveu em direção a ela, perto, então eles estavam quase frente a frente. Ele não conseguia ficar longe, ele não sabia como. Ele ansiava por senti-la, por escapar dela.

— Se você sabe, então por que...

Seus dedos suaves pousaram sobre seus lábios. — Eu sinto muito. Vamos deixar por isso mesmo e seguir em frente.

O toque dela queimou sua boca, a sensação afundando em sua garganta, seu peito. Ele envolveu seu pulso em um aperto suave e beijou aqueles dedos lindos. — Não vou mudar de lugar até resolvermos isso.

Ele alcançou o painel de operações e pressionou o botão Parar. O elevador gemeu em protesto, parando abruptamente quando os sinos de alarme tocaram fora do recinto.

Ela lançou seu olhar ao redor do elevador, sua mão caindo para o lado dela, seus olhos arregalados, sua boca escancarada. — O que você está fazendo?

Encarando. Salivando.

O alarme desligou, deixando-os sozinhos no silêncio retumbante.

— Nós precisamos conversar. — Eles precisavam fazer muito mais do que isso, mas era um começo.

Sua garganta engoliu em seco e, finalmente, ela assentiu. — Eu sei e sinto muito. Eu deveria ter dado a você a chance de explicar antes, mas ...

Ela quebrou o contato visual, sua língua disparando para umedecer o lábio inferior.

— Mas? — Ela suspirou, seus ombros cedendo com a expiração. — Mas isso se tornou uma grande confusão. Estou envergonhada de como agi.

Ele traçou os dedos ao lado de seu rosto e ficou hipnotizado pela delicada suavidade de sua pele. Ela fechou os olhos, deixando escapar um gemido quase inaudível, e ele quis gemer em apreciação.

— Eu te amo, Beth. — A verdade escapou sem pensar. Por uma fração de segundo, ele quis retirar o comentário. O medo e a humilhação iminente restringiam seu peito.

Mas quanto mais ele olhava para ela, quanto mais ele tocava sua bela pele e respirava seu doce perfume, mais ele não se importava com as consequências de sua admissão.

Ele a amava e não se importava se ela o abatesse em chamas; ele precisava que ela soubesse a extensão de sua loucura por ela.

— Não faça isso. — Seus olhos se apertaram com mais força, sua palma se movendo para descansar em seu peito em uma tentativa punitiva de afastá-lo.

— Deixe-me explicar, — ele sussurrou. — Por favor.

Ela abriu os olhos. — Eu não mereço uma explicação. O sábado passado significou tudo para mim. Você me deu um vislumbre de seu verdadeiro você. Eu pude ver um lado de Dean Sutherland que eu nunca soube que existia. E Deus, isso me deixou feliz. Mas então chegou segunda-feira e fui pego de surpresa por ...

— Eu sei, e...

Ela colocou a mão sobre a boca dele e sorriu. — Me deixe terminar.

Ele ergueu uma sobrancelha, impressionado e ligeiramente excitado com a demanda atrevida dela.

— Dean, fui pega de surpresa por uma nota que Steve escreveu sobre nós. Saber que você contou a ele detalhes íntimos sobre nosso tempo juntos realmente me magoou. Então as coisas que seu pai disse tornaram tudo pior. Eu não conseguia pensar além da traição para lhe dar a chance de explicar.

Mas eu não deveria ter sido tão rápida em julgá-lo depois do fim de semana que compartilhamos. E eu sinto muito por isso. Eu não apenas piorei a situação para você enquanto você estava fora da cidade ajudando sua irmã, mas agora eu pareço uma pirralha infantil.

Ele sorriu sob o peso de sua palma. Nenhuma outra mulher se desculparia por ser indiferente a ele depois do que ela havia passado. Não nessas circunstâncias.

Ele beijou sua palma e agarrou sua mão, afastando-a de sua boca. — Pirralha ou não, meio que gosto da sua aparência.

Ela deu uma risada indiferente e a centelha de calor em seus olhos se espalhou por sua conexão, subindo pelo braço até o peito. — Você 'meio que gosta' de muitas coisas.

Ele não pôde deixar de sorrir com a memória da histeria em seu rosto na primeira vez que disse essas palavras para ela. — Apenas com v...

Um estrondo alto soou do poço do elevador acima, fazendo os dois pularem.

— Isto é gerenciamento de edifícios, — a voz de um homem ecoou de cima. — Está tudo bem aí?

Droga.

Tudo que Dean precisava era de mais cinco minutos de merda.

Ele inclinou a cabeça em direção ao teto, então ele não gritou na cara de Beth. — Sim, estamos bem. Só nos dê um segundo. — — Sinto muito, senhor, mas a menos que haja uma emergência, vou precisar que você volte ao saguão. Tivemos dificuldades técnicas com o outro elevador e este é o único disponível. Temos um grande grupo de pessoas tentando voltar ao trabalho após o intervalo para o almoço.

— Sim, ok. — Ele reprimiu um grunhido. — Sem problemas.

— Ele voltou sua atenção para Beth, ignorando o pedido do gerente do prédio. Ele não podia arriscar que ela fosse embora sem ouvi-lo e ainda tinha um monte de coisas para explicar. — Eu preciso que você entenda a situação com meu pai. perceber que não dormi com você para me vingar dele. Sua proposta apenas me estimulou a fazer o que eu deveria ter feito há muito tempo.

Sua testa franzida, seu olhar se estreitando com o mais leve ceticismo. — O que isso significa?

— Significa que não consigo parar de pensar em você desde o primeiro dia em que nos conhecemos. Você era tudo que eu me fiz acreditar que não existia - honesta, apaixonada, leal, dedicada.

Ele entrou nela, unindo seus corpos coxa com coxa enquanto a olhava fixamente. — Eu poderia continuar por uma eternidade listando seus atributos e ainda não te convencer de tudo que admiro. Mas o ponto principal que você precisa entender é que sempre pensei que você era bom demais para ser verdade.

Ela empacou e ele amou a inocência de sua resposta.

— Sempre pensei que você não era totalmente real, — admitiu. — No mínimo, você era muito pura e doce para um cara com a minha reputação. Então nos beijamos em Onyx e tudo mudou. Desde o momento em que nossos lábios se encontraram, eu precisava de mais. Mas você saiu sem dizer uma palavra e agiu como se lamentasse cada momento.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não era assim.

Ele se aproximou, suas bocas separadas por uma respiração enquanto ele estalava a língua. — Agora é a minha vez de explicar. OK?

Ele a beijou, um golpe lento e suave de conexão. — Depois de Onyx eu fui destripado. Sua rejeição foi profunda e pela primeira vez eu não tive confiança para ir atrás do que eu queria. que eu sabia que tinha que fazer algo. Mas não era uma rivalidade entre pai e filho. Não exatamente. Eu nunca vi você namorar. Nem mesmo uma vez. Então, a ideia de perder você para alguém foi minha motivação.

Ele fez uma pausa, tentando julgar sua reação. Sua expressão não revelou nada. Sem crença. Sem ceticismo. Ela se controlou, perfeitamente composta.

— Eu nunca usaria você. — Ele marcou suas palavras com outro beijo breve. — Eu nunca iria desrespeitar você.

— Então por que você se gabou de nós para Steve? — Ela sussurrou contra seus lábios.

Merda. Essa nota estúpida.

— Eu não dei a ele detalhes íntimos. — Ele quebrou o contato visual para acariciar seu pescoço com o nariz. — Eu apenas disse a ele que estávamos juntos, e fiz isso por dois motivos. O primeiro, admito, é infantil. Eu não conseguia guardar a notícia para mim mesmo. Eu precisava contar a alguém, e há muito tempo Steve sabe como me sinto por você.

Ela se contorceu em seus braços, tentando se libertar, mas ele a segurou com força.

— A segunda razão - a principal razão - era porque eu queria que ele cuidasse de você enquanto eu estivesse fora. Contei a ele sobre meu pai e como você se sentiria desconfortável em vir trabalhar na segunda-feira. Eu precisava ter certeza de que seria mantido informado se algo acontecesse. Era a única maneira de me arrastar para fora da cidade quando sabia que Megan precisava de mim.

O corpo dela se afundou no dele e ele tomou isso como um sinal de aceitação. Ele acariciou sua bochecha com a ponta do nariz, movendo a boca para baixo para dar um beijo na carne sensível abaixo de sua orelha. — Não houve nenhuma outra mulher. Existe apenas você.

— Eu quero acreditar em você.

— Acredite em mim, Beth. — Ele fechou os olhos e deslizou a mão por baixo da camisola, os dedos deslizando levemente sobre a pele da parte inferior das costas. — Estou me afogando em você.

A mão de Dean deslizou por seu cabelo, sua grande palma cobrindo sua cabeça enquanto sua boca voltava a pairar sobre a dela. A batida de seu coração bateu contra seus dedos enquanto aqueles olhos castanhos escuros a devoravam.

E ele pensou que era ele quem estava se afogando?

Ela engoliu em seco para aliviar a garganta seca e a compulsão de lamber os lábios era inegável.

Sua boca se aproximou. A onda de ansiosa antecipação fluiu por seus ouvidos, tornando-a alheia a qualquer outra coisa, exceto a ele. Um leve ruído deslizou em seu subconsciente, a interrupção não ressoou. O toque de suas mãos exigia toda sua atenção com suas deliciosas carícias.

Seus lábios roçaram os dela, um toque delicado de perfeição.

— Desculpe estragar o momento... — Ela pulou com a voz alta crescendo acima deles. — ...Mas se você não ligar o elevador agora, vou ter que chamar a polícia.

Seus olhos se arregalaram em uma mistura de vergonha e diversão enquanto Dean sorria para ela.

O barulho veio logo acima da porta. O gerente do prédio deve ter localizado o nível entre o qual eles estavam presos e se aproximou para investigar. — É melhor irmos.

Dean balançou a cabeça. — Só mais alguns minutos.

Seus lábios se moveram sobre os dela antes que ela pudesse protestar. A escova foi delicada sobre seu sorriso crescente, antes que ele pressionasse mais para um beijo mais profundo. Ela afundou em seu peito, um gemido deixando sua garganta enquanto uma língua gentil acariciava a dela.

— Vamos, rapazes, — implorou o homem. — O lobby já formou uma multidão de pessoas.

Ela riu, tomada por uma repentina sensação de felicidade. Dean não a deixou ir. Ele moveu uma coxa dura entre as dela, avançando para descansá-la contra a parede. Com força sedutora, ele a saboreou, sua língua empurrando, sua coxa apertando, sua mão agarrando seu cabelo.

Cada centímetro dela formigou. Latejante. Ela correu as mãos ao longo de seu peito, ao redor de seu pescoço, querendo mais, apenas um pouquinho para saciar sua necessidade insaciável.

Os dedos dele ao longo de seu couro cabeludo a fizeram estremecer. Cada golpe, cada impulso, cada lambida a fazia delirar.

— Você sabe que temos uma câmera no elevador, — gritou o homem. — Enquanto conversamos, meu assistente está na sala de controle observando vocês dois.

Oh Deus.

Ela tomou outra decisão ruim - voltar para seu antigo emprego, se aproximar de Dean, se beijar em um elevador parado enquanto estava sendo gravada ..., Mas desta vez sua punição não veio na forma de dor no coração. Seus olhos ardiam de felicidade. Seu estômago embrulhou com borboletas que se acumulavam rapidamente.

Dean chamou a atenção, seu brilho aquecido fixando-se na pequena câmera dome no canto traseiro. Com um grunhido, ele bateu dois nós dos dedos contra o botão do lobby.

Ela teve que apertar os lábios com força para conter uma risada histérica, pelo menos até o elevador começar a se mover, fazendo-a engasgar.

— Está bem. — Dean agarrou a mão dela, seu polegar acariciando para frente e para trás contra sua pele enquanto desciam.

Quando as portas se abriram no andar térreo, suas bochechas queimaram. As pessoas estavam amontoadas cinco vezes ao redor da porta. Alguns deles franziram a testa, lançando olhares imundos para ela, enquanto outros seguravam sorrisos extravagantes como se imaginassem que tipo de ação triplo-X estava acontecendo no elevador.

Dean a conduziu através da multidão, para o espaço aberto do saguão antes de parar e se virar para encará-la. Aqueles olhos escuros a leram, o toque suave de seus lábios aumentando sua euforia quando ele se inclinou para enrolar os dedos dos pés dela com um beijo doce.

Ela sorriu contra sua boca, não se importando que eles tivessem uma audiência - até que ele se afastou e se ajoelhou aos pés dela. Seu estômago desceu com ele, deixando seu corpo e caindo direto no chão. Isso não poderia estar acontecendo. Ele não poderia estar propondo.

Ela esquadrinhou a sala, procurando freneticamente por uma distração, uma tábua de salvação, alguém ou qualquer coisa para impedir outro desastre de trem.

— Beth, eu senti sua falta. Eu não suporto acordar...

— Dean, — ela avisou, ainda procurando por alguém que ela conhecia na multidão de pessoas que agora estavam curiosas, ansiosas para assistir o desastre que se desenrolava.

— ...E não ver seu rosto no trabalho todos os dias. Eu quero te conhecer melhor...

— Dean, — ela implorou, sua mão puxando a dele em um esforço para fazê-lo se levantar. Ela começou a esfregar o pescoço com a mão livre, tentando aliviar a tensão para não hiper ventilar.

— Eu quero você na minha vida...

Oh Deus. — Por favor, Dean.

Ele a ignorou. Certamente o horror deve estar claro em seu rosto.

— Quer sair comigo?

A sala ficou em silêncio, ou talvez seus ouvidos simplesmente pararam de funcionar.

O que ele perguntou? Ela franziu a testa, tentando retomar a conversa enquanto um sorriso iluminava seu rosto. Você não vai se casar comigo, mas você vai sair comigo?

Ela largou a mão dele e olhou feio.

Desgraçado.

Ela tentou transmitir o quanto queria esfolá-lo vivo enquanto pressionava os lábios com força, determinada a não sorrir. — Você me assustou quase até a morte.

Seu sorriso se transformou em um sorriso, um conjunto de dentes brancos brilhantes atingindo sua força total. Nenhuma mulher em seu perfeito juízo poderia resistir a sorrir de volta para o belo homem ajoelhado diante dela. Ela não precisava se virar e ver os rostos das mulheres espectadoras para saber que elas estavam se perguntando por que ela tinha tanta sorte.

— Suponho que convidar alguém para um encontro real é tão monumental quanto propor casamento para um jogador como você, — ela falou lentamente.

Ele agarrou o peito, fingindo um ferimento mortal. — Você está me matando, querida.

Ela olhou ao redor, notando as dezenas de pessoas sorrindo para eles, seus rostos ansiosos enquanto esperavam por uma conclusão. — Você sabe que todo mundo pensa que você acabou de propor, certo?

Ele deu um aceno presunçoso. — Você vai deixar todos nós saber a sua resposta?

Ele recolocou as mãos, seu toque enviando arrepios quentes por seu braço e para baixo em seu peito. Ela deve continuar olhando feio. Ele não merecia ser liberado tão facilmente. Não quando a fofoca deste momento levaria minutos para passar por todos os níveis do edifício e anos para ir embora.

Mas aqueles olhos escuros, aquele sorriso perfeito, seu toque gentil ... Eles a aqueceram de uma maneira que ela sempre sonhou desde que conheceu este homem.

O futuro deles foi mapeado em sua mente por milhares de fantasias por um longo tempo. A única coisa que sempre interferiu para arruinar a imagem foi a reputação de Dean e o medo que ele não podia cometer.

Seu rosto caiu, o sorriso malicioso desaparecendo como se ele entendesse seus pensamentos. Ele continuou a olhar para ela de sua posição sobre os joelhos dobrados, sem permitir que sua atenção se desviasse para a multidão educadamente fora do alcance da audição.

— Beth. — Seus olhos imploraram mais do que suas palavras enquanto ele apertava os dedos dela com força. — Eu te amo. — O futuro deles foi mapeado em sua mente por milhares de fantasias por um longo tempo. A única coisa que sempre interferiu para arruinar a imagem foi a reputação de Dean e o medo que ele não podia cometer.

— O mundo se inclinou, sua visão distorcida por um breve segundo.

Ele havia dito essas palavras no elevador, mas naquela época ela não tinha ouvido. Ela não merecia ouvi-los. Ela não queria acreditar nele.

Desta vez foi diferente. Desta vez, seu coração se derramou nas três palavras monumentais, sua honestidade tecendo em torno dela, confortando-a.

— Beth?

Ela não podia negar a ele.

Sua cabeça balançou a cabeça com entusiasmo e ela murmurou sua resposta sem voz. O saguão explodiu em uma massa de aplausos, o mundo lá fora começando a girar novamente. A multidão pode pensar que eles estavam noivos agora, mas isso não importava. A proposta de namoro de Dean foi tão monumental quanto uma proposta de casamento. E ela não poderia estar mais exultante.

Ele a amava. Dean Sutherland, o assassino de mulheres da cidade e dos estados vizinhos, a amava. Seu coração disparou enquanto ela tentava conter suas emoções.

Ficando de pé, ele passou os braços ao redor dela e ela fechou os olhos em seu abraço.

— Eu te amo, — ele sussurrou. — Deus, como eu te amo.

Epílogo

Três Meses Depois

Beth ergueu as sobrancelhas e olhou para Dean, que estava ajoelhado diante dela. Sério? Ele realmente iria repetir toda a proposta falsa de novo?

Ela contou mentalmente quantas vezes ele havia feito essa manobra. A primeira vez foi convidá-la para sair. O segundo veio no final do primeiro encontro, seu pedido de joelhos dobrados para um segundo encontro desta vez. Em seguida, a terceira cena foi em um parque aleatório apenas duas semanas depois, pedindo-lhe para voltar ao seu antigo cargo na Sutherland & Son.

O mais recente, e monumental, tinha sido apenas na semana anterior, na varanda do apartamento dele - você vai morar comigo?

Sim, suas propostas de joelho dobrado estavam subindo ligeiramente, mas ele as fizera tantas vezes que o zing agora havia deixado o prédio.

— Dean, se você me perguntar algo idiota como se eu quisesse comida chinesa para o jantar, terei que remover seus pedaços viris com minhas unhas.

O sorriso que ele deu a ela continha um calor puro e inebriante com uma dose ainda mais impressionante de afeto. Depois de três meses, ela ainda não tinha se acostumado com sua devoção inebriante. A forma como



os olhos dele se encheram de apreciação e adoração fazia com que seu coração pulasse uma batida toda vez.

— Não, docinho, isso não é sobre comida chinesa, então, por favor, tire os olhos dessas partes viris.

Bem, isso excluiu uma possibilidade de uma lista de milhares.

Ela balançou a cabeça em frustração exagerada e se virou para ir embora. Ela o amava até a morte, mas ela não tinha tempo para outra tentativa de proposta falsa quando havia um bilhão de caixas empilhadas em seu corredor.

Embora ela nunca admitisse em voz alta, a decisão de mover seus pertences para a casa de Dean sem ajuda profissional foi um erro de proporções monumentais. Ela se imaginou salivando sobre o corpo sexy e suado de seu homem o dia todo e, em vez disso, estava muito distraída com dores na parte inferior das costas por causa de todo o levantamento de peso.

Ele agarrou a mão dela antes que ela pudesse fugir e segurou firme. — Por favor, Beth.

Um sorriso apareceu em seus lábios. Ela não podia negar. Não no quarto. Não no escritório. Ela deu a ele tudo que ele queria, e ele retribuiu a generosidade dez vezes mais.

Ela se virou para ele e engasgou com a visão diante dela.

Seu sorriso permaneceu intacto enquanto ele agarrava seus dedos em um aperto suave e quente, mas sua outra mão agora embalava uma pequena caixa preta.

Ela fechou a boca aberta e tentou manter a calma enquanto erguia uma sobrancelha. Ela poderia jogar com calma. Essa caixa provavelmente estava cheia de uma chave de seu apartamento. A pequena caixa da joalheria de veludo preto que ele deliberadamente usou para tentar tirá-la de sua mente sempre amorosa.

— Beth Graison. — Ele soltou a mão dela, seu olhar nunca deixando o dela enquanto ele abria a caixa com um rangido ensurdecedor, então a alcançou novamente.

Ela tentou ignorar o brilho vindo de sua palma aberta, tentou manter os olhos fixos nos dele enquanto pequenas explosões de luz refletida acenavam para ela.

— Você me arruinou, — ele murmurou. — Nunca haverá ninguém mais. Não agora, ou no futuro.

Um soluço escapou de seus lábios e seu coração palpitou no ritmo da salsa. Ela não conseguia pensar. Não foi possível formar palavras.

Sua expressão se suavizou, seu sorriso perdendo sua arrogância masculina para ser substituído pela adoração em que ela se viciou. — Eu te amo. Eu nem mesmo entendi totalmente o conceito até que nos beijamos pela primeira vez, e agora eu morreria antes de deixar você ir. Você me daria a honra de se tornar minha esposa?

Ela engoliu em seco, seu cérebro ainda funcionava mal. Não houve resposta neste momento. Nada monumental ou requintado o suficiente para marcar esta ocasião. Lágrimas queimaram seus olhos, a picada fazendo-a piscar rapidamente, sua visão turva. — Eu-eu…

Ela agarrou a mão dele, puxando e puxando até que ele se levantou. Ela lançou os braços ao redor dele, agarrando-se com força enquanto se aninhava em seu peito.

Ele a segurou até que seu pulso diminuísse para um ritmo onde ela pudesse respirar. Abraçou-a como se nunca fosse deixá-la ir. Abraçou-a até que finalmente sussurrou em pânico: — Isso é um sim, certo?

— Ela se afastou e olhou para a felicidade futura que ela poderia facilmente ler em seus olhos. — Sim, Dean Sutherland , — ela engasgou. — Eu não quero nada mais do que me casar com você.

SOBRE a AUTORA

Eden Summers é um autor best-seller de romance contemporâneo com um lado chocante e sarcasmo.

Ela mora na Austrália com uma jovem família que sabe muito bem que ela está driblando a insanidade.

Eden não consegue resistir ao domínio alfa, características sombrias e sarcasmo em seus heróis fictícios e ama uma heroína forte que sabe quando morder a língua, mas também serve a retribuição com um sorriso feminino no rosto.